CELESTE

ORG. ARIETA MARAFON FABRÍCIO

ASA DA PALAVRA

Celeste

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Ana Lúcia Siqueira Silva - CRB 8/7956

B645c

Bormann, Maria Benedita Câmara (Délia), 1853-1895.
Celeste / organização: Arieta Marafon Fabrício. – Campinas, SP : Asa da Palavra, 2023.
308 p. il.

ISBN 978-65-87407-35-7
E-book no formato PDF

1. Bormann, Maria Benedita Câmara (Délia), 1853-1895. 2. Ficção brasileira. 3. Mulheres na literatura. I. Fabrício, Arieta Marafon, 1997-. II. Título.

CDD: B869.34

Copyright © 2023 by Asa da Palavra

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19 fev. 1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, dos detentores dos direitos.

Conselho Editorial da Asa da Palavra
Daniela Birman
Érica Lima
Jacqueline Peixoto Barbosa
Jefferson Cano
Lúcia Granja
Marcos Siscar
Mário Frungillo
Viviane Veras

Direitos reservados à

Asa da Palavra
Rua Sérgio Buarque de Holanda, nº 571
Campinas – SP – Brasil – CEP: 13083-859
https://publicacoes.iel.unicamp.br/asa-da-palavra/
Instagram: @asadapalavraeditora
Facebook: /asadapalavraeditora
Twitter: @asadapalavra_

CELESTE

Délia

Org. Arieta Marafon Fabrício

Sumário

Apresentação 11
O último romance 18
Resgate: a ficção e a educação feminina 23

Primeira parte
Capítulo I 29
Capítulo II 35
Capítulo III 41
Capítulo IV 47
Capítulo V 53
Capítulo VI 59
Capítulo VII 66
Capítulo VIII 72
Capítulo IX 79
Capítulo X 87
Capítulo XI 94
Capítulo XII 103
Capítulo XIII 111
Capítulo XIV 120
Capítulo XV 127
Capítulo XVI 135

Segunda Parte

Capítulo I 145
Capítulo II 150
Capítulo III 157
Capítulo IV 163
Capítulo V 170
Capítulo VI 177
Capítulo VII 184
Capítulo VIII 191
Capítulo IX 198
Capítulo X 206
Capítulo XI 216
Capítulo XII 225
Capítulo XIII 233
Capítulo XIV 244
Capítulo XV 254
Capítulo XVI 267
Capítulo XVII 284

Notas 291
Bibliografia 305

Apresentação

Arieta M. Fabrício

Terminou a semana dando-nos o mais fundo sentimento, arrebatando-nos três seres ao nosso intenso afeto: Délia (Maria Benedita da Camara Bormann), Domingos Moitinho e Fonseca Ramos.

Sobre o túmulo da infeliz Délia, raras flores têm esparzido a imprensa, essa imprensa, que ela tanto amou, que foi a sua loucura, onde vazou todo o perfume de sua grande alma, onde deixou todo o aroma de seu jardim intelectual, em frações delicadas, em deliciosos pedaços que talvez ninguém cuide em reunir e que daqui a pouco todos esquecerão como as harmonias e perfumes ouvidas e sentidas na mocidade, que deliciam a alma, mas não lhe prendem a gratidão perpétua.

Infeliz Délia! Pobre sepultura de batalhadora brilhante a quem negam uma devida homenagem na hora em que o respeito humano deve fazer Justiça!

Macambóa.

E foi assim que se encerrou a vida pública de Délia, Maria Benedita Câmara Bormann, com a profecia de que seus escritos seriam esquecidos, assim como ela, cujo corpo já estava no túmulo, sozinho. E, por longos anos, foi exatamente isso que sucedeu, seus textos ficaram abandonados nas velhas páginas dos jornais, nas bibliotecas das pequenas cidades, nas gavetas daqueles que receberam por herança os livros dos seus familiares.

Mas, em 1988, iniciou-se um projeto do Ministério da Cultura e do Instituto Nacional do Livro, chamado Coleção Resgate, que deu início à recuperação de obras nacionais. Um dos textos escolhidos foi *Celeste* (1893), um romance de Délia que, com introdução da pesquisadora Nanci Erget, recebeu sua terceira edição, lançada pela Editora Presença, do Rio de Janeiro. Ainda que seja uma edição relativamente recente, não é um livro de fácil acesso. Foi necessário o auxílio da bibliotecária Sandra Lohn, que gentilmente se dispôs a digitalizar a edição que há na Biblioteca Municipal de Águas Mornas (Santa Catarina), para que eu pudesse ter acesso ao texto. Uma história tão envolvente e cheia de sentimentos não poderia permanecer desconhecida, por isso decidi preparar esta nova edição de *Celeste*. Utilizando a edição de 1988, cedida por Lohn, foi feita a atualização

da ortografia do texto e de possíveis erros que aparentam ter sido tipográficos e que podem ter passado na edição feita por Erget. Não foi alterada a redação e muito menos o estilo que Délia tinha em sua escrita.

Para que o romance seja mais bem apreciado, é necessário entendermos a história de sua autora, Maria Benedita Bormann, que usou o pseudônimo de Délia durante sua vida de talentosa escritora. Essa mulher nasceu em 25 de novembro de 1852, em Porto Alegre (Rio Grande do Sul), cidade em que viveu até os 10 anos, quando sua família mudou-se para o Rio de Janeiro em função do trabalho de seu pai que, segundo alguns documentos, era um conferente da Alfândega.

Ao completar vinte anos, casou-se com José Bernardino Bormann, que era seu tio materno e, por consequência, mudou seu nome para Maria Benedita Câmara Bormann. Seu marido era capitão da infantaria e participou de todas as campanhas do sul e da Guerra do Paraguai, onde recebeu inúmeras medalhas, além de ser graduado como bacharel em Matemática e Ciências Físicas.

Em 1874, José Bernardino Bormann foi morar no sul do país. Por lá ficou um período, onde chegou a participar do grupo que fundou a colônia de Chapecó, do qual virou diretor em

1884 e permaneceu no cargo por quatorze anos. Foi também governador do estado do Paraná por duas vezes e, após a morte precoce de sua esposa, casou-se com Ana Vera Monteiro. Não teve filhos com nenhuma delas.

Esse casamento suscitou algumas especulações, principalmente pelo tempo que passaram separados, com o marido no Sul e a esposa no Sudeste. Não se sabe se em algum momento ela acompanhou o esposo; o que se sabe é que nos períodos de solidão foi quando mais publicou nos jornais da cidade do Rio de Janeiro.

Em seus escritos, deixava sempre avisado que misturava fatos vividos e sua própria imaginação, mas que isso não deveria levar os leitores a confundirem a vida dos personagens com sua vida pessoal.

Norma Telles, pesquisadora da biografia da autora, informa que os comentadores da época diziam que foi aventuroso e errante o seu viver, e que ela foi infeliz . Mas os detalhes dessa vida ficaram nas sombras das lembranças de alguns dos seus contemporâneos ou em confusões que fazem com suas personagens.

Maria Benedita Câmara Bormann, escreveu para os principais jornais do Rio de Janeiro por 10 anos, estreando no periódico *O Sorriso,* onde há também uma publicação de seu marido. Segundo Telles, ele também era um escritor de

romances e livros de história e, por publicarem no mesmo jornal, a pesquisadora concluiu que, pelo menos naquele momento, o marido não se opunha ao fato de sua esposa escrever. Após essa publicação, ambos começaram a ser publicados pelo *Cruzeiro*, onde ela lançou vários contos breves e folhetins.

Durante minhas pesquisas, encontrei também os textos de Délia circulando fora da Corte, o que mostra certa abrangência na difusão de seus escritos. Mas foi no Rio de Janeiro que ela mais teve oportunidades, por lá publicou em alguns outros jornais, todos sempre abolicionistas e republicanos. Além de seus contos breves, também lançou livros: *Aurélia* (1882), *Angelina* (1886), *Estátua de neve* (1890), *Uma victíma* (1884), *Duas irmãs* (1884), *Magdallena* (1884), esses três últimos em um volume único pela Typographia Central de Evaristo Costa, em 1884; Em 1890, publicou seu romance mais conhecido até hoje, *Lésbia*. Em 1893, escreveu seu último romance, intitulado *Celeste*. Mas durante esse período não deixou de publicar contos para o jornal *O Paiz*.

Esses romances, exceto *Angelina* e *Celeste*, estão disponíveis no site mantido pela pesquisadora Norma Telles, para que possamos apreciar sua escrita e conhecer mais sobre a vida da autora.

O último romance

Celeste foi o último romance de Délia, publicado em 1893 pela Magalhães & Companhia, no Rio de Janeiro, e, no ano seguinte, em folhetim pelo periódico *A Notícia*. Não se sabe ao certo quantos exemplares essa edição teve, o que se tem é que houve uma nova impressão da edição com mil exemplares, anunciada como segundo milheiro. A nível de comparação, o livro *O Homem* (1887), de Aluísio de Azevedo, teve três edições com 1.900 exemplares cada, totalizando 5.700 livros, considerado um *best-seller* para a época. Alexandra Santos Pinheiro, em "Entre contratos e recibos: o trabalho de um editor francês no comércio livreiro do Rio de Janeiro oitocentista", informa que *Papéis Avulsos* teve tiragem de 950 exemplares.

Folha de rosto do livro *Celeste* de 1893, segundo milheiro

DÉLIA

CELESTE

SEGUNDO MILHEIRO

RIO DE JANEIRO
Magalhães & C. — Editores
3 e 5 Rua da Quitanda 3 e 5
LIVRARIA MODERNA
1893

CASA GARRAUX
C. HILDEBRAND & C. — LIVREIROS
S. PAULO

Como se vê na página de rosto do exemplar, no mesmo ano, o livro ganhou nova impressão, o que só seria viável se os primeiros mil exemplares já tivessem sido vendidos, justificando, assim, a impressão do segundo milheiro. O exemplar traz o carimbo da Casa Garraux, a mais importante livraria de São Paulo, o que atesta a circulação do romance em outros estados, além do Rio de Janeiro.

Além disso, o jornal *Gazeta Postal* do Pará traz, no dia 2 de novembro de 1893 uma crítica sobre o romance, escrita por Acrísio Motta. Ele diz sentir que os escritores do momento não estavam mais trazendo novidades em suas histórias, onde todas acabavam tendo sempre os mesmos personagens principais, tal como Celeste, uma pobre rapariga histérica, ninfomaníaca, cheia de sonhos eróticos, prenhe de sensualidade até a medulas dos ossos, mas que, apesar disso, a leitura era agradável e fácil.

Motta ainda se refere a Délia como "futurosa e hábil escritora pública, que sabe manejar muito bem a pena com prodígio dos grandes estilistas franceses", chamando atenção para a cena da noite de núpcias descrita no romance, sendo para ele a melhor e mais bem escrita dos romances brasileiros que ele já leu. Para Motta fica claro que, por se tratar de um romance naturalista, era necessária a falta de moral, mas ele não queria julgar a autora, pois,

para ele, a moral já havia fugido há muito tempo da baía de Guanabara e a autora era só mais uma vítima do meio que a circundava.

Um anúncio do livro, veiculado pelo periódico *O Tempo*, do Rio de Janeiro, traz uma nova informação sobre a circulação do romance, pois esclarece que ele já havia sido publicado em suas colunas como folhetim. Assim, a primeira edição do livro pode não ser a que conhecemos, de 1893, mas sim um folhetim veiculado no jornal *O Tempo* antes do lançamento da edição impressa em livro. Não foi possível encontrar as edições dos periódicos em que a história teria sido publicada, portanto não é possível saber se houve mudança no texto nessa transição de suportes. O que é possível saber, por enquanto, é que foi uma história bem difundida, pois, provavelmente, saiu do folhetim para o livro e retornou ao folhetim, na edição que já conhecemos, de 1894, no periódico *A Notícia*, também do Rio de Janeiro.

A história da vida da protagonista, a jovem Celeste, é a matéria do romance, em cujas páginas acompanhamos o casamento de seus pais, seu nascimento, infância, juventude, casamento, divórcio, sua vida após esse momento até o seu último respiro. É ambientado na cidade do Rio de Janeiro, como muitos outros romances da autora, mas esse traz um cenário especial: a casa onde a própria autora viveu na cidade, Rua

Resende, 48, com a fachada de azulejos, duas portas e duas janelas, que está de pé até hoje.

Traz a temática do casamento, também muito comum em suas obras, mas fazendo uma espécie de denúncia sobre as situações que eram vividas dentro do matrimônio naquele período. A autora escancara, de forma bem característica do movimento Naturalista, como as relações de poder patriarcal eram prejudiciais para as mulheres, principalmente quando a autoridade do marido chegava ao ponto de sufocá-las por meio da violência doméstica.

Em *Celeste,* ela traz a história de uma mulher que assume a autoria de sua vida e, principalmente, de seu próprio corpo, que se separa do marido e decide viver da maneira que ela entende que é melhor para si. Mas a sua fragilidade aparece em sua dependência econômica já que a protagonista continua dependente de uma mesada de seu, agora ex, cônjuge que, por ainda nutrir sentimentos por ela, aceita mantê-la financeiramente.

O romance tem muitas reviravoltas e sua história é envolvente, tratando de assuntos que só fomos começar a dar mais visibilidade no século XXI, como a violência doméstica, estupro marital, divórcio e feminicídio. Délia, 100 anos antes, já tentava contrapor e argumentar sobre estes assuntos.

A partir deste ponto, deixo a cargo de você, leitor, que veja por si mesmo como foi a construção dessa história escrita ainda no século XIX, mas que traz tantos assuntos atuais, que poderia ser facilmente adaptada para algum *streaming*. Além disso, você terá a oportunidade de mergulhar nessa história e saber como foi a vida de Celeste, que amou e foi amada. Ela carregou em seu corpo um desejo que condicionou o seu destino final.

Resgate: a ficção e a educação feminina

A educação recebida pelas mulheres do século XIX era muito mais moral do que conteudista, porque, naquele momento, entendia-se que, se elas aprendessem muito mais do que o necessário, poderiam sofrer consequências negativas, pondo em risco a segurança de seus próprios lares.

Para a elite daquela sociedade, eram educadas para que fizessem um bom casamento e fossem boas mães, já que eram elas as que primeiro educavam os filhos, por isso a necessidade de terem esse tipo de instrução. Em nenhum momento pensava-se na própria mulher, mas sim no que a sociedade que a cercava esperava dela.

Mas várias delas começaram a reivindicar seus direitos e, utilizando a escrita e o acesso à

publicação de periódicos e livros, conseguiram desenvolver e mostrar suas visões, utilizando-se, principalmente, desses meios literários.

Rodrigues e Queiroz comentam que, por meio da alfabetização, essas mulheres conseguiram a instrução necessária para se aventurar nas letras e também nas publicações. Na década de 1870 começou a haver um número significativo de publicações em periódicos, que antes eram protagonizados por homens. Nesse momento, os assuntos dedicados ao público feminino começaram, também, a ser escritos por mãos femininas.

Algumas iam além e traziam, com sua coragem, os assuntos emancipatórios, como a importância da educação básica para benefício próprio e para o mundo. Outras eram ainda mais ousadas, como Délia em seus romances, abordando assuntos que gerariam muita polêmica, até mesmo nos dias atuais, e que estão presentes em suas histórias para as mulheres terem acesso a esse tipo de conteúdo e poderem construir uma visão mais emancipatória de suas próprias vidas.

Ainda segundo Rodrigues e Queiroz, assim que foram alfabetizadas, as mulheres começaram a criticar a vida que viviam, assim como Délia fez em seus textos. Ela escreveu sobre mulheres que tinham acesso à educação e, mesmo assim, isso não era o suficiente para que

fossem felizes. Em *Celeste*, podemos observar como a vida da mulher deveria se moldar em função de sua família, no caso, marido e filhos, para que pudessem ser aceitas dentro dos círculos sociais da época.

E, aos poucos, vamos conhecendo mais sobre o século XIX, principalmente sobre as mulheres, que ficaram tanto tempo silenciadas para nós, mas que, em sua contemporaneidade, existiram e chegaram a ser figuras importantes. Tentando contrariar a previsão de Macambóa, sobre o esquecimento a que Délia estaria fadada, deixo aqui mais uma rosa no túmulo de Maria Benedita Bormann, esperando que, ao ler este romance, você também deixe sua rosa de não apagamento de mais uma mulher escritora do século XIX.

Primeira parte

I

Cofiando impaciente o bigode, passeava agitado Artur pelo corredor, até ao quarto de cama.

Sentada à beira do leito, com uma saia de xadrez escuro e um casaco branco, tomava Celeste uns pontos na renda do vestido, estendido a seu lado.

Além da cama, um lavatório com pedra mármore, duas cantoneiras bordadas a miçanga, um guarda-vestidos e uma mesa de cabeceira.

— Falemos seriamente! — disse ele, entrando na alcova e atirando-se na próxima cadeira. — Então é irrevogável a sua determinação de para sempre vivermos estranhos um ao outro? — inquiriu, com mal contida cólera.

— É!

— Toma cuidado, reflete, não me leves a praticar alguma loucura! Não sou homem com quem se brinque, e não consentirei de boamente na desonra de meu nome! Não penses que me escapam os teus manejos. Desde o começo acompanho o teu namoro, e ai de ti, se passar disso!

— Nem há namoro, nem irá além, mas nunca mais te pertencerei viva — bradou com veemência, pregando a agulha e cruzando os braços, provocantemente.

— Quem sabe? Sou teu marido, tenho direitos sobre ti! — vociferou ele, sacudindo-lhe o braço e esmurrando-lhe brutalmente os ombros e as costas como já tantas vezes o fizera.

— Miserável! E queres depois possuir a mulher em que bateste! — soluçou ela, rubra de dor e de humilhação, com as lágrimas a saltar.

— Anda, repete agora o que dissestes, se és capaz!

— Nunca! Nunca!... É o meu corpo que tu queres; pois bem, jamais o terás, juro-te!

— Ah! — uivou ele, correndo delirante ao botão da porta, de onde sacou um chicote de montar.

Vendo-o aproximar-se, hediondo de furor, empalideceu Celeste, despedindo-se-lhe dos olhos fulmíneo lampejo. Ergueu-se fremente, lívida, com as narinas dilatadas; soberba da audácia e de desprezo, arrancou o casaco, desnudando o ebúrneo colo, e, palpitante, bradou:

— Aqui me tem! Pode vergastar à vontade!

Sofreada a raiva, arremessou ele o chicote para longe. Lutavam-lhe ainda no íntimo o rancor e o súbito despertar da razão, mostrando-lhe o indelével estigma do escândalo.

Caiu sobre o leito, ocultou o rosto nos travesseiros e rompeu em soluços nervosos, enquanto permanecia ela na mesma atitude, a um tempo aliviada de injuriosa expectativa e descontente com esse desfecho, pois naquele momento de real angústia resolvera tirar partido das sevícias que a flagelassem.

— Nem viverei com você, nem mais ficarei nesta casa. Vou para a companhia de meus pais! — disse com firmeza, abotoando o casaco.

— Mas… e eu?... Não sou ninguém? Marido, sem ter mulher? — perguntou, sentando-se.

— Seja o que quiser! Tenha a vida de solteiro! Não posso mais suportar este viver! Estou cansada, e até o odeio! Esgotou-se-me a paciência!

— E a minha, então! De modo que o casamento é uma comédia ali na igreja, não impõe deveres? Logo que uma mulher se enfastia, manda passear ao marido!...

— Acho o casamento detestável, porque o meu tem sido um martírio! Já que não temos filhos, que os nossos gênios não combinam e que protesto não mais tolerar cenas como esta, refugio-me no lar paterno, e já!

— Magnífico! Pois eu sigo para Pernambuco, e talvez cá nunca mais volte! — disse ele, saindo do quarto.

— Tanto melhor! — murmurou ela.

E, fechando a porta à chave, vestiu-se com precipitação, como que desejosa de abandonar aquele teto, onde tanto padecera havia quatro anos. Porém, ao calçar as luvas, olhava para todos os cantos, pesarosa, sentindo a pungente saudade do prisioneiro que deixa o cárcere.

Engoliu as lágrimas, refreou os soluços, mirou-se mesmo ao espelho uma última vez e saiu, batendo com as portas. Tremia-lhe todo o corpo, sentia indizível angústia, parecendo-lhe que se desmoronava toda a sua vida, em uma sensação de desequilíbrio.

Caminhava com o seu passinho miúdo, na ondulação do porte elegante e fidalgo, um tanto ruborizada, olhando para a frente, sem ver, com os grandes olhos míopes largamente abertos e luminosos. Lembrava-se de que muitas vezes pisara aquele passeio, quase a correr atrás do marido, que saíra, jurando não voltar a casa.

E agora lá ia, calcando as mesmas pedras, mas por sua livre vontade, sem o louco terror de separar-se dele, de não mais vê-lo, nem senti-lo. Lá ia, de cabeça erguida, com a altivez da revolta, sem demonstrar fraqueza, embora no peito se lhe confrangesse o coração em apreensiva tristeza.

— Que linda! Que chique! Que tetéia! — diziam-lhe na passagem.

— E que desgraçada! — murmurava ela sem o mínimo alvoroço de vaidade, pois sempre aborrecera os elogios banais e importunos.

Subiu a correr as escadas paternas, com frenesi abraçou e beijou a mãe que lhe veio ao encontro, levou-a à sala e tudo lhe relatou, chorando. De sobrolho carregado, ouviu-a matrona, vertendo lágrimas, irada contra o genro.

— Quando me opus a esse casamento! Bem te dizia eu que era um bruto, sem princípios! O coração das mães jamais se enganam! — acentuou autoritariamente.

— Agora é tarde! Ninguém sofreu mais do que eu. Talvez outra qualquer não suportasse tanto!

— Por que não me ouviste em tempo? Terias feito um bom casamento, estarias rica e feliz! Paixões!... Toleimas! Não é com isso que se manda comprar ao mercado ou à loja… O que vai ele fazer a Pernambuco?

— Viver em companhia do irmão, que lhe arranjará uma clínica rendosa.

— Mas falar-lhe-ei hoje mesmo, exigirei que te dê uma mesada; tem obrigação de manter-te! Mudar-nos-emos, pois todos os teus móveis não cabem no teu quarto de solteira. Pagarás parte do aluguel, e assim ficaremos bem acomodadas.

— Faze o que entenderes; não tenho cabeça para nada; sinto-me aniquilada!

Incontinenti vestiu-se a matrona, que era expedita, e foi em demanda do genro, encontrando-o um tanto serenado e quiçá arrependido da violência do próprio gênio. Depois de lamentações e desculpas, acudiu ele sem protesto à requisição da sogra, mas afetando certa dignidade e melancolia, ponderou:

— Por que não induz sua filha relevar o meu transporte? Haveria mútua concessão, pois eu também tenho queixas, e acabava-se tudo de modo decente.

— Celeste é rancorosa, e, com razão, está muito ressentida. O senhor não a compreendeu, não soube levá-la, e agora é tarde! Acho muito salutar uma separação provisória. Talvez o tempo, e sobretudo a ausência, lhe amoleça a alma. Em vista disso, acho conveniente que ela conserve os móveis e deles não se desfaça, não concorda?

— Como quiser! — disse ele, com indiferença.

II

Venâncio de Lima, pai de Celeste, era filho de um distinto médico, de grande nomeada na Corte, mas cujo prestígio findara com a sua morte, pois deixara uma prole medíocre, como quase sempre sucede aos homens superiores.

João, o mais velho, morreu tísico aos 20 anos. Ficara Venâncio, o predileto da mãe. Com empenhos conseguiu o pai empregá-lo em uma repartição pública, onde faria carreira paulatinamente, conforme procedesse.

Quando perdeu a mãe, já contava Venâncio 45 anos e ainda se conservava solteiro, porque não se quisera escravizar muito cedo aos caprichos de uma mulher, que talvez não se harmonizasse com a sogra. Daí desavenças, em

que teria de intervir e que lhe destruiriam o egoístico bem-estar.

Muito extravagante com mulheres, mas não as escolhia, porque não gostava de gastar, queria prazeres baratos. Na intimidade tinha uma linguagem desbragada, conversações ultralibidinosas e uma moral cambiante e adstrita à ocasião.

Acresce que o pai, apesar de homem ilustrado, lhe dera péssimos exemplos.

Desde a mais tenra idade, habituara-se Venâncio a ouvi-lo injuriar a mãe, pobre criatura de acanhado alcance, vítima consciente e resignada, diante de cuja passividade, insensivelmente, o filho considerou a mulher um ser secundário, destinado a ser o joguete da lubricidade ou da cólera do homem, rei da criação.

Depois da morte da matrona viu-se muito só, pensou no casamento, e começou a frequentar casas conhecidas à procura de esposa. Encontrou-se várias vezes com a Candinha Reis, sentiu-se inflamado pela soberana beleza da moça e quis ser-lhe apresentado, sem refletir na desproporção das suas idades.

Era Cândida a primogênita do honrado negociante Antônio Reis, homem de sólidos princípios, viúvo e pai de cinco filhos, para os quais trabalhava com afinco e sempre alegre.

Com 15 anos apenas, saiu Cândida do colégio para prestar à mãe moribundo os últimos

cuidados, e, como era a mais velha dos irmãos, tomou-lhe depois da morte o lugar no encargo de prover ao bem-estar da família. E com extrema perícia se houve na penosa responsabilidade de dona de casa, aquietando e ajudando o pai e também banindo-lhe a ideia de um novo enlace.

Pelo simples volver dos olhos, adivinhava-lhe ela os desejos, satisfazia-os, mas ainda assim descobriu o meio de ser a dominadora em tudo, pois nascera com a bossa do despotismo. Nada se fazia, afinal, sem a sua autorização, a que o pai docemente se submetia, cônscio da força do seu *braço direito*, como a apelidava, orgulhoso.

Era diligente, ordeira, asseada, econômica. Mas aliava a essas grandes qualidades uma extrema altivez, que degenerava em orgulho, e que por vezes lhe endurecia o coração. Achava-se perfeita; assim lhe dizia a consciência, lhe demostrava o pai na ilimitada confiança, lhe incensava o baixo servilismo dos que dela dependiam.

Ao completar 23 anos, já haviam casado as irmãs, e ela sempre a rejeitar pretendentes, não os considerando dignos de sua posse, para mais tarde escolher o pior de todos, como ordinariamente acontece.

Entretanto, encontrando-se, em casa de uma vizinha, com o engenheiro Vaz, moço bem apessoado e que muito a distinguia e procurava, sentiu-se tocada de amor por ele e aceitou-lhe a proposta de casamento.

Antes de realizar o enlace, foi o engenheiro à Bahia, sua província natal, a fim de liquidar certos negócios, visto dever fixar-se definitivamente na Corte, conforme lhe pedira a noiva. Custava-lhe um pouco separar-se da família, dos amigos de infância, mas sentia-se incapaz de furta-se a todo e qualquer desejo de Candinha.

A vizinha, que lhe fora inconsciente intermediária, zangou-se com o casamento projetado, porque de há muito cobiçava para a filha aquele vantajoso partido, e resolveu desuni-los, vingando-se. Conhecendo a fundo o natural orgulhoso de Candinha, confiou-lhe com muitas reservas, que uma noite pilhara o Vaz em flagrante com a preta mucama, e, de envergonhada que ficou, fingira tomá-lo pelo dono da venda fronteira.

Sufocou a moça violenta cólera, alucinando-a, dando-lhe até vontade de morrer, a fim de furta-se aquela humilhação. Ousar amá-la, querê-la para esposa, depois do vil contato das negras, desses seres que ela considerava abjetos e repelentes!

Era de enlouquecer!

Foi para a cama, às voltas com medonha febre cerebral, e quase sucumbiu. No tormentoso delírio elucidou a dolorosa inquietação paterna, revelando todo o amargor da recente decepção, sem omitir pormenores, desafogando em pungitiva lucidez a raiva de ter-se iludido parvoamente.

Em toda aquela imprecação não havia um queixume de ternura incompreendida, nem despedaçamentos de amante traída. Somente vibravam as rebeliões do orgulho achatado pelo pouco apreço de semelhante pulha.

O desprezo abreviou-lhe a convalescença, fazendo-a quase logo readquirir o suave colorido das faces e a quietação de espírito habitual. Provocou uma explicação com o pai e repeliu com azedume as suas prudentes admoestações, ditadas pela experiência e pelo mais puro afeto.

Foi a primeira desinteligência que tiveram, pois até ali sempre haviam harmonizado, por isso sofreram muito um pelo outro. Como de ordinário, porém, subordinou-se o pai à vontade da filha, escreveu ao Vaz, desmanchando o casamento, e motivando ambiguamente o rompimento.

Doía ao bom senso e generosidade de Antônio Reis o papel que lhe impunham de ofender gratuitamente um homem que não considerava culpado, senão vítima de aleivosa imputação. Cedeu, porque conhecia a inflexibilidade do caráter da filha e também a ver se impedia a volta de Vaz, receoso de penosa explicação verbal.

Por esse tempo relacionaram-se com Venâncio de lima, e Cândida, apesar dos protestos do pai, aceitou-o para esposo, sem amá-lo unicamente movida pelo despeito. Abreviou até os preparativos para o consórcio, tendo pressa de

consumar o que julgava um desagravo ao seu amor-próprio.

No dia seguinte ao das núpcias, compreendeu que tolamente se sacrificara, encarando horrorizada a dura perspectiva de viver para sempre ao lado daquele homem. A sua carne, virgem ainda na véspera, tinha contrações de susto ante a brutalidade daquele amor físico e sedento, que não compartilhava.

Meses depois, soube que a vizinha caluniaria o Vaz; que este se mostrava em extremo penalizado de perdê-la, protestando jamais casar, o que muito a desvaneceu; que pálido, comovido, ouviram-no dizer em dorida inflexão:

— Infelizmente não há outra Candinha! E que resolvera nunca mais volver à Corte!

III

Levava Venâncio a mulher a todas as festas, cheia de brilhantes e de rendas, orgulhoso de possuí-la e de mostrá-la. Mas fazia-a depois pagar bem caro esses triunfos efêmeros.

Desde o carro, começava a injuriá-la na sua linguagem tarimbeira. Ao chegar a casa, empurrava-a sobre os móveis e nodoava-lhe o belo corpo, amargurando-lhe a alma.

Muito padecia aquela criatura altiva, que só tivera carinhos e adulações em um passado ainda recente, vendo-se humilhada e maltratada pelo marido a quem não amava. Mais lhe aumentava o desgosto a resolução que se impusera de não se queixar, nem mesmo ao pai, a fim de não justificar a oposição que ele outrora fizera ao seu casamento.

Inspirava-lhe Venâncio aversão e terror. Odiava-o, porque o desposara despeitada, às tontas, estando Vaz inocente da acusação que lhe fazia. Temia-o, por ser muito sensível aos maus tratos o seu corpo delicado, de que tanto se envaidava. E humilhava-a essa triste posição, que não poderia cessar sem estrépito.

Mostrou, porém, sereno semblante, e aceitou o irremediável criado pela impetuosidade do próprio gênio, aguardou futuras compensações do pequenino ser que lhe palpitava nas entranhas, e para quem, satisfeita, confeccionava lindos poemetos em flanelas e bordados.

— Se for, como desejo, um rapaz, chamar-se-á César! — monologava com ênfase. — Sendo menina Celeste! — murmurava com a voz dulcificada. Aos 24 anos, deu à luz uma menina robusta, mas não pôde amamentá-la, visto o seu estado de extrema fraqueza, e mandou ver uma ama. Opôs-se a isso o avô, alegando que todas as amas de leite são mais ou menos mal-humoradas, engrandecendo o leite de vaca e responsabilizando-se pela excelência do que forneceria à neta e afilhada.

Reconstituída a poder de tônicos, tornou-se Cândida mais formosa ainda do que antes da maternidade, arredondando-se-lhe as formas. Era alta, alva e rosada, olhos pardos e lânguidos, boca séria, de lábios grossos e ver vermelhos, ca-

belos de um castanho dourado, muito bem feita, e um todo de consciente soberania.

Só pela beleza prendia o sensual marido, e por ela começou em parte a dominá-lo, com muita tática e mais resoluta depois que nascera Celeste. Via-o menos egoísta, todo enternecido mesmo, adormecer nos braços a filha, cantando e sapateando em um voltear sem fim.

Muitas vezes, entrando de algum baile, enfurecido pelo ciúme, sofreara a voz e batera-lhe menos que de ordinário, a fim de não despertar a pequena. Mas, sempre brutal, em outras ocasiões dava-lhe de rijo, ao ouvir chorar a filha, estando a mãe a banhá-la.

Alva, cheia de covinhas, torneada, pés microscópicos, duas rosas nas faces, uma miniatura de boca, cabelos escuros, nariz arrebitado, sempre cheirosa e limpinha, tal era Celeste, em toda essa gentileza igual a qualquer criança bem pensada, mas interessantíssima pela extraordinária agudeza e pelo esplendor dos olhos iluminados, enormes, quase infinitos.

Com as longas pálpebras descidas, admiravam-lhe a perfeição da cabeça voluntária, quase insolente, o mimo dos supercílios, da boquinha, de todas as linhas e a suavidade da carnação. Todos esses encantos, porém, se apagavam, nem mais eram necessários, desde que lhe viam os olhos – que lhe comiam a cara, segundo dizia a ama-seca na expressiva linguagem africana.

Até cinco anos, só dilatadas doçuras conheceu Celeste. Passava os dias às voltas com bonecas, simulando visitas, passeios, ou a fingir-se de matrona, corrigindo severamente as delinquentes com vigorosas palmadas, e já a acariciá-las, e a elogiar-lhes o propósito, macaqueando a mãe, com a voz contrafeita e gestos apropriados.

Quando se fartava das bonecas, ia ao quintal, onde a ama, a sua *Bá,* ensaboava roupa, deixava-se cair de costas sobre uma trouxa, a olhar o firmamento, cantando muito afinadinha:

"Sou saloia,[12] trago botas
Também trago o meu mantéu,
E só tiro a carapuça
A quem me tira o chapéu."

Terminava esses dois versos em estribilho com a negra. Pedia-lhe então jacuba[13] de café e cerrava os olhos, enquanto esperava, em um bem-estar preguiçoso, pensando em nada e em tudo, pois mil incidentes lhe perpassavam no cérebro, sem lhe fixarem a atenção, nem lhe merecerem interesse.

Sorria-se, sentindo aproximar-se a *Bá* com a xícara a fumegar; mandava-a sentar-se, aninhava-se-lhe no colo, passando-lhe o braço pelo pescoço. Ao esfriar a jacuba com a colher, fazia-a contar histórias, que lhe produziam o riso ou o enternecimento, conforme o assunto;

obrigava-a a beber com ela, sem repugnância, por ser a ama asseadíssima e por muito estimá-la; e também porque nessa idade não se tem preconceitos de raça.

Benvinda a estremecia[14] doidamente, como se, em vez de ama-seca, a tivesse amamentado em seus peitos, mas procurava sempre afastá-la de junto de si, pressentindo o ciúme da senhora.

Efetivamente não se enganava. Cândida tinha zelos dos carinhos que a preta dispensava Celeste, parecendo-lhe essa afeição tão natural uma extorsão dos seus direitos maternos; pois se nem queria admitir que o pai inspirasse à menina a mesma idolatria que ela!

Às vezes, desvanecida a escrava com as carícias da pequena, tinha a coragem de narrar-lhe contos, em que uma menina como ela ficara com uma das faces pretas, de tanto beijar e abraçar a ama. Toda grave, Celeste a escutava; com os olhos prescrutava-lhe a alma, adivinhava o que ela curtia de receios e, apertando-a de súbito nos braços, dizia irada:

— Ah! Ficou? Pois bem, eu hei de vir ao teu colo quantas vezes quiser! Olha, estou preta? — inquiria, depois de esfregar a cara na dela com toda a força, tornando-se rubra.

Queria muito a mãe, achava-a formosa, tinha até vaidade em ser sua filha, mas quase a detestava, quando ela a retinha a seu lado, privando-a de chegar-se à sua boa *Bá*. Amava

ambas talvez igualmente, mas de modo diverso, havendo um sentimento de proteção no afeto que votava à preta humilde e amorosa como um cão fiel.

Gostava muito de deitar-se no regaço materno, a mirar encantada a beleza de Cândida, presa aos rubros lábios que narravam histórias fantásticas. Era tão confortável a tépida macieza do seu colo, tão agradável o seu perfumado contato, que a filha ali ficava largo tempo, entorpecida de gozo.

— Como és cheirosinha, minha rica mamãe! — dizia, aspirando-lhe sôfrega o pescoço e as faces, em uma inconsciente sensualidade. — Que linda que és! Escuta: quando eu for moça, tu ficarás velha? — perguntava inquieta.

— Sem dúvida!

— Pois então não quero crescer. Serei sempre menina e tu moça!

— Isso não é possível! Todos temos de crescer, de envelhecer e de morrer, meu bom anjo.

— Não! Não quero que fiques velha, nem que morras! — bradava, chorosa.

— Bem, não falemos mais nisso. Sê muito ajuizada e obediente, para que eu fique sempre moça, ouviste?

IV

Nesses cincos anos e meio decorridos, algumas nuvens ensombraram a curta e mimosa existência de Celeste, deixando-lhe uma impressão penosa e imorredoura. Eram mui precoces as sua fibras sofredoras e não passava facilmente da lágrima ao riso, como a maioria das crianças.

Carecia de ser venturosa, de viver em algodão em rama, porquanto, ao menor dissabor que a ferisse, todos os pesares, ainda os mais remotos, teriam em sua alma como que uma ação de continuidade. Natureza vibrátil, de uma sensibilidade doentia, proveniente talvez da extrema acuidade dos nervos da memória.

Muitas vezes assistira a violentas altercações dos seus progenitores, ouvindo-os inju-

riar-se com epítetos[15] abjetos,[16] que muito lhe doíam, embora os não compreendesse. Louca de terror, vira um dia o pai esmurrar a mãe, a sua querida mãe, pálida, desgrenhada, a tropeçar nos móveis, soluçando sem lágrimas.

Trêmula de dor, metera-se entre eles, puxara o pai pelo casaco, em uma exacerbação nervosa que lhe reforçava os braços infantis, chorando e suplicando-lhe que as deixasse a sós. Caíra então de joelhos junto à mãe, beijara-lhe as mãos, os cabelos, a cara, banhando-a com as suas lágrimas longas e quentes, dizendo-lhe branduras.

O outro desgosto que a convulsionara foi vergastar a sua *Bá*, sem poder valer-lhe. Depois de uma questão de engomados, correra a mãe à despensa, voltando com um chicote e desancando a preta sem dó.

Assombrada, quase desconhecera a mãe naquela fúria, lívida de cólera, de olhos faiscantes, a brandir o azorrague, perdendo os foros de senhora para tornar-se uma carrasca. Em um instante desfez-se aquele gracioso nimbo que a poetizava aos olhos da menina, pálida e aterrada.

Quebrou a piedade o pasmo que paralisava, levando-a a gritar, arrastando-se e suplicando de mãos postas o indulto da ama, da pobre *Bá*. Cada vergastada que ela recebia ecoava-lhe dolorosamente na alma, parecendo-lhe que lhe

rasgavam o peito a meio a meio, sentindo uma angústia toda física.

Irada, dissera-lhe a mãe:

— Cala-te, ou levas também!

Mas a mágoa superara o medo na criança, que só emudeceu vendo retirar-se a mãe, a quem naquele momento detestava. Aflita, correu para junto da preta, que resmungava, chorou com ela, beijou-a, palpou-lhe de leve, em reverente carinho, as escoriações das costas, rompendo em angustiosos soluços.

Nunca olvidaria aqueles horrores que a espantavam, como jamais se apagaria a viva gratidão que lhe infundia o magnânimo coração da negra. Apesar de criança, compreendia e admirava a igualdade de afeto com que ela a estreitava nos braços, tendo acabado de gemer sob as cóleras de sua mãe.

Seu espírito reto e observador comparou o proceder de ambas, apreciou a escrava, sentiu repulsão pela senhora, doendo-lhe essa materna depressão moral, porque, muito estremecia a mãe. Amuou-se, não jantou, mostrando-se tristonha durante alguns dias.

Antes de completar seis anos, perdeu ela o avô, que a adorava. Pranteou-o doidamente, grata àquela carinhosa afeição que só lhe dera beijos, alegrias e mimos, saudosa do rico vovô, tão lindo, com os seus finos cabelos brancos.

Com veras chorou também Cândida a morte do extremoso pai, que sempre fora o seu maior amigo e admirador. Mais lhe aumentavam o desgosto as lamentações de Celeste. Relatando minuciosamente mil incidentes em que figurava o avô, engrandecia-lhe a menina as menores ações, rematando sempre por exclamar:

— E não mais abraçará a sua princesinha, como me chamava! Pobre do vovô!

Ao completar seis anos, entrou Celeste para o colégio. Levava-a o pai de caminho para a repartição, e ia buscá-la às cinco horas da tarde.

Fora Venâncio muito contrário a que a pequena começasse tão cedo os estudos, mas teve de ceder à lógica implacável da mulher, a demonstrar-lhe a precocidade da filha e a necessidade de boa direção.

Opôs-se, entretanto, a que fosse interna, alegando que poderia perder o amor aos pais na demorada permanência longe deles. Habituara-se à filha, gostava da sua gentileza e sentia dilatada a alma egoísta com a ardente e pura afeição com que a criança o amava.

Havia uma espécie de reconhecimento no seu amor paterno, porque, depois de sua velha mãe, fora Celeste o único ser que o estremecera com tamanha abundância de ternura. Além disso, ainda mais o cativara aquele devotamento, por senti-lo ameaçado, pois via perfeitamente procurar a mulher suplantá-lo no coração da filha.

Sofreu muito a pequena nos primeiros tempos de colégio, detestando os livros, a submissão às mestras e as solicitações amistosas das companheiras. Tinha uma intolerável saudade da mãe, do pai, da querida *Bá*, do gato, da casa, das bonecas, das jacubas e até dos móveis, todos graves e lustrosos no aparato das coisas imutáveis.

Às vezes, enquanto almoçava, chorava em silêncio, ansiando ficar, mas não ousando pedir essa alegria, ciente de uma recusa. Beijando-a e afagando-a, estimulava-lhe a mãe a vaidade:

— Não chores, aprende para ser uma moça instruída, causando inveja às tuas companheiras. Aplica-te, a fim de receber prêmios, deleitando a tua mamãe, que também muito sente a tua ausência.

Reanimava-se Celeste, porque lhe tocava Cândida na corda sensível, na sua mania, falando-lhe no futuro, no tempo em que ver-se-ia moça. A pobre criança tinha pressa de sazonar, ignorava quanto é bela e efêmera a infância, essa fase de felicidade, o melhor momento da vida, e invejava a idade das dores, das lutas, em que muitas vezes é o sorriso mais triste que o pranto.

Tinha ânsia de crescer, de galgar em um ápice os anos que lhe faltavam, coitadinha, contando só desfrutar prazeres nessa quadra ridente, arrastando sedas. Linda e rápida miragem, a que sucedem os logos pesares, as amargas decepções e esses males irremediáveis que o orgulho encobre e que o desespero desvenda.

Moça! E a perspectiva desdobrada por essa palavra a emudecia e imobilizava, concentrando-a em um íntimo embevecimento, dando-lhe ares de esfinge. Risos, festas, harmonias, joias, veludos, dançavam-lhe no espírito com a magia do desconhecido e na amplitude de um bem prometido e ardentemente desejado.

Ser formosa como Cândida, ou como outras mulheres, cuja beleza a encantava, era o seu doce anelo,[17] com isso sonhava acordada, umedecido o olhar e perdido no vago. Sentia pela mãe entusiasmos de artista idolatra, mirando-a extática, enquanto se aprontava ela para os bailes.

Deu ótimo resultado esse prematuro culto pelo belo, porque induziu-a a ser muito cuidadosa da sua pessoa e da nitidez das roupas, de modo que, a qualquer hora, apresentava sempre a mesma louçania,[18] o que infelizmente não é muito comum entre nós.

Tendo por objetivo elevar-se e brilhar, desconsolada subordinou-se essa menina, perdida de mimos e de vontades ao que considerava necessária iniciação, e estudou. Mas, como criança que era, adorava os dias chuvosos, bendizia-os, porque lhe proporcionavam a doce ilusão da sua primitiva e alegre ociosidade.

V

Aos oito anos, teve Celeste a sua primeira impressão na pessoa de um gordo tenor, de longa cabeleira negra e anelada. Agitaram-na de um modo delicioso, embriagando-a, aqueles olhos rasgados e expressivos e a beleza da boca italiana, levemente sarcástica, de onde saíam umas notas doces, modulando sentimento.

Fora ao teatro por uma graça especial, em atenção ao seu aniversário natalício, que, por acaso, caíra em um sábado. De ordinário deitava-se às oito horas da noite, depois de saber as lições do dia seguinte, embora houvesse visitas para o chá, o que muitas vezes a irritava e fazia chorar, suspirando pelos 15 anos, que tanto tardavam.

Representava-se a *Lúcia*;[19] ela quis conhecer-lhe o enredo, ouviu-o muito atenta, franzindo por fim o sobrolho e dizendo:

— Mas por que não fugiu a Lúcia com o Edgardo, livrando-se do irmão?

— Porque isso seria desairoso em uma fidalga, respondeu Cândida.

Calou-se a pequena, pouco convencida, indignada com a passividade da descendente dos Ravenswood e muito compadecida da sorte do infeliz amante. No íntimo da alma, felicitava-se por não ser nobre, podendo assim mais tarde furtar-se a qualquer tirania, sem atender ao desdouro dos brasões.

Na cena da maldição, palpitante de ansiedade, sofreu conjuntamente a angústia da mísera perjura e o desesperado furor de Edgardo, apanhando-a em flagrante delito de perfídia. Quando a cantora caiu fulminada na cadeira de espaldar dourado, simulando vergar sob as imprecações do tenor enfurecido, sentiu-se a menina aniquilada pelo esgotamento do fluido nervoso.

Muito pálida, assistiu ao último ato, chorou, vendo Edgardo apunhalar-se e exalar a alma, cantando doridamente e voando ao céu em demanda da amada. Trêmula e silenciosa voltou a casa, evocando o que acabava de apreciar, achando que eram bem felizes os que sempre iam ao teatro lírico.

Durante meses afagou a lembrança do belo tenor, contente com aquele *segredo* que elevava aos próprios olhos, tornando-a interessante, quase moça. Aos poucos, porém, foi aquela imagem enevoando-se, sem, contudo, apagar-se de todo.

Aos dez anos, ouvindo os pais gabarem *O Conde de Monte Cristo*, leu-o entusiasmada, tornando-se de um pedantismo ridículo, a declamar períodos inteiros. Dali em diante indistintamente devorou todos os romances que apanhava, interessando-se de modo apaixonado pelos heróis e heroínas, relendo afogueada os lances dramáticos em que bramia o amor.

Por vezes quedava-se em cismas, rememorando os livros que digeria, saboreando os pedaços que a haviam eletrizado, contraindo assim muito cedo o pernicioso hábito de devanear. Instigada pela necessidade de expandir-se, tão natural nas crianças, narrava romances inteiros à cara *Bá*, que a escutava curiosa e ufana de vê-la tão *sabida*.

Dos 11 anos em diante começou a amar deveras o estudo, colhendo louvores pela aplicação e pelo exemplar comportamento. Projetou-se na sua mimosa cabecinha o propósito de ser um dia a primeira no colégio, e sê-lo-ia, porque pertencia à classe das obstinadas, das que sempre triunfam, alcançando o determinado objetivo.

Na convivência com as condiscípulas presenciou misérias e vilanias que a horrorizaram, despoetizando-lhe a vida, dando-lhe a intuição do que era o mundo e a sociedade.

No íntimo da alma protestou Celeste jamais deitar em um colégio as filhas, se algum dia as tivesse, a fim de não expô-las ao pernicioso contato de seres pervertidos. Resolveu estudar com mais afinco ainda, para poder mais tarde devidamente preencher as funções de educadora.

Por esse tempo experimentou um grande dissabor, vendo-se coibida de ir ao batizado do pequeno Lauro, afilhado de sua mãe. Imaginara divertir-se tanto em casa de D. Benta Cerqueira, assistindo ao baile com as filhinhas dela. Mas Cândida recusou levá-la, resistindo as suas suplicantes lágrimas.

Enraiveceu-se contra a materna autoridade; durante toda a tarde demonstrou à *Bá* a injustiça de que era vítima, pois havia aprontado as lições do dia seguinte e prometera acordar à hora habitual, a fim de não gazear. Suspirou pelo futuro e insensivelmente caiu no tema favorito, idealizando brilhantes desforras para quando fosse moça.

Gostava de D. Benta, porque era bonita, porque a mimava, e também porque tinha duas filhas, com as quais muito brincava. Apreciava em extremo a companhia de outras meninas,

como toda a criança que não tem irmãos e a quem pesa a solidão e o tratar só com adultos.

Era Benta uma criatura risonha e expansiva; parecia ainda solteira, porquanto casara muito nova; não se enfastiava com o encargo dos filhos, sempre asseados e satisfeitos. Expedita e trabalhadora, ao inverso de muitas mulheres, não encarava as lides domésticas como pesado fardo, porém antes como um doce dever de dona de casa.

O marido, grave, seco de maneiras, pouco conversador, era antítese da cara metade, e, ainda assim, submetia-se inconsciente à autoridade da gentil esposa. Como pôde aquela natureza concentrada, séria, fundir-se, naquela outra, cintilante, irrequieta, e até espalhafatosa em suas demonstrações!

Tinha ela repentes tão engraçados, que arrancavam gargalhadas ao próprio marido, uma ironia incisiva a penetrar até a medula do paciente e extraordinário talento imitativo, reproduzindo fielmente fisionomias, gestos, defeitos, ridículos e mesmo personalidades.

Constituíam essas faceias o seu exterior, mas também dispunha de um coração sensível, caridoso, capaz dos maiores devotamentos. Diante do infortúnio ou de um leito de morte, não distinguia classes, nem criaturas — todos sofriam, todos mereciam dó e infundiam respeito.

Órfã ainda pequena, educou-se a expensas de seus parentes, conhecendo muito cedo, como atributo de hospedagem, vilezas, picardias e doestos, que a iniciaram brutalmente nos dissabores da vida. Aos 16 anos, pediu-a Cerqueira em casamento, aceitando-o ela reconhecida, como um amigo e um libertador.

Amou-o com a exuberância de sua alma ardente e exaltada, grata pelo afeto que inspirava, feliz no conchego do lar, nesse santuário de paz e de alegria. Saturou-se de ventura, a ponto de olvidar os tristes dias passados sob um teto de empréstimo, em uma atmosfera de pesar e de constrangimento.

Já era mãe de duas meninas, quando se relacionou com Cândida Lima, levada pela mais viva simpatia, embora houvesse entre elas alguns anos de diferença, e discordassem em muitos pontos os seus respectivos caráteres

Dando mais tarde à luz um menino, escolheu a Benta para madrinha do pequeno Lauro, querendo assim estreitar os laços que as uniam.

VI

Tinha Celeste 12 anos, quando, pelo carnaval, foi com os pais ver a passagem das máscaras da sacada do Clube Fluminense.[20]

Era uma excelente sociedade a que ali aparecia, composta das mais distintas famílias da Corte, pelo excessivo escrúpulo na admissão de sócios, do que resultava um belo conjunto, sem os elementos heterogêneos que em geral compõem as nossas reuniões. Qualificavam-na os excluídos de muito *aristocrata*, não só pela etiqueta que nela reinava, como também pelo título do seu diretor, o velho barão de Moreira.

Só pensando no baile, pouco atenção concedeu Celeste ao brilho das fantasias que se sucediam, em carros ricamente adornados, pertencentes ao famoso Clube X, de gloriosa

memória. Que lhe importava aquele bando de loucos com as suas alegrias de encomenda, quando, daí a pouco, saborearia a vista de um baile, em que tudo seria real e não fingindo?

Nessa criança singular, além do desejo de assistir a um baile, havia o vivo anseio de ver mais de perto o poeta Zuzarte, que a impressionara já havia meses. Ainda que ele não fosse interessante como era, só o ser poeta bastaria para elevá-lo aos olhos de Celeste, toda imaginação e finura.

Alto, flexível, de cabeça sempre levantada, cabelos pretos e anelados, muito trigueiro, olhos negros, brilhantes, incisivos, nariz aquilino, mãos e pés em extremo pequeno, tipo árabe; possuía uma dessas vozes sirênicas, feitas para só falar de amor, com leve sotaque lisboeta, de indefinível encanto.

Habituada a menina a ouvir a mãe aliar a realidade com fantasia, achou Zuzarte simultaneamente semelhante à descrição do distinto conde de Monte Cristo e à do Mouro de Veneza,[21] o que mais lhe exaltou a admiração. Era ele autor de alguns folhetins encomiásticos aos encantos de Cândida e que esta dava à filha para ler.

Desde então, Celeste só nele falava, indagando curiosa tudo quanto lhe era concernente às pessoas que encontrava, julgando que ninguém notava a sua preocupação, quando todos chasqueavam a tal respeito. D. Benta, mais

condescente, dava-lhe pormenores, elogiava-o também e terminava zombando daquele entusiasmo.

Muito séria e atenta, viu ela afinal iluminar-se o salão e aos poucos afluírem as famílias, pela maior parte conhecidas de Cândida. Mirando as moças mais gentis, apertava-se-lhe o coração em inconsciente ciúme, lembrando-se de que Zuzarte as deveria ver e talvez amasse alguma delas.

Corriam as danças animadas, e a menina contava os minutos pelas pulsações do coração, fitando ansiosa todas as portas, sentindo-se infeliz. À meia-noite, apareceu ele, afinal, elegante como sempre; cumprimentou sucessivamente as senhoras, demorando-se mais tempo junto a umas apenas inclinando-se ante outras.

Ao avistá-lo, teve a menina violento choque. Apesar de esperá-lo estremeceu toda, empalideceu, tremeram-lhe os queixos, os braços e as pernas, gelando-se-lhe as mãos. A fim de dissimular, cerrou os dentes, apertou as mãos, calcando-as sobre o colo, firmou as pontas dos pés no chão, mirando o poeta, fascinada.

Quanto mais se aproximava ele, mais crescia a sua emoção, ansiando pela esmola de um olhar apenas, que a banhasse de luz, aquecendo-a. Sereno, indiferente, belo como um deus, seguiu o poeta, sem mesmo vê-la, deixando-lhe uma sensação de desencanto, de frio e de pena.

Ofegante ainda da valsa, passou D. Benta junto a ela, fitou-lhe o pálido semblante e sorriu zombeteira, dizendo-lhe:

— Até que chegou o teu Monte-Cristo, hein?!

Não pôde a menina responder, moveu de leve com a cabeça em sinal de assentimento, volvendo a remirar o ídolo, avelhentando a sua alma de criança. Ao deitar-se, atabafou-se nas cobertas, soluçou baixinho, sem causa definida, doendo-lhe conjuntamente só contar 12 anos e não merecer a atenção de Zuzarte.

Por esse tempo, vendo a *Bá* a sofrer, a perder as formas roliças, a enfraquecer, a gemer na lida, muito contristada ficou a pequena. Às ocultas da mãe, apiedando-se da ama, fez muitas vezes o serviço desta e privou-se de muitas comodidades, a fim de a não fatigar e de minorar-lhe as misérias do cativeiro.

E no meio dessa mortificação pela saúde da *Bá*, continuava a menina a sofrer com o procedimento de Venâncio. Embora este não batesse mais na mulher, não a deixava de injuriar. Quantas vezes, alta noite, em sobressalto despertava Celeste, ouvindo-os disputar no quarto próximo, insultando-se reciprocamente de modo vil e indecoroso!

Seguia os passos do pai, sentia-o cruzar o aposento, parar de súbito junto ao leito conjugal, quando lhe recrudescia a cólera, a fim de apro-

ximar-se de contendora; e ouvia-os berrar unissonos, rematando sempre Venâncio por dizer:

— Ah! Se não fosse esta menina, esta cadeia que me prende, dava-te um pontapé e enviava-te ao inferno, fúria!

E continuavam e vituperar-se, até que, fatigado de falar, deitava-se o marido ao lado da mulher, nessa forçada união de calcetas[22] que nem o rancor desata.

Quanto custava à menina adormecer de novo, mortificada e apreensiva, sem poder habituar-se àquelas cenas desoladoras para um coração de filha!

Era ela, elo tão frágil, quem prendia o pai a Cândida, e, convencida dessa triste verdade, temia morrer, porque não mais poderia proteger a mãe. Toda nervosa, rezava, pedindo longa vida, receosa também por conta própria de morrer criança, sem ter vivido, isto é, sem ser amada e sem palpitar de amor.

A sua natureza delicada feria aquela ligação de dois seres discordes nos sentimentos e nas ideias, eivada de rancores e de desestima, em que no homem só predominava o laço físico e bestial e na mulher uma abjeta sujeição calculada. Protestava jamais casar por despeito, como a mãe, julgando que o amor felicita os cônjuges, ministrando-lhes essa recíproca indulgência, mantenedora da paz doméstica.

Com a sua natural retidão, notava desprevenidamente os graves efeitos de ambos, devidos à índole, à falta de educação e ao latente ressentimento dos que como eles casam.

Realmente, Cândida aborrecera o marido como insuperável impedimento a sua reconciliação com o caluniado Vaz, e sentia-se ofendido Venâncio pelo ridículo e inconsciente papel que outrora lhe coubera naquela desforra de orgulho.

Desacautelados, faziam-se mútuas e vergonhosas acusações ao alcance da filha, pronunciavam mesmo nomes e datas, apagavam-lhe a candura da alma, desvendavam-lhe as misérias da vida, sem compreenderem que se desonravam aos olhos dela. E, embora lhes perpassasse pela mente essa possibilidade depressora, ainda assim prosseguiram, impelidos pelo ardor da contenda.

Unicamente se identificavam na economia, que praticavam sem somiticaria,[23] tendo ótimo passadio, vestido à moda e frequentando boa sociedade. Com a modesta herança de Cândida, compraram uma casa, conservando-a alugada e acumulando o rendimento.

— Contas — dizia Cândida — enterrar a mim e a Celeste e cair viuvinho na pândega, por isso não contribuis com alguma coisa a fim de comprarmos um prédio melhor, não é? Olha, não duvido que assim suceda, porque os egoístas vivem por muito tempo: não se amofinam!

— Mete-te com a tua vida e deixa-me. É bom ter alguma coisa de parte, para acudir a qualquer eventualidade, mulher! — objetou o avaro, julgando assim dissimular a desconfiança.

Também, dos doze contos que possuía ao casar, apenas lhe restavam dois, porque os outros gastara na lua-de-mel com joias e trapos a fim de ornar o ídolo. Anos depois lastimava havê-los tão mal desbaratado e ela fingia esquecer-se de que ainda usufruía parte deles nos belos brilhantes que ostentava.

VII

Contava Celeste 13 anos, quando a mãe, a Benta Cerqueira, a Fortunata Dias e o Dr. Queiroz resolveram entre si dar aos sábados partidas dançantes em suas respectivas casas, tocando uma por mês a cada família. Distrair-se--iam sem grande despesa amiudadas vezes, visto terem época determinada os bailes do Cassino[24] e as récitas do Lírico.[25]

A fim de prolongar a festa, escolheram o sábado por ser véspera de dia santificado, atendendo ao colégio das crianças e ao ponto dos empregados públicos.

Querendo ainda saborear no dia seguinte a *soirée*[26] sem preocupação, aprontava Celeste as lições antes de para ela vestir-se, repassando-as apenas na segunda-feira pela manhã.

Vivia toda a semana à espera do miraculoso dia. Logo que acordava corria à janela a espreitar que tal estava o tempo, amofinando-a a chuva por impedir muita gente de comparecer. Alegrava-se ao deparar com o céu anilado e puro e começava a *chilrear*, como uma avezinha trêfega.

Não perdia quadrilhas, nem valsas, nem polcas, radiante de prazer e de frescura, muito solicitada pelo rapazio. Crescera, enfeitava dia a dia, nadava-lhe o olhar em um fluido que o umedecia, tornando-a mais mulher, como também docemente se lhe alteava o colo com as primícias da puberdade.

Recebia as homenagens de todos, sem preferência, sem que o coração pulsasse mais desordenado junto de nenhum deles, embora por vezes tivesse essa ilusão. Eram jovens, elegantes, bem educados, joviais, dançavam bem; considerava-os por isso ótimos cavalheiros e nada mais.

Só por isso lhe causava a valsa mais emoção do que todos os seus pares, fazendo-a sonhar com delirantes magias, embriagando-a inefável volúpia. Sentia-se alçada da terra, completamente alheia à vida terrestre, voando sobre esferas luminosas em um esplendor de sensações etéreas.

A sós, divagava horas e horas, arquitetava mil felicidades futuras, desmoronava-as de repente, para de novo reedificá-las mais florescentes ainda na luxuosa fantasia. Por último, trabalhada pela indizível e misteriosa sensibili-

dade da adolescência, era muito sujeita a súbitas tristezas e a ruidosas alegrias, sem causa que motivasse essas alternativas.

Nas horas de recreio quedava-se junto à professora suíça, ouvindo-a falar da infância, do lar abençoado do velho avô, padre protestante, sob cuja guarda se criara, da tão pitoresca topografia da terra dos *chalés*. Consolava-se a pobre nostálgica, não omitindo pormenores, grata à simpática avidez com que a escutava a sensível e entusiasta menina.

A este deliciavam o rigor da invernada, as cabriolas sobre a neve, com as faces e o nariz arroxeados pelo frio, a dolorosa sensação nos dedos, proveniente da brusca mudança de temperatura, ao entrar em casa, o valente apetite com que devorava a outra as carnes de fumeiro, alternando-as com fatias de pão de centeio barradas de manteiga fresca, e regando-as com o tradicional café com leite.

Encantada, com as narinas titilantes e uma sombra melancólica no olhar, suspirava Celeste por uma adorável perspectiva brumosa, sem este azul por vezes fatigante do nosso céu, em um conchego morno de ardentes carícias numa doce dilatação de gozo e de calma. Nessa harmonia de tons, soava uma nota grave, sob a figura de um ancião de alma e de cabelos nevados, entoando ao entardecer uns cânticos ritmados pela voz do próximo campanário.

Apaixonou-se pela Suíça e marcou-a largamente no seu itinerário a par da Itália, se algum dia fosse passear à Europa. Adorava a Itália, como a pátria da arte, do belo e das tradições grandiosas, desejava percorrê-la e admirá-la, mas ao lado do escolhido da alma, desse ente desconhecido e já amado, que a deveria mais tarde completar, felicitando-a.

Adquirira o direito de devanear, porque aos treze anos e meio era mulher, o que muito alvoroçou e entristeceu vagamente, rompendo em um choro histérico. Mais a combaliu ainda a pesarosa atitude da mãe, que a beijou e abraçou comovida, murmurando:

— Uma moça!... Parece incrível!...

Conservou-se cismarenta e apreensiva, procurou interpretar a frase materna, inferindo afinal julgá-la Cândida muito precoce, e suspirou. Mirou-se ao espelho, a ver se mudara de fisionomia, achando-se um tanto pálida, afogado o olhar em um fluido misterioso, que o quebrava um pouco, suavizando-lhe o semblante, tornando-a mais linda.

— Ora adeus! Hei de viver como as outras! — exclamou, serenando-se.

Entrementes, começou Cândida a notar certa frieza em Fortunata Dias, e teve a imprudência de a isso aludir na presença da filha, atribuindo ao ciúme aquele resfriamento. De súbito projetou-se imenso clarão no espírito da

menina, levando-a a adivinhar e a compreender muita coisa.

Era então Fortunata bem feia, feia como um pecado mortal, trigueira como uma mulata, carnação fatigada e balofa, mãos e pés de criança, sempre mal-amanhada por falta de gosto, espírito pequenino e mexeriqueiro. No entanto, diziam que tinha sido mui graciosa na sua mocidade e de provocante tipo espanhol.

Fora mais uma das vítimas do casamento de conveniência; desposara um belo rapaz, filho de distinta família e tão rico quanto ela, mas que só a conhecera um mês antes de casar. Nem pensou ele em poder amá-la, suportou-a apenas por ser nova e bonita, sem estabelecer a mínima comunhão de ideias, nem de sentimentos.

Mulher, carecendo de apegar-se a um afeto, ou a uma proteção qualquer, amou-o Fortunata com a medonha paixão carnal, tão eivada de negros zelos, tão vazia de delicado enlevo. Jamais compreenderia a mísera o encanto de duas almas que se identificam nas esperanças futuras, nas alegrias passadas e nas dores do presente.

Considerou-se feliz, enquanto pôde agradar ao marido, enquanto amiudadas vezes volveu ele aos seus braços. Logo, porém, que entibiou o tédio, levando-o a procurar passatempo em que ela pressentiu ligações ilícitas, começou a padecer atrozmente, odiando-o e querendo-o a um tempo.

Pertencia à falange das mulheres vis e covardes, que dizem mal do marido, de quem, entretanto, mendigam os afagos, sem coragem de sufocar as solicitações da natureza, para enxotá-lo como perjuro do leito conjugal. Preferem desmoralizar-se perante aqueles a quem se queixam, aproveitando as migalhas indigestas de repugnante munificência.

Conheceu a escala ascendente e descendente de incomportável ciúme, temendo-se até das pretas que a serviam, rebaixada pelo mais degradante padecer. Cercou-se de criaturas repelentes e, ainda assim, não dispunha da primitiva quietação de espírito, bem cedo perdida para sempre.

Já contava 48 anos, quando conheceu Cândida Lima, mais moça do que ela, a ostentar a plenitude de todos os encantos, tentadoramente bela. Sendo tão ciumenta, deveria Fortunata usar de mais critério na escolha de suas relações e cercar-se de mulheres da sua idade, o que é muito essencial para paridade de ideias e de gostos.

Em breve adivinhou a paixão abrasadora de Gabriel e a dissimulada retribuição da moça, vingando-se em dizer dela os maiores horrores às pessoas que a visitavam, sobretudo quando podia ouvi-la o marido. Nada adiantou com isso, porque nenhuma mulher tem defeitos aos olhos do homem que a ama. Conseguiu apenas tornar pública aquela inclinação que tanto a amargurava.

VIII

Por capricho, continuou Cândida a convidar o marido de Fortunata para as partidas, o que também fez Benta, não só por comprazer com a amiga, como também porque nunca a ofendera ele, dispensando-lhe sempre respeitosa amabilidade. Fatalmente atraído, calava Gabriel Dias a razão e frequentava as *soirées*.

Alegava indisposições, enxaquecas, para desculpar a ausência da mulher, explicando assim o haver ela cessado de receber nos dias que lhe tocavam. Era obrigado a salvar as aparências, dando ao mesmo tempo uma espécie de satisfação às pessoas que compareciam às suas festas, tão subitamente terminadas.

Tudo adivinhou a perspicácia de Venâncio, embora fingisse nada ver, explodindo, porém, na

primeira contenda, injuriando conjuntamente Cândida e Gabriel. No seu entender, tinha ele milhares de defeitos, dizia-o até mulato, quando o não era, pensando assim rebaixar ambos, muito covarde ante o outro, como todo o homem que espanca a mulher.

Pouco mais duraram essas reuniões: farejando o Dr. Queiroz parte da verdade, aproveitou o ensejo de também acabar com as recepções, pois sempre despendia mais que de ordinário nessas noites, embora fosse modesto o que apresentava. Resolveram então Cândida e Benta só festejar os aniversários natalícios, contristando-se Celeste com semelhante desfecho com as causas que o motivaram.

Completara Celeste 14 primaveras e tornara-se tão deslumbrante a sua beleza, que obrigava os transeuntes a voltar-se para de novo mirá-la, muda homenagem de que muito se desvanecia o pai.

Uma feita, à tarde, acompanhou a mãe à casa de Benta, onde encontrou o Dr. Ciro da Silva, filho de um velho amigo de Cerqueira. Chegara da Bahia, sua província natal, a fim de espairecer na Corte e arranjar uma boa comarca com o auxílio de um senador, seu patrício.

Ao vê-lo, experimentou ela uma estranha comoção, como que forte pancada no cérebro e no tórax, entontecendo-a e dando-lhe vontade de chorar. Depois das formais apresentações,

sentou-se toda trêmula e fria, quase odiando esse desconhecido que lhe convulsionou todo o ser, na simples troca de um olhar.

Despeitada, observou-o à socapa,[27] desejosa de descobrir-lhe algum defeito, quedando-se embevecida a admirá-lo, apesar dele dispor de um tipo que não lhe fora até ali simpático: estatura acima da mediana, magro, barba e cabelos castanho dourados, olhos azuis de imensa doçura, nariz de peregrina forma, bigode louro, boca pequena, nacarada, de lábios grossos, mãos e pés fidalgos.

Desagradava-lhe a voz um pouco arrastada do provinciano, mas tão bem se adequava ao seu todo doentio e lânguido, que não mais a impressionou.

Tinha Ciro da Silva 33 anos, duplicados por uma existência tempestuosa, que o fatigara, sem jamais satisfazê-lo.

Gastara-se, mas não vivera. Consumira a mocidade e a saúde em infrenes volúpias, que no dia seguinte o deixavam tão vazio como antes, porém enfastiado no moral e no físico. Nem ele mesmo poderia afirmar se realmente havia amado, pois nunca sentira a necessidade de devotar-se a nenhuma criatura, alienando a própria individualidade.

Era um ente efeminado, voluptuoso, amante da ociosidade, nascido para deleites e não para o são trabalho que revigora o homem e o

eleva na própria estima. Formara-se em ciências jurídicas, fizera bonita figura na academia de Pernambuco e volvera à Bahia, onde o encaminhou o pai, então desembargador.

Ao morrer, era o velho ministro aposentado do supremo tribunal de justiça, deixou o filho juiz de direito, pedindo-lhe que permanecesse na magistratura, que ele tanto honrara. Aborrecido do lugar onde estava e mal conceituado por diversas aventuras, resolveu Ciro vir à Corte, a fim de obter pelo menos uma transferência.

E foi esse o homem a quem amou Celeste com todo o enlevo do primeiro amor, prestando-lhe as mais belas qualidades, adorando aquele ar de fadiga, que o poetizava ante a sua candura. Era esse encanto o estigma do vício das vigílias delirantes e de um começo de tuberculose.

— Não acha tão linda a minha amiguinha? — inquiriu Benta, designando-a a Ciro.

— Encantadora! — disse, olhando-a como conhecedor e fazendo-a enrubescer.

— Mas de tal mãe, tal filha! — acrescentou lisonjeado Cândida.

— Não é exato? — atalhou Benta. — Até parecem irmãs!

— Qual! Bananeira que já deu cacho! — objetou a moça, sem a mínima convicção de decadência.

— Há de permitir, minha senhora, que não creia no que acaba de dizer. Bem sabe que

a maioria dos homens dá preferência ao fruto sazonado, enfim à mulher completa, cônscia do seu prestígio, e eu sou desse número. É deveras gentil a laia, porém muito tenra ainda. Daqui a quatro ou seis anos fará barulho na Corte.

— É adorável a Celeste! Sinto não ter um filho em idade de poder mais tarde casar contigo! — disse Benta, tomando-lhe a mão e beijando-lhe as faces um tanto pálidas.

— Vou à janela! — soprou ela, desprendendo-se-lhe dos braços e refugiando-se na sacada.

Saltaram-lhe as lágrimas; enxugou-as, abalada por um tremor nervoso que a sacudia toda, apertando-lhe os queixos. Odiou naquele momento Ciro, a quem qualificou de malcriado, e maldisse a sua extrema juventude tão cheia de galas, porque não a apreciava um depravado a quem via pela primeira vez.

Teve o pressentimento de que muito ia padecer, de que, daquele dia em diante, dataria a sua existência de mulher, pendendo-se-lhe a pura fronte em um gesto graciosíssimo de escrava resignada. Depois de tanto querer amar, caiu afinal na voragem das lutas, das más paixões e dos desenganos, essa alma feita de luz e de harmonias.

Afagaram-na umas aragens de esperança, de ternura, de alegria, de indizíveis anelos. Sentiu-se forte, dominadora, capaz de governar o universo e, já supersticiosa, quis ver na limpidez

do céu desse belo dia um bom ou mau presságio ao desenlace do seu nascente afeto.

Baixava a noite; docemente expirava a luz diurna, enfeixada no ocidente numa barra avermelhada que se fundia aos poucos no azul transparente, depois de cambiar o amarelo vivo, o verde claro, o violeta e o cinzento anilado. Embevecida e mais serenada, contemplou Celeste o esplendor daquele consolativo ocaso.

De súbito, sobressaltou-se, ao sentir-se enlaçada. Voltando-se, deparou com Olívia, a primogênita de Benta, que ria às gargalhadas do susto que lhe pregara.

— Que tens, Celeste? Choraste?

— Não é nada, estou nervosa… Onde te demoraste tanto tempo?

— Lá dentro, tomando caldo de cana; queres um pouco?

— Não, jantei[28] ainda agora. Que linda tarde, hein?

— Linda mesmo!

— Escuta; esse sujeito, esse *círio* que aí está…

— Não se chama Círio, mas Ciro — atalhou Olívia.

— Bem sei, estou gracejando. Tem ele cá vindo amiudadas vezes?

— É esta talvez a sua quinta visita, por quê?

— Simples curiosidade!... É bem antipático!

— E ele que te acha tão bonita!

— Como o sabes? — inquiriu curiosa.

— Quando aqui veio pela primeira vez, folheou os álbuns, viu o teu último retrato e até disse… Ora, meu Deus, como foi?...

— Recorda-te, faze por te lembrar… que esquecida que és! — censurou ansiosa.

— Ah! Já sei! — Juntou as mãos e disse — Que ideal criatura!

— Deveras?! — exclamou Celeste, ruborizada e radiante.

— Palavra! Queres que pergunte à mamãe?

— Não! Não! Eu te creio!

— Então a mamãe contou que eras muito inteligente, a primeira do colégio, que tocavas muito bem piano e que nós todos te adoramos.

— Coitada de D. Benta! Tão boa! — disse, alvoroçada, apertando febrilmente a menina de encontro ao seio.

Voltou à sala de cabeça levantada, risonha, beijou meigamente a dona da casa, tomou parte na conversação geral e correu atrás do pequeno Lauro, que fugia às suas carícias. Pediram-lhe que tocasse alguma coisa, ao que acedeu, executando noturno, valsas e pedaços de ópera.

IX

É possível que a súbita paixão de Celeste não se desenvolvesse, se nunca mais encontrasse a pessoa que lhe inspirara; porém, acontecendo inteiramente o contrário, lavrou sem peias[29] de modo voraz. Via Ciro com frequência em sua própriacasa, ou na de Benta, nos teatros e nos passeios.

Em pouco recrudesceram-se-lhe os pesares, ao adivinhar, com a presciência de apaixonada, o namoro dele e da Tereza Veloso, uma moça casada, de 28 anos, mimosa e romântica. Haviam-se encontrado, sentiram-se atraídos, começando logo o rapaz a dirigir-lhe galanteios, contente por ter em que empregar o ócio.

Tão criança ainda, curtiu Celeste todas as torturas de um amor não retribuído, trucidada pelo

ciúme, pela dor e pelo desencanto, fanando-se-lhe uma a uma as mais belas aspirações do seu novel coração. Tinha a sensação de imenso desequilíbrio moral, porquanto, em vez de lhe vibrarem docemente as fibras em um primeiro amor, abatera-lhe a alma a mais cruel das decepções.

Perceberam Tereza e Ciro aquela ternura, que se traía a todo o instante, julgando-se a salvo de olhares profanos. Daquela concorrência, daquela esplêndida frescura receou-se a mulher, desvanecendo-se o homem, embora gasto com as primícias do radioso devanear de tão formosa criatura.

E, enquanto eram eles felizes, definhava Celeste na idade dos risos e dos anelos, pálida e melancólica como um anjo tumular. É extraordinário quanto pode padecer uma criança sem morrer, não mais tendo apego à vida, enfastiada do que até ali a deleitara, só por feri-la a primeira decepção, o primeiro estorvo à expansão de um afeto!

Perdera esse abençoado sono da juventude de dez e doze horas a fio, rolava no leito de insônia, sufocava os soluços, tiritava de frio nervoso, esquecida do tempo, perdida no solene silêncio da noite avançada, gemendo a sua agonia à face de Deus. Ansiava repousar no estreito espaço de um caixão, vestida de noiva, branca, serena e ainda

bonita, nessa mortalha terrestre abandonada pela alma, que subira ao céu em demanda da bem-aventurança das mártires.

Adormecia ao clarear do dia, levantava-se às horas habituais, ia ao colégio, alquebrada, doente de corpo e alma, forçando o pobre cérebro a recordar-se das regras de gramática de diferentes idiomas. Cumpria com os seus deveres, nenhuma quebra de aplicação lhe notavam os professores, se bem que estivesse bipartido o seu entendimento.

Distintamente sentia uma parte dele adstrita aos afazeres, ao obrigatório interesse pelo que devia ouvir e gravar na memória e às belezas literárias que repetia. Mas, a outra, a melhor, onde reside a sede do sentir, essa só era ocupada pela imagem de Ciro, com o deplorável cortejo de amargores e de desesperanças.

Em um domingo, espalmou da estante paterna o romance *A Dama das Camélias*,[30] fechou-se no quarto e devorou o livro, afogueada pelo susto de ser surpreendida pela mãe, e mais ainda pela mórbida influência de uma tão dolorosa paixão. Simpatizava com aquele amor ardente e grande, nascido no meio do vício, das ligações efêmeras, dos beijos convencionais, do champagne espumante e da tosse cavernosa.

Quase invejava a sorte da heroína, apesar dos seus tormentos, pois lhe pareciam compensados pelo delirante afeto de Armando. Tinha a intuição e já um pouco de experiência de que o amor é feito de lágrimas, de abnegações e de sacrifícios, em um altruísmo espontâneo, no qual aquele que se despoja ainda se conside -ra devedor.

Infundiu-lhe profunda pena, como que uma referência a sua própria pessoa, o abatimento do rosto de Margarida, de angélica e surpreendente expressão em uma hetaira.[31] Olhou-se ao espelho, notou a cavidade das faces, o arroxeado das olheiras, a avidez dos olhos incendidos, e sorriu lugubremente, crente de que pouco viveria também.

Chorou aflita, ao ler a cena do cemitério, em que preside o saudoso amante a exumação da pobre morta, horrorizado ante a medonha decomposição daquela que tão lida fora, e a quem tanto idolatrara. Combaliu-a demasiado a leitura desse livro, onde pulsam tamanhas paixões, abalando fortemente e amargurado o seu impressionável espírito.

Notou Cândida à persistente melancolia; a palidez, o fastio e o emagrecimento da filha. Suspeitou parte da verdade e resolveu interrogá-la.

Sentando-se na sala, somente iluminada pelo luar, chamou Celeste, que estava à sacada.

— Que é, mamãe?

— Senta-te aqui, perto de mim; temos que conversar. Olha, minha filha, tudo adivinham as mães e os amantes; portanto, eu, como tua mãe, pressinto que te aflige algum pesar. Fala, dize-me, o que tens? — insistiu com ternura, apertando-a de encontro ao seio.

Surpresa, comovida e enleada, ocultou Celeste a face no ombro materno, rompendo em soluços.

— Bem vês que acertei, minha querida, mas não chores assim; tudo se arranjará a teu contento.

— Qual! Não é possível! — bradou a menina.

— Por quê?... Queres a alguém, não é exato?

— É.

— Mas a quem? Fala, eu te peço!

— A… Ciro.

— Ah! Não penses nele!... Gosta de outra pessoa, acrescentou Cândida, perturbada.

— Da Tereza Veloso, não é?

— Pois sim, é! — respondeu, embaraçada.

— Como sou infeliz! Logo no meu primeiro amor! Verás que hei de ser desgraçada toda a vida!... Não mais amarei a ninguém, morrerei com o meu desventurado afeto!

— Acalma-te, meu anjo, tem paciência! Isso não é desgraça, apenas uma contrariedade…

— Uma contrariedade não reduz uma criatura a este estado! — atalhou, repreensiva.

— Estás apaixonada, por isso vês tudo por um prisma, mas eu até me regozijo, porque não o queria para genro.

— Mas pelo quê? Não é bom moço?

— Será, porém não serve para marido. É um homem gasto, um bagaço, incapaz de fazer a felicidade de nenhuma mulher. Não vês os remoques que dirige a Tereza quando está amuado? É um malcriado.

— Se me amasse, talvez se corrigisse.

— Qual amar, nem pera amar! Deixa-te dessas ideias, filha! Existe o amor nos romances e nos dramas, na vida real não tem nenhum cabimento, e ai daquela que julgar inspirá-lo.

— Pois eu creio que ele existe, porque o sinto, e se me casasse havia de ser por amor. Mas ficarei solteira, porque é impossível amar assim mais de uma vez!

— Ora! hás de amar outro, que te corresponda, que seja digno de ti, e nem mais pensarás nesse água-morna.

— Nunca! Nunca! — bradou indignada.

É muito difícil, porém, na idade de Celeste resistir um afeto à indiferença daquele que o inspira, acabando por definhar à míngua de alimentos. Ainda assim, persistiu o dela vivaz durante um ano inteiro, que equivaleu a um século de torturas.

É certo que, afinal, foi Celeste conhecendo o caráter de Ciro, diminuindo de dia a dia o

ideal em que o emoldurara. Ouvia-o sempre a enumerar conquistas, ridicularizando as vítimas e as provas de amor que lhe davam, sem jamais confessar se amara, nem se vertera dessas lágrimas quentes e generosas dos 20 anos.

Pressentiu Ciro a evolução operada nos sentimentos da menina. Magoou-se-lhe o amor-próprio de vaidoso, mesmo porque ninguém gosta de desaparecer de todo do coração onde imperou. Mostrou mais um acréscimo de melancolia na atitude e no olhar, mirou-a a mais atentamente, descobrindo-lhe graças em que não havia atentado.

Uma ocasião, palrava com ela sobre poetas e poesias, contradizendo-a, a fim de ouvi-la emitir opiniões com fogo, rubra de entusiasmo, eloquente, fulgurando na irradiação dos olhos infinitos. Embevecido, esquecia-se de contrariá-la, colhendo ao contato daquela seiva exuberante um renovo de juventude.

— Se eu fosse poeta, laiá,[32] escrever-lhe-ia poesias como o *Amor e medo*, de Casimiro de Abreu; conhece-a, não?

— Conheço — respondeu, toda grave, instintivamente, compreendendo que lhe não devia ele dizer aquilo.

Baixando a voz, fitou-a Ciro com ternura, recitando:

"Como te enganas!... Meu amor é chama,
Que se alimenta no voraz segredo,
Se de ti fujo, é que te adoro louco:
És bela e eu moço, tens amor e eu medo."

— Que lindo! não acha?

— Acho — disse ela, dissimulando um bocejo com o leque. E encetou muito naturalmente uma conversa banal com a vizinha da direita.

— Já é bem mulher; sabe repelir sem estrépito! — pensou o sedutor, um pouco despeitado.

X

Completou Celeste 15 anos a 25 de novembro, devendo sair do colégio, deitar vestido comprido e estrear no Cassino. Três dias depois, tristonha e saudosa, pela última vez assistiu às aulas, sentou-se à longa mesa, onde jantava desde criança, comendo todas as semanas o mesmo menu com o prodigioso apetite da infância sadia.

Mirava o teto, as paredes, as árvores do pátio, achava tudo aquilo hospitaleiro e conchegado. As professoras mais feias pareciam-lhe até graciosas e a regularidade do estabelecimento um paraíso. Arrefecia-lhe, porém, a satisfação de haver alcançado o seu ardente *desideratum*[33] uma indizível apreensão, ao encarar a nova existência que devia encetar.

Pressentia jamais desfrutar a quietação que ali tivera, nessa fase toda embrionária, em que bem superficialmente se ataviam o espírito e o coração para entrar na vida social. Agradava-lhe, é certo, a perspectiva dos bailes, das festas e da homenagem masculina, mas arrefecia todo esse momentâneo alvoroço incubado temor de não ser ditosa, se algum dia casasse, por não escolher o homem para ela talhado.

A soluçar, abraçou as mestras, as condiscípulas e mesmo as criadas, todas comovidas, a lhe desejar felicidades.

— Eu cá virei passar de mês em mês um dia inteiro com vocês. Terei tantas saudades!

— Pois venha, que muito prazer nos dará! — disseram a um tempo as professoras.

No fim de uma semana, já se havia desabituado da passada existência. Passeava, estudava piano e canto, entregava-se com paixão ao cultivo da voz maviosa e ágil, bordava, fazia crochê, lia, estudava, a fim de não olvidar o que aprendera, falando francês, inglês e italiano, sempre que se lhe oferecia ensejo.

Deitou o primeiro vestido comprido para assistir a um sarau em casa do Dr. Queiroz. Era de tafetá cor de pérola, com larga faixa de veludo, escarlate, mangas pelo cotovelo, mostrando meio braço alvo e puríssimo, aberto o corpete até a nascença dos seios, laço do mesmo veludo nos negros cabelos, singela e linda.

— Não faças como a *Filha do Regimento*,[34] quando troca o uniforme de vivandeira pelo trajo de baile, a embrulhar os pés na cauda, toda atrapalhada, motejou Cândida.

— Creio que me acostumarei hoje mesmo. Vê lá se piso mal? — perguntou, passeando pelo quarto, airosa e desembaraçada.

— Aqui vais muito bem, mas na sala é diferente; há pares que se cruzam e gente bruta que não sabe desviar-se de uma cauda, o que é fácil basta arrastar os pés e não os levantar.

Fez furor no baile, ouviu galanteios, sorriu de muito ridículo, zangou-se por lhe pisarem no vestido. Houve-se nessas ocasiões como as demais, livrando-se dos pés desalmados. Não a deixaram descansar, passava de um braço para outro, enfiando quadrilhas, valsas e polcas, contente e infatigável.

Em uma *chaine de dames*,[35] toda risonha, objetou-lhe Cândida:

— Minha filha, parece que te alugaste para dançar, não paras!

— Ora! Para que vim eu, então? — retorquiu alegremente.

Na volta, acomodada no carro, inquiriu triunfante:

— Então, fiz algum fiasco?

— Nada, toda esbelta! Olhando-te, julguei até sonhar, pois me parece que nasceste ontem, que ainda te adormeço ao som de *O Macaco está*

no mato, tão presente tenho a tua meninice! — disse Venâncio, enternecido.

— Gentil como uma princesa! — declarou Cândida, conchegando-a orgulhosa e beijando-a.

— Pensaram que eras minha irmã! — disse Celeste radiante.

— Ah! Temo-la pelos ares! — chasqueou Venâncio.

— Oh! Pois não! Naturalmente pela falta de hábito de ouvir elogios! — retorquiu a mulher com azedume.

— Basta, senhora! Basta! Já aqui não está quem falou! — apressou-se o marido a acrescentar, a fim de evitar contendas.

Uma noite, acabava Celeste de valsar em casa de Benta, quando lhe travou esta do braço, pedindo desculpa ao cavalheiro, e a apresentou ao padrinho de Olívia, um sujeito alto e magro, que a olhava deslumbrado. Obteve para ele a próxima quadrilha, deixou-os entabular conhecimento, indo organizar a contradança.

Para vingar-se dos vestidos curtos, arrastava então Celeste umas caudas de metro e meio, que lhe realçavam a natural elegância, fazendo-a parecer mais alta. Gostava de dançar, via-se-lhe pelo contentamento do semblante, tinha movimentos lânguidos, flexíveis, de uma graça felina e enervante, que encantava.

Depois da quadrilha, disse-lhe Benta:

— O compadre está louco por ti, e, se quiseres, farás um casamentão. Pertence a uma distinta família de fazendeiros, é boa pessoa e rico como um Creso![36]

— Eu só casarei com o homem a quem amar! — respondeu a esplêndida criatura.

Sentia-se acima dos mais preciosos tesouros, e não a ofuscava o ouro, considerando-o um meio e não um fim, por mais que lhe insuflassem o interesse e a ambição. Horrorizou-a a ideia de viver com aquele ente, enojando-a o seu sorriso alvar, a patentear a falta dos dentes da frente.

— Antes morrer! — murmurou, e pouco depois nem mais a preocupou esse incidente.

Em maio, fez a estreia no Cassino Fluminense, decotada, vestido rosa pálido, diadema de flores da mesma cor, colo e braços esculturais, deliciosa encarnação da juventude. Teve verdadeiro sucesso. Disputaram-lhe os rapazes os olhares e os sorrisos, adejando-lhe em torno pressurosos, trazendo-lhe gelados, tomando-lhe conta do leque, do ramo.

Irradiavam Cândida e Venâncio, ao receber os encômios com que exalçavam a beleza da filha. Pediu-lhe o pai:

— Priva-te de uma quadrilha para que te leva às galerias, a fim de apreciares o belo efeito do salão.

Detiveram-se lá em cima a ver dançar. Chasqueou Celeste de algumas toaletes esquisitas, mostrando-lhe depois Venâncio todas as salas. Desceu à copa para fazê-la saborear um cálice de um xerez maravilhoso, vinho por ele preferido.

Saíram do baile na mesma ocasião que os músicos, às quatro horas da manhã. Custou Celeste a adormecer, pela excitação dos nervos; acordou tarde, fatigada, mole, incapaz de ocupar-se com a mínima coisa. Comeu mal, sabendo-lhe a boca a ferros velhos.

Arranjada como era, porém, violentou-se um pouco, sacudiu e guardou o vestido, as flores, os sapatos, tudo com que se ataviara na véspera. Estirou-se então a gosto em uma cadeira preguiçosa, de olhos quebrados, dividido o cabelo em duas tranças possantes, que lhe chegava às curvas, a bocejar, deleitando-se em reviver as impressões do baile.

Era talvez essa evocação melhor que a própria festa, pois não lhe distraía a atenção do ponto determinado, revendo em doce remanso mil nugas[37] que lá não apreciara. Às vezes descerrava as pesadas pálpebras, soltava comunicativa gargalhada, caindo de novo na imobilidade, entregue ao minucioso labor do cérebro.

Aos poucos, frequentando a sociedade impregnada de soberba, de cinismo e de hipocrisia, pressentiu a donzela coisas que ignorava e que não ousou confessar a si mesma. Mais feriu,

no entanto, a sua delicada natureza, a perda gradual da própria candura, do que a desoladora vista das humanas vilanias.

Votava religioso culto à pureza, a tudo quanto é imaculado, aliando, entretanto, a esse melindroso enlevo uma ardente curiosidade de conhecer a vida e o mundo. Na fase de misticismo histérico, desejou professar, sequestrar-se da família, sepultar-se viva em austero claustro. Alta noite, com a corda ao pescoço, descalça e cilícios sob o burel, teria êxtases divinos ante Jesus crucificado, o pálido esposo da alma.

Na fase venturosa, quisera viver em tempos medievos, ser a dama de esforçado campeão, herói de medonha carnificina, que a ela chegasse, passando sobre um montão de cadáveres, raptando-a brutalmente: afrontando lufadas de granizo, leva-la-ia, atravessada na sela do negro ginete, soltos os cabelos, em uma carreira desenfreada, depondo-a exânime em macio leito, num maravilhoso alcácer.

Ou então, amante de algum chefe de salteadores, que a capturasse em viagem, despojando e matando os que a acompanhassem; fraca e indefesa, dominaria pelo prestígio da beleza o destemido aventureiro, cativo a seu turno e fortemente ligado pelas cadeias do amor.

XI

Mortificava-a nessa época o mísero estado da pobre *Bá*, sofrendo de um cirro,[38] tendo em cada canela uma chaga, sem, no entanto, deixar de trabalhar. Costurava, varria e limpava o pó, não mais podendo lavar, nem engomar.

Por vezes, estudando piano, sentia a donzela na nuca o beijo úmido e frio da enferma, que vinha munida da vassoura, do espanador e dos panos velhos tratar da sala. Arrasavam-se-lhe os olhos de lágrimas por inspirar-lhe profunda dó aquela que devia descansar em um leito e não mais prestar serviço.

— Senta-te, *Bá*, eu farei tudo direitinho, coitada!...

— Mas, não estás acostumada a isso, e a Sinhá pode vir de repente!

— Não nos apanhará. Deixa, tenho bom ouvido!

Cobria a cabeça com um pano, prendia o vestido, suspendendo-o, e varria, espanava, trepando em um banco, a fim de limpar os quadros e os espelhos. Depressa aprontava tudo, soltava as roupas e acercava-se carinhosa da preta, que chorava de enternecimento.

— Minha querida *Bá*, já não deves trabalhar!... Oh! Quanto se abusa destas infelizes criaturas! — exclamava a chorar.

— Que queres! Custei dinheiro e é preciso que mo tirem do lombo!... Sinhá me disse ontem que procurasse outro senhor. Agora… neste estado… quem me quererá?!

— Tu! Vendida! Desgraçada! — soluçou Celeste.

— Já nada presto!... Mas não lhe fales nisso, porque ralhará comigo… Eu mesma quero ir-me embora… Já não posso com estas impertinências!... Tive notícia de um preto mina[39] que dá por mim duzentos mil réis e promete pôr-me boa…

— Qual! *Bá*, não creias nisso! Pois se os médicos não te dão volta!

— Está bom! Tu és branca, não acreditas, mas estes olhos, que a terra fria há de comer, têm visto muita coisa! — afirmou convencida.

— Ah! Meu Deus! E não poder eu valer-lhe!

Oito dias depois, efetivamente, recebeu Cândida duzentos mil réis pela venda da preta.

Afigurou-se à filha que ela vendera uma morta. Chorou desesperada ao despedir-se da ama, magra, fula, a arrastar-se, lavada de lágrimas. Doeu-lhe aquela separação, não só pela deplorável condição da ama, e pela incerteza de tornar a vê-la, como também por lhe parecer que se desmoronava parte da sua própria vida tão ligada à dessa desventurada.

— Choras demasiado por uma cachorra que tantos desaforos fez a tua mãe! — disse Cândida despeitada e rancorosa.

— Oh! Mamãe! Mas sempre foi tão boa para mim! — gemeu a jovem.

— Não fazia mais do que o seu dever! — redarguiu muito ríspida.

Achou-a Celeste crudelíssima, refugiou-se no quarto, onde desafogou livremente o desgosto, evocando aquela humilde e persistente ternura, que tanto lhe adoçara a meninice sem jamais oferecer resistência aos seus caprichos. Cheia de fé, ajoelhou-se, orou com fervor para que sarasse ela e encontrasse mais brandura e caridade no seu novo cativeiro.

Custou-lhe imenso habituar-se àquela ausência: por vezes deixava de cantar, voltava-se de súbito, parecendo-lhe divisar o vulto de Bá, e passava desconsolada a mão pela nuca, que ela beijava de preferência. Chorava, ignorando o seu

paradeiro, se piorara, se era menos desditosa, se esperava curar-se, e se ainda a estremecia como dantes… Aos poucos, pela ordem natural do padecer, foi diminuindo a agrura desse pesar, passando ao estado latente, em que de ordinário se apaga nos corações vulgares, perdurando por todo o sempre, porém, nas almas eleitas e sensíveis, em que há o culto da lembrança. Ao menor choque, à mínima parecença, à descrição de idêntico carinho, e, às vezes, sem causa aparente, sangrava na donzela a dor provocada pela privação de tão puro afeto.

Cumpriu o que prometera ao sair do colégio, lá indo de mês em mês passar o dia inteiro, reviver as emoções de outrora, tendo um terno sorriso para cada canto. Percorria com o pai as mesmas ruas, saudava as mesmas pessoas, pisava até as mesmas calçadas que em parte gastara o cotidiano perpassar dos seus pés. Nada havia mudado, só ela diferençava do que fora, entristecendo-a essa descoberta, que evocava dissabores, já curtidos.

Cantava Celeste como uma sereia, com a entusiasta paixão, que era o distintivo da sua natureza, e com a inata facilidade dos passarinhos, fazendo intuitivamente aquilo que os mestres não ensinam, mesmo porque não é possível ensinar o que é inerente a cada criatura. Tinha um vizinho que a escutava maravilhado, com os

olhos a marejarem lágrimas, rejuvenescido pelo despertar de passadas sensibilidades.

— Lembra-me a Charton![40] Dá-me saudades do meu tempo! — dizia ele a Cândida.

Mas a sua música favorita, a que cantava de preferência, era a grande ária da *Traviata*[41] "*Ah! Forse é lui che l'anima*"[42]. Dispunha de admirável dicção, acentuava fortemente certas palavras, dando assim muito realce à frase. No recitativo revelava um desalento amargo, uma contração de abandono, de desesperança, e, por fim, entre sarcasmos, uma desolada perspectiva de acabar com a vida em meio de febricitantes orgias dizendo:

"Folie!... Folie!... Delírio vano é questo! Povera donna, sola abbandonata, in questo popoloso deserto che appellano Parigi, che spero or piú?...Che far degg'io?... Giore!... Di volutá! Ne'vortice, di volutá giore! Giore!..."[43]

Uma noite, ao acabar de cantar, comunicando, como sempre, ao palpitante auditório a sua própria emoção, recebeu uma salva de palmas e de bravos. Muito comovido, felicitou-a Ciro, sentando-se junto ao piano, a mirá-la, enquanto corria ela os longos dedos pelo teclado, com o rosto afogueado e as mãos frias.

E disse-lhe Ciro:

— Ah! Laiá! Muito há de padecer, se algum dia amar!

Dardejou-lhe ela um olhar de infinitas interpretações, um poema úmido de lágrimas, patenteado em um rápido volver de olhos, e nada disse, fazendo umas escalas cromáticas destacadas, semelhando arrepios. Pungia-a naquele momento haver tão mal desbaratado o seu tesouro de ternuras, amando-o, a ele, tão pouco merecedor de tamanha opulência!

— Compreendo toda a eloquência do seu silêncio, e creia que lamento a fatalidade que me levou a perder o seu afeto só por si capaz de ensoberbecer a um rei!

— Ora! Criançada! Já passou! — atalhou, altiva e irônica.

— Infelizmente para mim, passou!

— Senão?

— Poderia talvez fruir uma felicidade, de que seria indigno, confesso! — replicou com muita gravidade — Triste condição humana!... Só queremos e apreciamos os bens que perdemos!... Por vezes, até detesto essa criatura que lhe é somenos em tudo, interposta pelo destino entre mim e a luz!...

— Oh! Não foi ela! Coitada!

— Unicamente! Se eu estivesse despreocupado, não me furtaria ao seu doce encanto.

— Ficaríamos na mesma: eu sempre seria a criança desenxabida, sem os atrativos de mulher, não sabendo ocultar as minhas impressões…

— Como é implacável! Não esqueceu o que a molestou outrora! Mas não haveria pressa de casar; só mais tarde, na posse de todas as graças, far-me-ia ditoso.

— Tudo isso é bem bonito, porém felizmente para mim, talvez, nada mais sinto; acabou-se!... E, embora inexperiente, doutor, ouso crer que esses sentimentos, desde que desaparecem, não voltam mais — acrescentou um tanto merencória, deixando-o.

— Pobre mulher! — pensou, lembrando-se de Tereza.

No entanto, parecera Ciro querer tanto a ela, lá a seu modo, é certo. Mas, enfim, cada um dá o que tem, e a mísera o amou a ponto de olvidar os seus deveres, e talvez ainda o amasse. Abateu-a acerbo desgosto, que sempre experimentava ao verificar a incoerência dos mais vivos afetos, a sua instabilidade, que se lhe afigurava vilania, e o pouco apreço do homem pelo devotamento da mulher que o distingue, à custa da própria honra.

Nesses momentos envelhecia dez anos, arreceava-se do futuro, de dar um passo sequer na sociedade tão falsa, tão cheia de embustes, para seduzir e apanhar as incautas, sendo mais tarde a primeira a estigmatizar com o ferrete da infâmia aquelas a quem iniciou, a quem perverteu, lisonjeando-lhes a vaidade, acoroçoando-lhes as

más tendências, abafando-lhes capciosamente os brados da consciência.

Dias depois de Celeste sair do colégio, dissera-lhe a mãe:

— Vai para a sala esperar o Gabriel. Logo que ouvires bater, abre sem chamar o criado; a chave é branda, não magoarás as mãos.

— Ele aqui vem! — exclamou a moça surpresa, pois haviam de todo cortado relações com a Fortunata.

— É por capricho que o recebo, a fim de mostrar à mulher para quanto presto!... Nem teu pai o sabe! — insinuou a mãe.

Calou-se a donzela; procurou dissipar a má impressão que tudo aquilo lhe causava, associando-se ao desforço da mãe, mas a sua retidão condenou todos aqueles subterfúgios, desvendando-lhe a causa real de semelhantes entrevistas. Pressentiu que deviam elas subsistir de há muito e que lhes participara Cândida, coagida pela circunstância de tê-la em casa contando, porém, com a tácita e filial condescendência.

Muito envergonhada, recebeu Gabriel, a quem não surpreendeu a sua presença, pois naturalmente conhecia os projetos da amante. Elogiou-lhe a beleza, ofereceu-lhe um cartucho de *marrons glacés*, palrou sobre banalidade até aparecer Cândida. Presa então de indizível mal-estar, não sabia Celeste que atitude deveria

tomar; ergueu-se por fim, chegou à sacada, remexeu nos álbuns, nas jardineiras, fechou o piano e eclipsou-se.

Mortificou-a a pertinácia com que se obstinava a mãe em estreitar uma ligação que a desacreditava, dando assim incremento à rancorosa difamação de Fortunata e expondo-se à cólera de Venâncio, que nem mais cortejava Gabriel. A pouco e pouco, porém, acostumou-se a um mal que não podia remediar; usou os vestidos e os objetos com que a apresenteava o amante de sua mãe, aceitando resignada aquela cumplicidade.

XII

Em casa de Vênancio havia uma *soirée*, festejando os 16 anos de Celeste.

Às 10 horas entrou Benta; depois dos beijos e das felicitações usuais, um tanto amuada, disse-lhe a donzela:

— Então, vens a estas horas, como para um baile!

— Antes de qualquer explicação, deixa-me apresentar-te o Dr. Artur Medeiros, a quem trago até aqui à força.

— Sim?

— Fora visitar-nos, e enquanto se aprontava Cerqueira, instei para que viesse conosco, sem cerimônia, visto tratar-se de uma festa de família.

— Sem dúvida!

— Por mais que lhe pintasse a satisfação que teriam vocês em recebê-lo, resistiu, acompanhando-me contra a vontade.

— Perdão, D. Benta, contra a vontade, não; porém vexado, confesso-o, por parecer intruso!

— Oh! Doutor, nem pense em semelhante coisa! — acudiu Cândida. — É bastante ter vindo em tão boa companhia, para o considerarmos um amigo.

— Oh! Minha senhora! Penhora-me em extremo a sua amabilidade.

Enquanto o conduzia Celeste à sala e o apresentava a diversas senhoras, explicava Benta à amiga:

— É médico de boa família de Pernambuco, rapaz morigerado e simpático, por isso cá o trouxe sem escrúpulo.

— Fizeste bem, mesmo porque nas nossas partidas há sempre mais raparigas do que homens.

Contava Artur Medeiros 24 anos; mais alto que baixo, moreno, fronte larga, olhos grandes e sérios, nariz direito um tanto grosso, lábios carnudos, boca regular, dentes miúdos e alvos, bigode a Napoleão, de guias enceradas, mãos e pés pequenos. Embora jovem, vestia roupas muito sérias, por julgar que deve um médico mostrar certa gravidade. Votava profundo desdém aos tafuis, achando impróprios de um homem requintes de *toalete*.

Era órfão, pobre, e fora educado por um irmão mais velho, negociante em Recife, a quem tributava culto filial, pois não conhecera os carinhos paternos, tendo perdido o pai antes de nascer. Da mãe, conservava a ideia confusa de um rosto angélico e macilento, de um ser doentio, sempre embrulhada em xales, sem forma definida, porém tão meiga e triste, quando o afagava, orvalhando-o de lágrimas…

Lembrava-se também de um dia, em que vira chorar o irmão, de um silêncio solene que reinava em toda a casa, do ar abatido das criadas, da claridade da sala, onde figuravam uns castiçais muito altos, com grandes velas acesas, em torno de um estrado, sobre o qual dormia a mãe muito pálida, risonha como nunca a vira, com as mãos pequeninas cruzadas sobre o peito. Tão linda a achou que lhe atirou uma porção de beijos.

Entraram depois muitas pessoas, todas de preto, muito tristes, que o abraçavam, lastimando-o, e levaram a mãe em um caixão dourado, muito bonito. Acompanhando-os à porta, notou que ela ia só em um carro enfeitado e começou a gritar:

— Eu quero ir com a mamãe! Quero ir!... — sendo arrebatado pela criada que, a soluçar, o carregou até acima.

Mais tarde entrou para o colégio como interno, alegrando-o a companhia dos outros meni- nos. Vinha de quinzena em quinzena, aos sábados, passar com o Rodrigo; narrava-

-lhe tudo quanto fizera e pensara, sem cansar a paciente atenção do irmão, comunicando a sua garrulice uma espécie de contentamento à face austera e merencória desse moço amadurecido pelos trabalhos e apreensões de prematuro cargo de família.

Quando completou ele os preparatórios, tratou Rodrigo de enroupá-lo, a fim de vir para o Rio de Janeiro, cursar a faculdade de medicina. Não quis o irmão contrariar-lhe a vocação, se bem que preferisse tê-lo junto a si, encaminhando-o no mesmo negócio, custando-lhe imenso separar-se desse ente que lhe era tudo, a ponto de induzi-lo a não casar para exclusivamente se lhe devotar.

No momento da despedida, igualmente sofreram ambos, não só por se estremecerem com veras, como também por envolverem essas separações uma ideia de morte, inspirando indizível receio de nunca mais volverem a abraçar-se dois entes que se amam.

Escreviam-se por todos os vapores, e, quando Artur resolveu passar as férias do terceiro ano em Pernambuco, não mais podendo sopitar as saudades, esperou-o o irmão com a mais viva ansiedade. Ao encontrarem-se de novo, choraram de alegria, verteram essas doces lágrimas tão raras na vida, que fazem bem à alma e a não molestam. Durante oito dias não se separam um só momento, dormindo no mesmo quarto para não se perderem de vista. Tudo quanto fi-

zera ele, quis saber Rodrigo, tudo lhe relatou o outro, até os projetos futuros e os seus sonhos de moço.

Depois de formado, desposaria uma criatura boa, paciente e singela, pois eram esses os requisitos que lhe quadravam, morariam com Rodrigo, dando-lhe assim as regalias de família, das quais se privara por amor dele: queria que o venerado irmão fosse também um pouco o pai de seus filhos, incutindo-lhes os sentimentos de honra que tanto o exornavam. De súbito interrompeu-se comovido, vendo lágrimas de antecipado gozo orvalharem o viril semblante fraterno.

Frequentaram depois algumas casas de famílias conhecidas, enamorando-se Artur de uma moça pertencente a uma delas. Tratou o casamento para daí a três anos, quando tivesse uma posição definida e considerou-se com o direito de exigir que a noiva se coibisse de coisas que lhe desagradavam, ao que acedeu ela. Antes, porém, de voltar à Corte, rompeu o projetado enlace, só por ver a rapariga em plena sala aceitar uma rosa que lhe oferecera o primo.

Rodrigo, os pais da noiva e o próprio rapaz, causa involuntária do rompimento, por mais que lhe provassem a inocência da moça e afeição fraternal que unia os primos, não conseguiram demovê-lo de semelhante resolução. Julgaram-no orgulhoso, pouco amorável e até com pancada na mola, quando era aquilo um resultado do seu

temperamento nimiamente[44] zeloso e suscetível até ao exagero em matéria de amor.

A Rodrigo incomodou em extremo essa descoberta que lhe prognosticava cruéis dissabores futuros, pois a um natural ciumento mortifica a simples suposição de uma falta, levando um homem muitas vezes a enfurecer-se contra fantasmas. O que seria então se o ligasse a sorte a alguma leviana que lhe causasse reais dissabores?...

Instigado pelo receio, pediu-lhe encarecidamente que não pensasse em casar antes de forma-se, nem tomasse compromissos dessa ordem com o fim de realizá-los mais tarde, prometendo-lhe Artur não reincidir em semelhantes tentativas.

De volta à Corte, entrou Artur de interno em uma casa de saúde, saindo pouco, empenhado em obter o pergaminho que lhe assegura uma posição independente e os meios de não mais ser pesado ao irmão. E três anos depois regressou a Pernambuco já formado.

Com profundo júbilo, verificou Rodrigo que ele conservara parte das primitivas crenças, salvaguardadas talvez pelo inconsciente idealismo, que era o fundo do seu caráter.

Realmente pertencia Artur ao número dos que consideram a medicina um sacerdócio e não uma profissão, devendo o médico desvelar-se indistintamente por todos que padecem sem

olhar a que classe pertence o paciente, servindo a remuneração dos ricos para socorro dos pobres.

Fez algumas curas bonitas, foi muito festejado pelos pais de meninas casadoiras, apesar de estarem lembrados do brusco desfecho que dera alguns anos antes a certos esponsais. É que se constituíra um bom partido, e nem mais era orgulhoso, nem desafeiçoado, nem maluco, como o haviam outrora qualificado.

Artur, porém, se conservou incólume junto de todas as moças. Seis meses depois, declarou que voltava à Corte, o que muito contrariou a Rodrigo.

— Ora! Pois sempre julguei que aqui te fixarias!

— Quem te diz o contrário? Virei mais tarde definitivamente.

— Deixaste lá alguma afeição?

— Não, felizmente. Mas careço muito de passar algum tempo no Rio, depois do que, serei todo teu.

— Sim, se não te prender alguma fluminense! — suspirou Rodrigo.

— Deus de tal me defenda!... Também sou novo ainda para criar família.

— Prefiro que te conserves solteiro até 30 anos, a ver se a idade te predispões à convivência conjugal, modificando o teu natural em demasia apaixonado.

— Apaixonado só? — acentuou Artur rindo-se, persuadido de que não dizia o irmão claramente o que pensava.

— Sim, apaixonadíssimo, ou antes, em extremo ciumento!... Como amante atenazarias a tua pobre amada por dá cá aquela palha, mas sempre teria ela o recurso de abandonar-te, quando lhe faltasse a paciência. Porém, casado, muda o caso de figura, e talvez abusasses dos teus direitos, tiranizando uma infeliz mulher que acabaria por odiar-te!...

— Mas isso é sério?... Creio que exageras um pouco!

— Não, não exagero; portanto, peço-te que reflitas maduramente antes de te unires a qualquer moça. O tempo e o atrito do mundo podem aplainar o que há de excessivo no teu modo de sentir, tornando-te igual aos demais homens de temperamento zeloso; eis porque te desejo celibatário ainda alguns anos.

— Procurarei satisfazer-te, corrigindo também essa má tendência ao ciúme, embora me não considere nenhum Otelo.

Na Corte, abriu consultório à rua de S. Pedro,[45] começando a clinicar, sem desanimar nas épocas de pasmaceira.[46] Salientou-se em uma temporada de febre amarela, ganhou nome, encarando desassombrado o futuro dali em diante; e relacionou-se com Benta Cerqueira, desde que lhe salvara a segunda filha, a Moema, de uma pneumonia dupla.

XIII

Chegara aos 24 anos, sem procurar prender o coração, sem desejo de escravizar-se, cumprindo o que prometera ao irmão, unicamente dominado pela ciência. No entanto, deveria acautelar-se, porque, de ordinário, quebram esses marasmos morais súbitos e violentos abalos, convulsionando todo o ser, a bem do equilíbrio psíquico.

Nessa noite, em que tanto evitou ir à casa de Celeste, sentia-se propenso à tristeza, incapaz de conservar-se no seu gabinete, carecendo de companhia. Por isso foi palestrar com o Cerqueira; em parte resignou-se a acompanhar Benta, seduzido pela perspectiva de furtar-se por mais algumas horas ao tédio que o consumia.

Deslumbrou-o a presença de Celeste, mas tentou reagir contra o encanto da jovem a quem

via pela primeira vez, crente de que jamais lhe conviria, porque deveria dispor de uma vaidade relativa à louçania de tamanhas graças. Não a quereria de forma alguma, sendo bonita demais para esposa, e para assegurar a plenitude dessa paz doméstica com que sonhara.

Conversando-a durante a quadrilha e depois, achou-a tão natural, tão despida de orgulho, tão inteligente e espirituosa, que lhe pareceu mais bela ainda, modificando-se-lhe a prevenção com que a julgara ao princípio. Devia afinal ser justo e não incriminá-la pelo excesso de atrativos com que a mimoseara a natureza.

Ouvindo-a cantar, cresceu a fascinação que o prendia a sua pessoa, despertando-lhe a voz manhosa e plangente um mundo de sensações desconhecidas e que o conturbavam, deliciando-o. Que doce seria a vida a par de semelhante criatura, eletrizado pelas modulações daquela música celestial, em uma salinha conchegada, em face de Rodrigo e do berço de um filho estremecido…

Despertou-o o ruído das palmas, sem contudo lhe desvanecer o sonho, sob cuja magia, muito comovido, se acercou da cantora, a fim de felicitá-la. Afogado o olhar em um fluido acariciador, acolheu-lhe Celeste os encômios, alucinando-o o sorriso quente, que lhe abria uma covinha na face cetinosa.

Seguiu-lhe o vulto gracioso nas voltas da valsa, preso à harmonia das belas formas da donzela, condenando, porém, aquela dança lasciva, que se lhe afigurava indecente, permitindo enlaçar tão estreitamente um homem a uma moça. Protestou jamais consentir que a sua mulher ou filhas valsassem, encolerizado-o a delicada volúpia que suavizava o encantador semblante de Celeste.

— Não valsa? — perguntou-lhe ela, enquanto descansava um momento.

— Não, minha senhora! — respondeu secamente.

— Que urso! — segredou-lhe o seu cavalheiro, levando-a para outro lado.

Sorriu ela, com seu fino sorriso de mulher, pressentindo a causa da súbita rispidez do moço, ainda há pouco tão submisso e enleado. Gostava de dominar, era um despotazinho, senhor da sua vontade? Pois bem; acabou a valsa com a maior morbidez ainda, mas, ao terminá-la, já não descobriu o médico na sala, desapontando-a essa inopinada represália.

De chofre, tudo em torno se entenebreceu, nada mais a interessou. Pareceu-lhe que aquele estranho levara consigo a alegria da sua juventude, apagando-lhe os anelos e as esperanças que até então a haviam embalado. Invadiu-lhe a alma imensa tristeza, como se adivinhasse a

aproximação de lamentáveis dissabores, tentando em vão banir o mal-estar que o dominava.

Encontraram-se a miúdo em casa de Benta, amaram-se, trocaram fervorosos protestos, projetaram casar daí a dois anos, tencionando retirar-se Artur para Pernambuco depois de casado, mas renunciando logo esse desejo por lhe pedir Celeste a permanência na Corte, onde tinha os entes caros.

***

Desconfiando daquela intimidade, e antipatizando com o médico, disse Cândida à donzela:

— Acho que o Medeiros está sempre a teu lado, e deves obstar tamanha assiduidade.

— Nós nos amamos!...

— Assim! Sem mais, nem menos!... Procura esquecê-lo!... Podes fazer melhor casamento…

— Mas se eu o amo!

— Porém eu não quero que o desposes!

— Pelo quê?...

— Não gosto dele! Não tem trato social, nem mesmo educação; já lhe notei muitas grosserias!... Demais, és muito nova para casar…

— Nem era para já… daqui a dois anos…

— Nunca! Com ele nunca!...

— Oh! Mamãe! Revoga esta sentença, sê justa, visto não te haver ele ofendido jamais…

— Quero-te feliz e não atormentada como eu toda a vida pelas brutalidades de um marido!

— Mas eu não posso deixar de amá-lo, só por tu quereres!... Já está muito enraizado este afeto; abençoa-o, minha querida mãe, e não me faças desgraçada!...

— Hei de opor-me a que o desposes, com todas as minhas forças!... Como me saiu tão inflamável esta rapariga! — acentuo irônica.

Súbita cólera sobrepujou em Celeste a amargura que lhe causava a caprichosa oposição dessa mãe tão amada, que abusiva dos direitos maternos. Num ápice acordaram do estado latente em que dormitavam a energia e a obstinação que sempre caracterizariam a sua índole, dando-lhe a necessária coragem de afrontar essa outra vontade de ferro, habituada a tudo dobrar a seu talante.[47] Pálida, fremente, com as narinas dilatadas, defendendo o seu amor como uma leoa, redarguiu:

— Pois eu, minha mãe, declaro que morrerei, se não casar com Artur.

— Ingrata! Desafeiçoada! É assim que me pagas os sacrifícios que fiz por ti!

— Tu é que és injusta e cruel!... Se ele fosse um infame ou um malvado, compreenderia eu a tua oposição, mas queres despedaçar o meu amor só porque não te agrada o noivo; isso é bárbaro e impróprio de uma mãe!...

— E então!... Dá-me agora lições sobre deveres maternos!

Teve a donzela um gesto de incomensurável desespero, como se a despenhassem em pavoroso abismo. Trôpega, atônita, despojada de todas as alegrias que até ali fruíram, encaminhou-se para o quarto, parecendo-lhe haver morrido, ressurgindo do seu triste despojo uma outra criatura muito infeliz e dessemelhante da antiga Celeste.

Pelo intermédio de Benta, soube Artur do ocorrido e resolveu pedir a mão da donzela, a fim de esclarecer aquela situação, de conhecer a razão por que não convinha ele a Cândida e de significar-lhe o que faria em caso de recusa. Receoso de que não o recebessem, fez-se acompanhar pelo Cerqueira, apresentando-se em casa de Venâncio e expondo o motivo de sua visita.

— Desejava saber qual a razão que induz, minha senhora, a opor-se a que despose eu a sua filha — inquiriu cortesmente, dirigindo-se a Cândida, depois de inteirado por Venâncio de que a mulher não desejava que a filha se casasse.

— Primeiro que tudo, não consentirei que Celeste case tão criança ainda. Não tenho nenhum motivo plausível para negar-lhe a mão de minha filha, porém pressinto que não a fará feliz. Possuem as mães duplas vista!... Pelo que tenho observado, muito difere a sua educação da de Celeste, podendo daí originar-se a desgraça de ambos.

— Ora! D. Cândida, permita-me observa-lhe que tudo isso não constitui sério motivo para uma recusa! — disse Cerqueira.

— É porque não se trata de Olívia, nem da Moema! — atalhou ela muito ríspida.

— Engana-se, comadre; daria com toda a satisfação uma das minhas filhas ao Dr. Medeiros.

— Obrigado! — fez o moço, apertando-lhe a mão. — Não retiro o meu pedido, acrescentou, e rogo-lhes que tomem informações a meu respeito, o que aliás é do meu especial agrado. Sou pobre, vivo da minha clínica, e doravante tratarei de economizar mais do que o tenho feito até aqui. Nuns dois ou três anos, ao mais tardar, se ainda me amar a sua filha, será minha mulher, por bem ou por mal.

— Julgar intimidar-nos, doutor? — perguntou Cândida com ironia.

— Deus de tal me defenda, minha senhora. Apenas quis demonstrar-lhe que tudo empreguei para alcançar o meu *desideratum*, preferindo os meios brandos, já se vê!

Fraco e maleável, por egoísmo, esposou Venâncio a causa da mulher, para não estabelecer polêmica, constituindo-se também algoz da mísera filha, sem convicção, nem fé. E era uma dessas torturas contínuas e lentas, em que se poupam as forças do paciente a fim de prolongar-lhe o suplício, horrível geena,[48] em

que conscientes trucidaram os próprios pais a filha única que lhes fora ídolo.

Às sete horas da manhã dos dias seguintes acordava a mãe, começava a enumerar os sacrifícios que fizera pela ingrata filha, enternecia-se, vituperava flagelava-a com a sarcástica insânia, impelida por aquele ódio que lhe provocava acre volúpia, tornando-a cáustica e feroz. Lívida, sombria, com os nervos despedaçados, moída pela insônia, ouvia Celeste aquela voz maldita que a atormentava, pungida pela lancinante saudade de uns tons doces e ternos que nela haviam outrora vibrado.

Quando lhes sentiam os passos, berravam uníssonos os desnaturados pais, predizendo-lhe futuras desgraças, lamentando o que lhes custara ela, como se a paternidade não impusesse a obrigação de manter e de educar os filhos, constituindo tudo isso um delicioso dever. Não contentes de lhe enlutarem o presente, fanavam-lhe os bárbaros a pura e querida lembrança da infância, do tempo em que eram bons e carinhosos para a infeliz menina.

Deixaram de frequentar o Cassino, porque Celeste só dançava quadrilhas, e ainda assim, com um ar de vítima que levam ao suplício, enfastiada desse divertimento que tanto apreciara em outro tempo, visto detestá-lo o noivo. Tinha receio de falar, de sorrir-se, sentindo pesar sobre a sua pessoa o olhar investigador de Artur. Não queria

contrariá-lo e achava legítimo aquele excessivo zelo, por ser também ciumenta.

Entre a tirania da mãe e as injustiças do noivo, julgava por vezes enlouquecer, mas prendia-se à fé, orava com fervor, haurindo assim a nece-ssária paciência para suportar os embates das encontradas paixões que lentamente a matavam; muito pálida, com os olhos ainda maiores, definhar, ansiava pela paz do túmulo, dando-lhe uma doce alegria a ideia de morrer de amor e de pertencer à poética falange das mártires de tão grande sentimento.

XIV

Não mais festejavam os aniversários natalícios de Celeste, tornando-se-lhe essa data ainda mais triste. Ao completar ela 18 anos, enviou-lhe Artur, de envolta com diversos mimos, uma poesia, pois todo homem apaixonado mais ou menos faz versos. E era tão melancólica essa poesia, que em extremo a sensibilizou.

E, pensando na sua sorte, e vítima de cruezas e injustiças, nessa época, viu-se um dia tão atormentada, que chegou à janela do sótão com o intuito de precipitar-se daí em baixo, acabando com a sua mesquinha existência. Caiu, porém de joelhos, rompeu em angustiado pranto, amolentada pela recordação do noivo e pelo receio de tentar a Deus, pondo um termo aos seus padecimentos.

— Cumpra-se o meu destino! — balbuciou desolada.

Meses depois, desconfiando Artur da ligação de Cândida e Gabriel Dias e das frequentes visitas deste, atreveu-se alucinado a dizer a Celeste:

— Previne a teu pai do que se passa aqui, porquanto, se é verdade esta loucura de tua mãe, não casarei contigo.

— Pois eu hei de plantar a cizânia[49] entre eles? — objetou a moça com repugnância. — Isto é infâmia! Não creia em tal, e, se me estima, não volte a semelhante assunto.

Uma noite, antes do chá, adormecera Celeste, recostada na cadeira, vencida pela fraqueza a que chegara. Nada mais tinha da esplêndida criatura de outrora, pendia-lhe a pálida cabeça, como que fatigada de sofrer, mostrava na carinha emagrecida e quase infantil uma expressão dolorida e meiga que fazia dó.

— Parece morta! — disse a mãe, designando-a ao pai. — Deixemo-la casar quanto antes, a fim de furtarmo-nos a futuros remorsos. Já que não esqueceu o tal estafermo, que o despose. Sua alma, sua palma!...

— Pobre criança! — murmurou Venâncio, mirando-lhe o desfigurado semblante, enquanto o remordia a consciência de haver contribuído para reduzi-la àquele triste estado.

Completou ela 19 anos a 25 de novembro, devendo casar a sete do seguinte mês, na véspera

do dia da Imaculada Conceição. Durante três anos padeceu duramente, sem que, por um só momento, fraquejasse o amor que a agitava. Apesar de ser ele o causador de todos os seus males, não trocaria aquele tormento pela mais feliz das existências terrestres.

Também muito mudara Artur nesses três anos. Parecia mais alto porque emagrecera, perdera o leve colorido das faces, que se cavaram, acentuando-se-lhe a primitiva melancolia que por vezes degenerava em amargor. Alteraram-se-lhe o gênio e até o caráter, tornando-o irascível, impaciente e injustos às apreensões e às contrariedades do seu noivado e os feros zelos de um amor extremo.

Pediu a Celeste que lhe contasse todas as suas impressões de moça, ao que acedeu a ingênua e leal criatura, arrependendo-se incontinenti pelo furor com que insultou Artur aos que haviam despertado a atenção da noiva, como aos que sentiram a doce influência dos seus encantos. Tarde compreendeu a jovem que não deveria ter relatado semelhantes coisas, visto pertencerem ao passado e em nada modificarem o afeto que ao noivo votava.

Apresentou-se tristonho o dia sete de dezembro: céu brumoso, temperatura úmida, caindo uma chuva miúda e intermitente a enlamear as ruas. Abalou aquele mal tempo os nervos de Celeste, como um presságio de desventura,

pois quisera ver bem luminoso o sol no dia de seu enlace, como uma promessa de bonança.

Jantou pouco, sem apetite, vestiu as roupas perfumadas, enfiou um penteador sobre a saia de cetim e entregou-se à perícia do cabeleireiro. Querendo este esmerar-se, sobrecarregou-lhe a cabeça de grampos, colocou-lhe as flores de laranjeira e esperou que ela completasse a toalete, a fim de prender-lhe o véu de filó liso que lhe acompanhava a cauda do vestido.

Apesar de merencória, ostentava Cândida todos os seus encantos, arrastando o longo vestido bege, bordado de miçangas cambiantes, com um ramo vermelho no peito e outro nos cabelos. Parecia irmã da filha e estava mais bela que a donzela, depauperada pelas lutas domésticas e pelas procelas de um amor, cuja tenacidade aumentara na razão direta das perseguições que sofrera.

Pálida e trêmula, entrou na sala pelo braço do pai, segurando o leque o ramo de cravos brancos com os tradicionais canotilhos prateados, enfeite estúpido, que apenas serve para arranhar o nariz da infeliz noiva, se por acaso tenta aspirar o perfume das flores. Correu-lhe Artur ao encontro, muito lépido e elegante envolvendo-a em um olhar de triunfante júbilo, que lhe comunicou insólita e exuberante felicidade, alienando-lhe de súbito os três anos de amarguras pelos quais acabava de passar.

Completavam o número dos convidados Benta Cerqueira e mais três famílias, visto tratar-se de um casamento à capucha,[50] sem festa em que nem mesmo se abriria o piano. Assim o quisera o noivo e assim o compreendera o despeito de Cândida pela derrota do seu domínio que esse dia assinalaria, desgostosa também de não ver a filha unida a outro homem.

Ao entrar na igreja, ajoelharam-se mãe e filha, fazendo fervorosa prece, e ergueram-se à entrada do celebrante, começando a cerimônia. Teve Celeste de repetir o *sim* fatal, pois não lhe passara a voz na garganta constringida por violenta emoção. Deu-lhe o padre a mão para ajudá-la a erguer-se, desejando-lhe milhares de felicidades com a voz cavernosa de tuberculoso, iluminado o cadavérico semblante por um sorriso de paternal bondade.

A soluçar, abraçou Celeste a Cândida com apaixonado transporte, beijando-lhe o colo e os ombros, engolindo as lágrimas que o noivo lhe vedara derramar. Com os olhos úmidos e os queixos presos, abraçou o pai e recebeu as congratulações dos demais assistentes, saindo pelo braço do marido, sob os olhares curiosos e brejeiros da gente de toda a espécie que invadira a igreja.

Sentada no *cupê*,[51] muito atrapalhada, ficou surpresa ao olhar para o ramo, que mais se assemelhava a uma vassoura, tanto se haviam

estirado e emaranhado os canutilhos. Teve ímpetos de lançá-lo fora, mas conteve-se, enrolou os fios, *ocultando aquele destroço entre os cravos.*

— Até que afinal! — exclamou Artur, sorrindo-lhe.

— Até que afinal! — repetiu ela, olhando-o detidamente, toda alvoroçada por ver-se a sós com ele, de dia, à vista de todos, sem ter de que se arrecear.

— Mas, sorri um pouco; estás tão séria!

— Não posso, sinto-me tão comovida!... Eu creio mesmo que as grandes alegrias não são ruidosas, porém graves e retraídas!...

— Pois eu sou capaz de andar sobre as mãos e de pernas para o ar; feliz até ao grotesco!... Só me contraria a ausência de Rodrigo, mas não pode deixar o negócio e julga que para lá iremos. A fim de o não desconsolar, nada lhe disse ainda sobre isso.

De volta a casa, sentaram-se ao sofá, sendo felicitados por alguns retardatários que não haviam comparecido ao ato, porém que não perderiam a ceia. Palraram sobre mil coisas até irem para a mesa, às 11 horas. Do abundante e delicado serviço, apenas debicou Celeste um pastel, que lhe causou náuseas, porquanto nem podia deglutir, sufocada pelo bolo histérico, e bebeu uma taça de champagne que lhe fez muito bem.

Por várias vezes queixara-se Artur:

— Oh! Como me doem os pés! Malditos sapatos de verniz!

À medida que decorriam as horas, crescia a ansiedade da moça, temendo o momento de retirar-se pungindo-a lancinante saudade dos pais que tanto a haviam torturado e da casa onde tanto padecera. É condição da humana estirpe afeiçoar-se ao que lhe desperta tristeza, como ao que lhe dá contentamento, apegando-se, porém, a criatura, de preferência, à lembrança de passados desgostos, visto possuir mais desenvolvida a faculdade de sofrer do que a de gozar.

— Vamos! — disse-lhe Artur à meia noite.

Um tanto atônita, olhou-o ela, toda trêmula e fria, abraçando em seguida, a soluçar, a mãe e o pai, esquecida de todo o mal que lhe haviam feito, recordando-se somente dos primitivos carinhos com que lhe acetinaram a infância e a puberdade.

— Perdoem-me as minhas desobediências e as minhas faltas!... — suplicou, com sincero arrependimento.

— Oh! Filha! Sê feliz! — disseram eles a um tempo, limpando as lágrimas e levando-a sobraçada até o carro.

XV

Fechou Artur a portinhola, disse o último adeus aos sogros, deu o nome da rua e o número da casa ao cocheiro, que fustigou os cavalos. Assim que rodou o *cupê*, acercou-se o marido de Celeste, enlaçou-a pela cintura, beijando-a sofregamente na orelha, nos olhos ainda úmidos, na face, em demanda da boca, onde por fim colou os lábios sequiosos em um ósculo[52] prolongado, fremente, infinito.

Desfalecida de gozo e de emoção, encostou a fronte ao ombro de Artur, cerrou as pesadas pálpebras, saboreando aquele primeiro beijo de homem, com ressaibos de fumo, que a convulsionou, acelerando-lhe o sangue e fazendo-o ferver nas artérias. Estremeceu ao

macio contato do bigode e retribuiu o beijo com o veemência da paixão que sentia.

— És minha!... Minha só!... e para sempre!... — exclamou ele. —Amar-me-ás até a morte como agora?

— Até a morte! — repetiu ela com firmeza, confiada na pujança do seu grande afeto. — E tu?

— Oh! Eu nunca amei a ninguém no mundo como te amo!

— Nem a teus pais?... Nem a Rodrigo?

— A nenhum deles! Sem ti, eu não poderia viver, enquanto que sem meus pais tenho vivido, e também passaria sem o Rodrigo!... Deves notar a diferença por que passou a minha fisionomia nestes três anos, e tal não sucederia, se menos te quisesse!

— Também mostro no semblante as minhas dores!... Ouvidemos, porém, esse triste passado, que mais estreitou os laços que nos unem, e sejamos felizes, meu amado!

Haviam chegado. Em um relance viu Celeste que a casa tinha de frente duas janelas assobradadas, e sorriu satisfeita, exclamando:

— Oh! A mamãe me enganou, dizendo que era um sobrado de dois andares!

— Sou eu o culpado dessa mentira. Queria causar-te a surpresa de encontrares a casa como gostas.

Estava tudo iluminado, as jarras com flores e a preta toda paramentada, à espera da nova ama.

— Venha ver os seus domínios, minha bela castelã! — disse Artur.

Respirava-se na sala o cheiro da madeira da mobília à Luiz XV, coberta com os panos de crochês feitos por Celeste. Na parede um espelho oblongo[53] e alguns quadros, a um lado o piano e a estante com músicas.

— É de Pleyel,[54] teu autor favorito — disse o moço, designando o harmonioso instrumento.

Seguiam-se uma saleta transformada em gabinete de trabalho e livraria, tendo algumas cadeiras, um sofá e uma mesinha. Adiante a sala de jantar; à esquerda um quarto de toalete, abrindo para o de dormir; à direita, copa, despensa, cozinha e ao fundo o quintal ajardinado com tanque e banheiro.

— Muito boazinha! — asseverou Celeste.

— A teu contento? Então está direito!... Olha, não te canses em dar ordens, pois tua mãe já tudo determinou, até o jantar de amanhã!

— Coitada! — murmurou a moça melancólica.

Apagou Artur o gás de todas as peças, mandou fechar a porta da rua e levou a mulher pela mão ao toucador. Dela apoderou-se indizível angústia, fazendo-a tremer de frio no mês de dezembro, mas desse frio nervoso que gela até

os ossos. Abraçou-a estreitamente o marido, beijou-a de novo, muito pálido, com os olhos quebrados e as feições suavizadas pela volúpia.

— Despe-te! — disse ele, tirando a casaca. — Estou cansadíssimo; deixei tudo para a última hora e tive ainda hoje de ver doentes, desde as dez da manhã até às três!

Enleada, foi Celeste ao outro quarto, onde havia o guarda-vestidos, o lavatório e o leito largo e baixo, cheio de rendas e damascos, velado pelo alvo cortinado, caído em pregas fartas. Retirou a colcha de crivo, pô-la sobre uma cadeira, ajeitou os travesseiros e acudiu à voz de Artur, que a chamava.

— Então, não te despes?... Vem cá, deixa-me ajudar-te!... Não te acanhes, é o teu maridinho!...

E, mui lesto, desabotoou-lhe a basquine,[55] descobriu-lhe o colo, sobre o qual cruzou ela os braços toda ruborizada, beijou lhe os ombros e as costas, libertou-a do vestido, das anáguas, fê-la desatacar o colete, levou-a nos braços, sentou-a à beira da cama, ajoelhou e tirou-lhe os sapatos, as ligas e as meias osculando-lhe os joelhos e os pés, sem atender aos seus protestos.

Enquanto se despia ele, meteu-se ela sob as cobertas, muito encolhida, achando os travesseiros novos incômodos e altos demais, querendo rezar e não se lembrando de nenhuma oração. Sobressaltou-a o ardor com que a cingiu o moço, teve uma contração de medo, parecendo-lhe um

sonho vê-lo ali a seu lado, em meio do silêncio alto e solene da noite…

Horas depois, jazia o quarto em trevas, ressonava Artur e velava Celeste, sucumbida, nervosa, desencantada, doente do corpo e alma, julgando-se uma outra criatura. Com receio de despertar o marido, que então lhe causava terror, nem se movia, com os braços frouxos, alquebrada, ansiando não amanhecer, e ouvia sucederem-se as horas, entorpecida pelo monótono ruído da chuva na calçada.

Sonhara durante anos com as delícias do amor, divinizara-o nos devaneios da puberdade. Realizara o sonho… e apenas tivera um pesadelo aflitivo, que lhe materializara brutalmente todas as ilusões da sua romântica imaginação. Devia renegar a religião dos seus sonhos, para ser a companheira do homem escolhido, que talvez um dia a atraiçoasse e esquecesse aquela que fora a sua virgem e a quem jurara imenso amor e estima.

Magoavam-lhe a pobre cabeça os malditos grampos, pois não lhe dera Artur tempo para despentear-se, mas tamanho era o seu desânimo, que preferiu sofrer ainda algum tempo aquela tortura a levantar-se para trançar o cabelo. Tirava os que mais a incomodava e protestava jamais consentir que nenhum outro malvado cabeleireiro a martirizasse de semelhante forma.

— Que noite horrível! — pensou, inspirando-lhe coletivamente profunda compaixão todas as mulheres casadas. Quisera poder chorar, a fim de abrandar a dolorosa constrição da garganta, porém não umedeciam as lágrimas os seus grandes olhos fatigados, que se moviam no escuro, vendo pontos luminosos.

E dormia o marido, voltava-se, respirava de manso, ora roncava um poucochinho, ou dava pequenos estalos com a língua.

Julgava Celeste que nunca se habituaria a dormir com ele. Por algum tempo, acompanhou o canto dos galos, que tanto se assemelha a um responso, a começar pelo mais próximo, seguindo-se o imediato, depois outro, até chegar a vez do mais distante, perdendo-se afinal em um eco apenas perceptível.

Extenuada, adormeceu quando despontava o dia, descansando durante umas três horas talvez, sacudida por estremecimentos nervosos, tendo sonhos torturantes, lavada em frio suor. Acordaram-na os fervidos beijos do marido; olhou-o com pavor e teve saudades dos seus longos soninhos dos 15 anos, sozinha no seu casto leito.

Como tudo isso ia longe!...

Às oito horas, tomou chocolate ainda na cama, sentiu náuseas, deixou a xícara pelo meio e procurou dormir um pouco mais. Ao almoço, mal tocou nos pratos, enquanto devorava Artur

com valente apetite, galhofeiro, achando a vida um dom inestimável, o dia esplêndido e a sala de jantar um paraíso.

— Que felizes aqui seremos! Hein?

— Assim o espero! — respondeu ela com leve sorriso, pálida com o roupão de cambraia[56] que a cobria, e contente por vê-lo tão alegre.

— Não tens apetência e tudo te enfastia, não é? Tem paciência, esse estado cessará, desde que te acostumes a tua nova existência.

— Acostumar-se-ia? — inquiriu a si mesma Celeste, pouco esperançada.

Depois do almoço, sentaram-se no gabinete em cadeiras de balanço, palraram sobre o passado, forjaram projetos futuros, idealizaram uma vida de etérea ventura, sem nuvens e sem dores. Queria Artur um casal de filhos, sendo o primogênito rapaz. Sorria Celeste a fim de compazer-lhe, embora não a entusiasmasse a perspectiva da maternidade, não pelos trabalhos que promove, antes pelas apreensões que suscita.

Às quatro horas da tarde, chegou o cozinheiro de Cândida, trazendo o jantar em um tabuleiro enfeitado com folhagens. Muito comovida, teve a moça ímpetos de abraçar o preto, tamanha era a saudade da casa paterna e de todos com quem até ali convivera, pedindo baixinho e toda vexada ao marido uns cobres para o rapaz.

— A mamãe está triste?

— Está, sim, senhora, e com enxaqueca.

— Coitada! Tantas canseiras! E o papai?

— Também falou em vossemecê.

— Pobre papai!

— Minha senhora escreveu a Sinhazinha um bilhete; está aí junto ao prato do pudim.

— Ah! — fez Celeste, e tremeram-lhe as comissuras dos lábios, de leve agitaram-se-lhe as narinas, rolando-lhes precípites doces lágrimas de enternecimento, Correu à secretaria, traçou sobre o papel orvalhado pelo seu pranto umas frases ternas e carinhosas que lhe saíam do coração afetuoso, e reconhecido.

Depois do jantar, foi para a sala, experimentou o piano em escalas e acordes, tocou a *Pensée poétique*,[57] uns noturnos de Chopin, erguendo-se fatigada. Ao escurecer, deixando-a Artur a sós por alguns momentos, chorou enfim desafogada, vencida pela reação nervosa, pela saudade, causando-lhe indizível emoção o toque plangente e grave das Ave-Marias.

XVI

Apesar de não tratar, enquanto solteira, dos arranjos domésticos, saiu Celeste uma excelente dona de casa, pois herdara da mãe o gênio ordeiro e o excessivo asseio. Radiante, observava-a Artur, mas não tentava habituar-se a deitar a cinza e as pontas de cigarro nos cinzeiros que ela prodigalizava em todas as peças, a fim de o converter a melhores costumes.

Tendo pedido a um colega que o substituísse, durante três dias absteve-se de ver doentes para saborear a lua de mel. No fim deste prazo, porém, tornou a clinicar, despediu-se muito saudoso da mulher e deu-lhe para ler a *Fisiologia do casamento* de Debay.[58]

Enervando-a aquela leitura, sentou-se ao piano, cantou com a voz mais cheia, tocou,

depois vestiu-se para o jantar, volvendo ao livro, enquanto esperava o marido. Conheceu-lhe os passos, correu-lhe ao encontro, beijou-o, abraçou-o carinhosa, envolvendo-o em um olhar zeloso, desejando adivinhar o que vira e fizera ele.

— Pensaste em mim? — inquiriu.

— Sempre! E tu?

— Ora, eu, não admira, só em casa…

— Mas se o meu espírito aqui ficou junto a ti, doce bem. Só o corpo andava lá fora, crê.

— Conta-me o que fizeste.

Tudo lhe relatou ele, renovando-se esta cena, mais ou menos, dali em diante.

No sétimo dia, ralada de saudades, quis Celeste ver os pais, e, à tardinha, muito catita, seguiu pelo braço do marido, todo ufano, que a levou devagar, deliciando-o aquele primeiro passeio. Teve de acelerar o passo, quase arrastado pela moça, à medida que se aproximavam da habitação de Venâncio.

Lá estava Cândida à sacada, sorrindo à filha que a mirava com os soluços na garganta. Voou pela escada. Estreitou-a a mãe convulsamente nos braços, chorando ambas a beijarem-se sôfregas, sem poderem falar.

Depois de alguns minutos, notou Cândida que Celeste mostrava melhor aparência do que antes de casar.

— Dorme a sesta o papai, não é? Deixa-me ir vê-lo.

E, muito comovida, subiu ao sótão, acercou-se do leito, contemplou enternecida o velho pai, de leve osculou-lhe a fronte, despertando-o calor de suas lágrimas.

— Filha!

— Papai! Já não podia de saudades!

— Então como vais? Estás mais bem disposta! E o doutor?

— Bom…

— Vamos vê-lo! — disse, calçando os chinelos e descendo com a filha.

À noite, apareceu Benta.

— Pelo que vejo, aproveitaste com o novo estado; estás mais gordinha — disse ela a Celeste, que enrubesceu.

Ao chá gabaram a gentileza das meninas Magalhães em uma reunião da véspera, e a moça teve a infelicidade de corroborar aquela asserção, acrescentando:

— É uma família bonita. Até o rapaz, o Quincas, tem olhos esplêndidos.

Pouco tempo depois, sorrindo para o marido, notou-lhe a decomposição do pálido semblante e a terrível expressão de rancor com que a fitava. Pressentiu que o desgostara, sem contudo poder atinar com a causa de semelhante resultado, entristecendo-a essa primeira nuvem em plena lua de mel.

Não mais falou, sentiu um nó na garganta, teve ímpetos de correr a ele, e apertá-lo nos bra-

ços, de suplicar-lhe o indulto ao inconsciente e involuntário agravo que o magoara. Ante aquela atitude agressiva, experimentou uma sensação de abandono, parecendo-lhe que tamanho ressentimento lhe alienaria para sempre a afeição de Artur.

À saída não lhe ofereceu ele o braço, tornando-lho a moça com meiga espontaneidade, apertando-o de encontro ao busto palpitante, sem abrandar-lhe a rigidez. Inquieta, trêmula, fitou-lhe o olhar ansioso, inquirindo:

— O que tens? Fala! Eu te peço!...

— Nada tenho.

— Oh! Não o negues! Fiz ou disse alguma coisa que te desagradou!

— Em todo caso, é a rua um lugar impróprio para certas explicações.

Assim que chegaram ao toucador, tentou ela abraça-lo, ao que se furtou ele, carrancudo e brutal, bradando com ímpeto:

— Saiba que uma senhora casada não elogia a beleza de nenhum homem!

— Mas a quem elogiei eu? — perguntou, desmemoriada pela aflição.

— Ora! Faze-te de inocente! Gabaste os olhos do Quincas! "Os esplêndidos olhos!"

— Meu Deus! Falei nisso, como falaria em uma outra banalidade, sem que os olhos dele me impressionem mais que quaisquer outros.

— Doravante abstenha-se de encarar com os homens; olhe só para o seu marido.

— Bem, desculpa-me, não reincidirei.

Despiu-se, limpou furtivamente as lágrimas e deitou-se, sobressaltando-a as idas e vindas de Artur à sala de visitas. Levantou-se pé ante pé e viu-o improvisar uma cama no sofá.

Abandonava o leito conjugal e a ofenda por tão fútil motivo esse homem que se dizia apaixonado e que a desposara havia apenas sete dias.

Invadiu a terna criatura imenso desgosto, impelindo-a a capitular com inata altivez e a estabelecer perigoso precedente para a sua dignidade de esposa. Ajoelhou-se ante ele, olhou-o por entre lágrimas, apertando-lhe as mãos e suplicando:

— Perdoa-me!... Não te molestei propositalmente!... Vê como choro; não calculas quanto lamento haver-te irritado, eu que te amo tanto!... Perdoa, sim? Pelo afeto que me votas!...

— Mas não caia noutra! — respondeu vencido pela angústia que a empalidecia.

A soluçar, trêmula, o estreitou ela, beijou-o com meiguice, e, apesar de ainda sofrer com os seus transportes amorosos, pediu-lhe que voltasse ao tálamo. Em pouco adormeceu Artur com a carne satisfeita, enquanto chorava ela baixinho, já dele separada pela diversidade de sensações,

dando-lhe gozos que ainda não compartilhara e tomando para si os pesares e os sacrifícios.

Havia sete dias que a possuía Artur, que tinha encetado a mais bela fase do casamento, a mais efêmera, a única em que o marido é um tanto amante pelo sabor da novidade, miragem de felicidade de que guardam as mulheres tão grata lembrança. E, no entanto, não se julgava Celeste venturosa. Ressentia-se a sua vibratilidade de milhares de emoções violentas, das reações mórbidas e das súbitas transformações que a haviam convulsionado em tão curto período.

Dizia-lhe, porém, o instinto de gozadora que ela se habituaria depressa com a vida de casada.

Segunda parte

I

Dois anos são passados depois desse casamento e nenhum filho veio acalmar a crescente irascibilidade[59] de Artur. Para serenar os seus zelos não bastavam a honestidade e a cordura, embora por vezes aparente de Celeste; pois se nem mesmo a volúpia o sossegava, parecendo haurir nos doces braços da amada o veneno da desconfiança.

Dos dois era a moça quem mais padecia, já por ver-se humilhada e tiranizada em tudo e por tudo, como também e principalmente por sentir a latente decomposição em que se esfacelava o ardente e sincero amor que havia consagrado ao marido.

Para a mulher o amor é a vida inteira, e bem se compreende quanto será horrível senti-lo

desaparecer aos poucos, sem poder impedir a sua completa destruição.

Muitas vezes, ao vê-lo calmo, risonho, aproveitava o ensejo, falava-lhe com o coração nas mãos, suplicava-lhe que modificasse o gênio, que a levasse com brandura, receosa no íntimo de perder o resto da afeição que ainda a ele a prendia.

Tinha medo do vazio que a falta desse amor lhe deixaria, receava a influência da própria imaginação e do seu temperamento apaixonado. Apertava-se-lhe o coração a ideia de que um dia pudesse fraquear e deixar-se arrebatar por alguma paixão lamentável, pois há declives em que é de todo impossível retroceder.

E era o pavor dessa perspectiva que lhe dava a precisa coragem para suportar a brutalidade do marido. Nesses dois anos ele passara gradualmente dos insultos verberados ao insulto praticado — a via de fato, espancando esse corpo que adorava e alienando-se no altivo coração que tanto o amara.

Por muito tempo ignorou Cândida os pesares da filha, mas, indo visitá-la um dia encontrou-a banhada em lágrimas, desgrenhada, com o corpo nodoado.[60] Enfureceu-se a mãe, bramiu contra o genro e coletivamente contra todos os homens, mas não empregou nenhuma medida enérgica ou suasória que de futuro poupasse a Celeste idênticos ultrajes.

Sofrendo sem o merecer, começou a moça a duvidar da bondade divina que permite tais injustiças, abalando-se-lhe assim a crença religiosa, e chegando por vezes a blasfemar, irada, em um assomo de revolta. Era então esse inferno a recompensa do que padecera durante o seu triste noivado?

Dali em diante, orava por hábito, nos dias de calma, sem que o coração ulcerado sentisse o impulso da fé, desejando todavia crer e esperar. Mas nos dias amargos, regozijava-a esse medonho descalabro que lhe enchia a alma, eliminando a necessidade de adorar um Deus que não queria ou não podia proteger os aflitos.

Na sua sede de carinho afagava por vezes a possibilidade de ter um filho, um ente frágil, mimoso, a quem poderia amar até a idolatria e que lhe retribuiria os afetos, pelo menos, enquanto dela carecesse. Mas a sua carne voluptuosa retraía-se em uma contração de medo ante os despedaçamentos da maternidade.

A sua carne! Como ela a odiava, por ver que era o laço que ainda a ligava a Artur, a esse ente que o seu coração já não amava!

Que miséria, abdicar o seu justo ressentimento por algumas sensações momentâneas, que, ao extinguir-se, só lhe deixavam quebrantamento de forças, desencanto e tristeza!

Quase sempre a reação da sua volúpia era uma ânsia de castidade, de paz, de solidão: a nevrose mística.

Havia alguns meses que ela só opunha às vociferações do marido o silêncio e um rosto de mármore que o exasperava, por julgá-la indiferente e insensível aos seus doestos. Queria o insensato ouvir sempre o queixume das dores que causava.

Furioso, disse-lhe um dia:

— Iremos a Pernambuco. Hei de afastar-te deste meio corrompido e do calor do ninho materno, onde te insuflam à revolta! Casaste comigo, pertences-me e hás de ser o que eu quiser. A tua mãe nunca soube reger-se, quanto mais aconselhar-te, e naturalmente impele-te à desobediência.

— Para que fazer juízos temerários? Para que ofendes a quem só me induz à paciência e a resignar-me a minha sorte?

— Não faz mais que o seu dever, e ainda assim quero ver se se opõe a que vás a Pernambuco — disse provocante.

— Ela não se oporá a uma determinação tua, e eu resigno-me a acompanhar-te a ver se melhoras de gênio e se tomas em conta este meu sacrifício.

— Sacrifício! acompanhar o marido! — disse irônico.

— Enorme sacrifício acompanhar o marido que me espezinha a todas as horas e ausentar-me daqueles a quem amo!

— Seja como for, mas irás e é o essencial!

— Vou, porém, de passeio; nunca definitivamente. Já que te faço a vontade, é justo que me não contraries.

Como o dissera Celeste, nada objetou Cândida sobre a viagem, achando até que semelhante diversão convinha ao genro, podendo advir algum bem à filha pela influência de Rodrigo sobre o caráter do irmão. Gabavam tanto o critério, a retidão e bondade desse homem.

Um mês depois, chorosa e esperançada, acompanhou-os Cândida a bordo, arrumou no beliche as flores e as frutas para Celeste, abrangeu em um olhar carinhoso todo o compartimento onde iria o que de melhor possuía, a sua rica filha.

Soou a hora da partida, ecoando de modo doloroso na alma dos pais e na da moça que não podia deixá-los, lançando-se alternativamente nos braços de ambos, em um choro convulsivo que a sacudia toda. Sobraçando-os, foi com eles até ao portaló,[61] despedindo-se em um último e saudoso amplexo, seguindo com a vista o escaler[62] que os levava, acenando-lhes com o lenço ensopado de lágrimas, até que desaparecessem.

II

A bordo, vendo Celeste sofrer e sentindo-a bem sua entre aqueles estranhos e em meio da imensidade do mar, teve Artur uma recrudescência de ternura, que se traduzia em assíduos desvelos e longas palestras, em que lhe descrevia o tipo, o caráter e todas as boas ações do irmão.

Ao encarar com o cunhado que os fora buscar, experimentou a moça viva e simpatia, que se manifestou em espontâneo abraço. Encantou-se a beleza viril de Rodrigo, o seu porte altivo, o seu meigo sorriso, admirando-se por achá-lo quase tão moço como o marido a quem servira de pai.

Na intimidade, conversando-o, lendo na alma transparente desse homem que soubera pre-

servar-se dos maus contatos e conservar-se bom e leal, mais se acentuou a crescente estima que por ele sentia. Apreciava muitíssimo a finura e a grandeza daquele espírito e as delicadezas daquela alma forte que se formara sem conselho paternos, escudada somente na virtude e no cumprimento de pesados deveres.

Sabia que, muito jovem, vira-se Rodrigo entre a mãe sempre adoentada e o berço do irmão, constituindo-se o sustentáculo materno e após a morte dessa terna amiga, verdadeiro pai do órfão, acariciando-o e educando-o com apuro e sacrifício. Prudente e devotado, afastara-se dos prazeres e das diversões próprias da sua idade, empregando as horas que podia furtar ao negócio em estudar, adquirindo assim vasta ilustração.

Manhãs inteiras, trocavam ideias e opiniões, falavam em artes, em literatura, em história, expandindo-se Celeste com o entusiasmo inerente a sua índole e ficando Rodrigo encantado, ao ouvi-la discorrer em acerto sobre tão variados assuntos. Com ele podia ela palestrar à vontade, mostrar toda a cultura do seu espírito, porque era o único homem de quem Artur não tinha ciúmes, lisonjeando-o e enternecendo-o até o apreço e as solicitudes que o irmão dispensava à mulher.

Nunca Rodrigo se sentira tão feliz como então, nem mesmo, quando o irmão viera do Rio passar com ele as férias. Alguma coisa de

insólito ressoava em sua alma, fazendo-lhe achar prazer na vida e saborear o conchavo da família, do lar, seguindo aquele esbelto vulto de mulher que agora iluminava a sua vivenda de celibatário.

Enfeitara o ninho; pintara e forrara toda a casa, renovara os móveis, comprara um bom piano e embelezara com mil ninharias custosas os aposentos destinados aos caros hóspedes.

— Parece que esperavas alguns noivos! — disse Artur, abraçando-o mais uma vez, depois de percorrer todos os cômodos.

— E quem sabe? talvez tenha o mano algum projeto matrimonial, ponderou Celeste.

— Nada disso! Nunca casarei! — atalhou vivamente Rodrigo, enrubescendo.

— É que ainda não chegou o momento psicológico! — disse a moça. — E seria pena que um homem como o senhor se obstinasse em não querer fazer a felicidade de alguma mulher.

— Obrigadíssimo pelo seu lisonjeiro conceito, mana, porém, a minha deliberação a esse respeito é muito antiga e creio que nada me fará mudar. A minha família resume-se em vocês dois; são os únicos entes a quem amo e para quem trabalho com o fim de legar-lhes o que possuo — acrescentou com doce sorriso.

— Oh! Rodrigo! Não penses nisso! Quero que vivas e que desfrutes os teus haveres, pois já muito fizeste por mim! — exclamou Artur, com os olhos úmidos.

— Agradecida! — disse Celeste, comovida, apertando-lhe a mão, muito carinhosa.

Que enlevo experimentava Rodrigo, quando à noite, recostando na cadeira de balanço, junto ao irmão e a alguns passos de Celeste, ouvia-a cantar com a sua bela voz educada aquelas árias italiana, em que havia tanto amor, tantos queixumes, tamanha abundância de afeto!

Estabelecia-se como que uma corrente magnética entre ele e a cantora, oprimindo-o uma deliciosa ansiedade, enquanto ela vibrava de dúvida, de carinho, de zelos, um tema largo e sonoro. Sorria, admirando-lhe a agilidade e a nitidez no *allegro*, movimentado, cheio de trinados e voladas,[63] em que as notas, a brincar, corriam, voltavam e tornavam a correr, rolando afinal como cascata de pérolas.

Depois de uma dessas árias, vendo a atitude do irmão, dissera Artur:

— Olha, Celeste, o enternecimento de Rodrigo e calcula quanto seria ele feliz se pudesse ter-nos sempre a seu lado!

Notando a súbita contrariedade da moça e o seu contrafeito sorriso, ponderou Rodrigo:

— Seria realmente muito ditoso, se os tivesse sempre aqui, mas não quero fruir essa ventura à custa do justo pesar que a senhora teria longe de sua família.

— E creia que, se não fossem os meus pais, eu viveria sempre a seu lado e contente, porque

lhe quero muito bem. Não sei como isso foi! Uma estima assim tão rápida e intensa! — acrescentou fitando-lhe os olhos luminosos e estendendo-lhe a nívea mão.

— Mil vezes agradecido por tão bondosos protestos! — dissera Rodrigo muito comovido.

Nas suas longas palestras com Celeste, de manso levou-a relatar-lhe os desgostos de sua vida conjugal e a moça o fez com a maior delicadeza, procurando atenuar as culpas do marido, culpando-se até por não saber compreendê-lo e lamentando que fossem tão opostos os seus respectivos caráteres.

Conhecedor da índole de Artur, induzia-a Rodrigo à paciência, relatou-lhe a passada ruptura de casamento do irmão por motivo muito fútil, os temores que haviam assaltado a sua ternura fraterna ao verificar a preponderância de tamanhos zelos e o pedido que lhe fizera de não casar antes dos trinta anos, esperando que o tempo modificasse o seu temperamento.

A sós com o irmão, encaminhou-o também à confidência, desculpando Celeste, fazendo-o confessar que fora ríspido, em extremo zeloso e pouco hábil em não saber conservar a primitiva ternura da criatura amante e devotada que tanto lutara e sofrera, a fim de a ele unir-se.

E dia a dia crescia a gratidão da moça ao notar a benéfica influência que Rodrigo exercia sobre a sua vida. Já Artur era outro homem, mais

delicado e solícito, sem exigências tolas e até cordato, o que a surpreendia bastante e talvez a ele próprio.

Em um baile a que foram, abriu Celeste a festa, cantando magistralmente e entusiasmando o auditório que aplaudiu com delírio. Dançou a primeira quadrilha com Rodrigo, recusou a polca que um outro lhe pediu. Tocaram uma valsa a cujos prelúdios as suas narinas tremeram e um frêmito juvenil percorreu-lhe os membros.

— Não valsa? — inquiriu o cunhado, notando-lhe a emoção.

— Desde que me casei, é hoje a primeira vez que danço.

— Deveras! Pois há de valsar, já agora quebramos o encanto, dançando a quadrilha.

Deixou-a e trouxe-lhe o melhor valsista, acercando-se depois do irmão e dizendo-lhe, a rir:

— Celeste não dança desde que casou, é justo que satisfaça agora esse desejo. Demais fui eu o causador dessa infração, pois ignorava a tua proibição. Que mal faz ela dançar? — acrescentou.

— É que na Corte há sujeitinhos audaciosos.

— Que ela saberia colocar à distância!

— Aqui, porém, não vejo nenhum inconveniente e pode satisfazer essa mania.

— Mania! Um exercício até salutar! Ah! Meu pobre Artur, sempre os mesmos zelos! Corrige-te! Leva tua mulher pela brandura e não à força.

Calou-se, contemplando Celeste que voltava lânguida e bela, com os olhos quebrados, a boca soaberta em vago sorriso, sonhando acordada. Estava realmente arrebatadora, suavizando-lhe o semblante delicada volúpia.

Compreendeu Rodrigo quanto amor deveria inspirar aquela ideal criatura e quase desculpou ao irmão o seu excessivo zelo.

III

Durante os três meses que esteve em Pernambuco, considerou-se Celeste um tanto ditosa nessa calma existência somente anuviada pela funda saudade que tinha dos pais. Vendo-a chorar sempre que recebia cartas da família, foi Rodrigo o primeiro a induzir o irmão a voltar à Corte, pois Artur desejava demorar-se mais tempo, tendo talvez o pressentimento de que ao sair daquele meio, perderia de novo a paz doméstica.

Cumulou-os Rodrigo de presentes, dando a Celeste entre outras lembranças um par de brincos com dois magníficos brilhantes. Ao despedir-se dele, chorou a moça, grata a todos os obséquios que ele lhe dispensara, e, saudosa, pediu-lhe que viesse ao Rio visitá-los.

Pouco depois da sua chegada, passando Celeste com o marido pela rua do Príncipe dos Cajueiros,[64] deparou com a pobre *Bá*, a sua ama-seca, enchendo um barril d'água à esquina da rua. Magra, toda trôpega e mais fula ainda pela emoção de ver a querida filha de criação.

Disse à moça que fora comprada por um preto mina que tencionava curá-la, mas que não o conseguira, maltratando-a desapiedadamente, aleijando-a até de uma das mãos. Pálida, comovida, com os olhos úmidos, abraçou-a Celeste e disse-lhe:

— Vem conosco à casa de tua senhora. Quero saber quanto quer pela tua liberdade.

— Vais-me alforriar, minha rica filha! Ah! Deus te ajude pela tua bondade!

E cai daqui, cai dali, conduziu-os à presença dos algozes negros que a compraram por duzentos mil réis e que só a libertaram mediante trezentos e cinquenta que Artur lhe levou no dia seguinte, entregando a carta à boa *Bá* e chorando ambas de enternecimento.

Radiante, levou a moça a preta para a sua casa, e procurou compensá-la de todas as misérias e torturas que curtira durante tanto tempo. Examinou-lhe Artur as chagas das pernas, declarando-as incuráveis e dando-lhe paliativos, a fim de que não fechassem, o que lhe ocasionaria a morte.

Tão feliz sentia-se a moça em libertar a ama, que não se incomodou muito com os remoques da mãe, censurando-lhe a boa ação:

— Libertas a uma cachorra que só me fez desaforos!

— Mas era tão carinhosa para mim!

— Não fazia mais do que o seu dever, do contrário ia-lhe eu ao lombo! — vociferou Cândida, rancorosa, com o ódio sempre vivaz apesar do tempo decorrido.

Cotidianamente rememoravam Celeste e a ama cenas do passado, enterneciam-se com pormenores da infância da moça, sorrindo esta por vezes ao ver a *Bá* arremedar os modos do pai e os cacoetes e repetir com ênfase as frases espalhafatosas da mãe.

Aos poucos voltou Artur aos antigos arrebatamentos, às injúrias e às teimas, tomando Celeste a prudente deliberação de afastar a ama, a fim de evitar-lhe qualquer brutalidade do marido e, à vista dos seus dissabores, pagando-lhe um cômodo fora e mantendo-a.

Recomeçaram novas séries de pesares para a moça que, nos três meses passados junto ao cunhado, se desabituara de semelhantes cenas, sofrendo assim mais duramente. A tal ponto chegou o seu desespero, que lastimou ter voltado ao Rio.

Desanimada, sem mais vontade de lutar, entregou-se à inércia, revoltada contra a sorte e

contra a sociedade que estigmatizaria se deixasse o marido, mas que não a consolava da desdita e desilusões que encontrara no casamento.

Passava dias inteiros em completo mutismo, criando e destruindo quimeras, desejando um cataclismo qualquer que a salvasse, libertando-a de tão odioso grilhão.

Revoltava-se Artur contra elas nas cartas que dirigia ao irmão, recebendo deste sensatas admoestações, conselho e até rogos, a fim de modificar o próprio gênio e de tratar a mulher sem asperezas, levando-a por meios suasórios.

Às ocultas leu a moça algumas dessas cartas e, movida pela estima consagrada ao cunhado, teve ímpetos de escrever-lhe. Mas, vencida de súbito pelo letargo moral em que jazia, fazia um gesto de enfado e murmurava:

— Ora! Não vale a pena!

Crescia a aversão no seu rancoroso coração, fazendo-a desejar que um desastre mesmo a libertasse do marido que a saturava de ódio. Durante dois anos vegetou nesse viver de morte, sem um consolo, sem uma alegria, ansiando por momentos acabar com a malfadada existência.

A fim de matar o aborrecimento e o tempo, coisas para ela sinônimas, leu e releu um a um todos os livros que havia em casa, inclusive os de medicina. Horrorizada, contemplava as estampas em que se patenteavam todas as misérias do corpo humano, reversos muitas

vezes de inebriantes volúpias, retraindo-se-lhe a carne em uma contração de medo.

Pouco ia aos teatros, a fim de evitar contendas e caras feias; só lhe restavam como diversão as *soirées* do Cerqueira, às quais sempre comparecia, porque Artur não tinha remédio senão condescender com Benta a quem devia finezas e que não admitia escusas.

Era Celeste o indispensável ornamento daquelas festas, em que ostentava beleza, cantava e por vezes substituía o pianista, tornando-se até útil. Aproveitara-se da permissão que tivera em Pernambuco e dançava, fingindo não ver a carranca do marido.

Em um desses saraus, apresentaram-lhe o quartanista de medicina Mário de Mendonça, um rapaz alto, pálido, de rara distinção, olhos grandes e negros, de infinita doçura, boca rasgada, dentes esplêndidos e uma barba curta e fina.

Desde então, a toda parte onde ia, encontrava-o, fitando-lhe os belos olhos cativos com indefinível carinho. A pouco e pouco essa doce imagem povoou-lhe as cismas, enche-lhe a imaginação romanesca e o coração vazio, alienando-a do tédio habitual e causando-lhe os súbitos alvoroços de nascente amor.

Teve o pressentimento de que muito padeceria, mas ainda assim preferiu os sofrimentos de uma paixão infeliz ao marasmo em que se afundava dia a dia, chegando até a arrecear-se

do idiotismo. Era muito nervosa, histérica mesmo e tinha por vezes estranhas sensações de um medo pueril, sendo aliás animosa e inteligente.

Demais, havia tristes precedentes em sua família e ela conhecia a lei fatal da hereditariedade: pelo lado materno só preconceitos, mas pelo paterno tísicos e dois casos de loucura.

A sua tia-avó Leonor, muito devota, fizera-se freira e tivera as alucinações beatíficas, os êxtases e todos lúgubre cortejo da loucura ascética, em que se debatera como endemoninhada, morrendo de esgotamento de forças em uma dessas crises.

O tio Pedro, irmão da precedente, forte, belo com um Antínoo,[65] mostrara-se mais ou menos desequilibrado desde a infância, porém, depois da puberdade, tomara a sua loucura um caráter particular, tomando-se em extremo libidinoso, a ponto de não poder conservar-se convenientemente junto de qualquer mulher. E por excessos venéreos viera a morrer tísico muito cedo.

IV

Não a amedrontava o amor que lhe inspirara Mário, não só pela confiança que tinha na própria vontade de conservar-se digna, como pelo terror dos assomos brutais do marido e da maledicência mundana que a apontaria como uma réproba, logo que cedesse aos impulsos do coração.

Sentia-se sem a necessária coragem de afrontar a sociedade, opondo um ar desdenhoso à insultante curiosidade dos que procuram no rosto de uma mulher os vestígios de suas faltas, como se isso fosse visível.

Já se amavam de há muito, quando ouviu ela de Mário a confissão de afeto, feita em voz trêmula e sumida, depois de uma quadrilha, em casa de Benta. Alguma coisa de deslumbrante perpassou-lhe ante a vista, eletrizando-a, fazen-

do-a reviver ao contato dessa ardente afeição para a qual nascera.

Ruborizada, com o seio ofegante e as mãos frias, escutava as palavras do enamorado moço:

— Celeste! Como não amá-la, se até o seu nome impõe adoração!... Amei-a desde o primeiro dia em que a vi, bela, arrebatadora, como que aureolada pelo nimbo das mártires! Tão digna de ser venturosa a ver-se jungida a um homem que não a compreende e que em vez de prendê-la, a afasta com o seu feroz ciúme!... Amo-a! E esse amor constitui-se enlevo e tormento, vida e morte, iluminando-me a alma e entenebrecendo-me o futuro em cruel desconforto!... Se tivesse dó de mim, se este afeto não a ofendesse, eu sentir-me-ia menos desgraçado!...

— Amar-me!... Mas bem saber que eu sou impossível, e que como tal quero conservar-me!... Pertenço a outro homem, não sou livre!...

— Bem o sei e nunca uma ideia profana nublou o meu pensamento, mas diga-me, ao menos, que me não quer mal por ter ousado confessar-lhe o meu amor!...

— Não lhe quero mal por isso, lastimo até que tenha malbaratado o seu afeto, podendo consagrá-lo a uma outra que o felicitasse.

— Pois eu o abençoo, embora tanto me faça padecer! Tranquilize-se, eu nada peço e nada espero a não ser um pouco de compaixão!

Tão meiga era a sua voz, tão humilde a fitava com os belos olhos de veludo, que ela sentiu sufocá-la o pranto, umedecendo-lhe as pálpebras e constrangendo-lhe a garganta. Traiu-lhe o rosto adorável a emoção e quiçá o afeto, pois subido clarão iluminou o olhar de Mário.

Aos poucos, conseguiu o moço que ela confessasse quanto o amava também, começando para ambos uma existência de dolorosa dissimulação e de inebriantes êxtases, na simples troca de um olhar e um aperto de mão mais prolongado.

Acompanhou Cândida o desabrochar daquele afeto, seguindo-lhe todas as peripécias, lisonjeada pela idolatria de que a filha era alvo e tranquila quanto às consequências; era Celeste romanesca e altiva, tinha medo do marido e horror da maledicência, portanto conservar-se-ia na fase platônica e foi o que sucedeu.

Pressentiu Artur o que se passava entre a mulher e o estudante e enfurecido pelo zelo, não raciocinou como a sogra e só viu o crime e adultério em idílio que as suas alusões poderiam converter em verdadeira falta, se ainda não predominaram tanto os bons instintos de Celeste.

E bem fortes eram esses instintos que resistiram à vida torturante que a moça levava, espionada e injuriada em tudo e por tudo. Se a encontrava Artur na cadeira de balanço, perdida em cismas, vituperava-a, por estar a pensar no

maroto, se a via ao piano, a cantar, vibrante de emoção, era ainda a imagem do rival que lhe dava aquelas dulcíssimas reflexões.

Não se enganava, é certo, porque a mulher quando ama torna-se mais bela, irradia, pensa e sente com mais inteligência e ardor, apurando-se-lhe todas as faculdades no cadinho do maior motor moral. Tombando de chofre das nuvens ideais em que se librava, maior e mais penosa era a queda para a moça que estremecia de horror, ouvindo aquela voz maldita que a ensurdecia.

Em seu peito rugia então a tormenta e a febre dos maus desejos secava-lhe a boca, dando-lhe mais um travo de fel. Ah! Se esse homem morresse, seria ela livre e poderia voar para esse Mário adorado e amá-lo à face de toda a terra, sem peias e sem receios!

E, ouvindo ainda as vociferações do marido, já ela estava bem longe dali, em uma nova existência, feliz, expandindo-se nessa ventura a que todas as criaturas têm direito e de que há muito a havia privado.

Preferia, porém, todas as brutalidades de Artur aos seus carinhos. Antes mesmo de amar a Mário, a sua carne voluptuosa já se retraía junto ao marido, invadindo-a um tédio glacial que a tornava de mármore, agora, então, que a possuía outra imagem, era horror e indignação o que lhe inspirava ele.

Alegava fadiga, indisposições, provocava até contendas, a fim de afastá-lo, parecendo-lhe que ele a profanava. Quando não podia evitar-lhe o contato, cravava as unhas no próprio corpo, cerrava os dentes e as pálpebras em uma tensão medonha de todos os seus nervos, banhando-lhe as faces umas lágrimas longas, frias, viscosas, feitas de fel e de raiva.

E Artur que a conhecera tão outra, tão diferente da estátua que tinha nos braços, sentia-se assaltado por sombrios pressentimentos e pelos zelos ferozes. Escapava-lhe, essa mulher a quem amava cada vez mais, sem nunca saciar a sua paixão que renascia sempre vivaz, como nova hidra.

Durante meses renovaram-se estas cenas, até que uma noite, estando mais nervosa do que de ordinário, ao aproximar-se o marido, ergueu-se fremente, afastando-o com um gesto de indizível asco.

— Tu me repeles!

— Sim! Não posso mais! É me impossível suportar por mais tempo tamanho suplício!

— O meu contato te enfastia? — inquiriu ele, travando-lhe do braço.

— Sim! Sim! — afirmou ela.

— Porque pensas no outro e o desejas!

— Não! Não é por isso! Já antes de conhecer me inspiravas a mesma aversão.

— Desgraçada! E ousa dizê-lo! — bradou, atirando-a sobre o leito, louco de furor. Mas eu posso obrigar-te a cumprir com os teus deveres de esposa!

— Duvido! E se o tentaram, darei um escândalo! — replicou ela, lívida, sentando-se e compondo as roupas e os cabelos.

— Matar-te-ei! — disse ele, correndo ao próximo aposento e voltando com o revólver em punho.

— Podes matar, prefiro morrer a pertencer-te! — exclamou ela, soberba de ódio e de firmeza.

Aparvalhado, trêmulo, odiando e amando ao mesmo tempo aquela mulher, sentindo no coração atroz martírio, deixou-se Artur cair sobre o leito, chorando convulso e balbuciando:

— Mas o que te fiz eu para me odiares tanto! Tenho-te amado como um cão fiel sem que nenhuma outra mulher conseguisse ainda chamar-me a atenção, nem provocar-me um desejo, e a paga desse amor é o teu desdém!...

— É que o teu amor beija e esbofeteia. É que devias amar a uma criatura sem nervos e sem dignidade, que, a sorrir, te oferecesse a face em que pouco antes tivesses cuspido, mas eu não sou dessa espécie, felizmente!

— De qual és, então? Ah! já sei! És uma miserável, nasceste para a adoração de muitos, és uma pelintra!

— Que ainda não delinquiu!

— Mas que o fará, porque o teu temperamento a isso te levará!

— O que me servirá de atenuante! — motejou ela.

— Se eu te der tempo para isso!

E a altercação continuou pela madrugada, injuriando-se sempre Artur, jurando parti-la em bifes, sem alterar a inabalável resolução da moça, que preferia os maiores tormentos e até a morte a sentir-lhe o contato.

Dali em diante, todos os dias envidou Artur esforços a fim de enternecer ou atemorizar a mulher, mas essa resistiu um igual impavidez às ameaças, às súplicas e às lágrimas. Nada a demoveria do seu intento, e assim se conservou até o momento da cena violenta que dá começo a este romance.

V

Depois da ruptura com o marido, de ânimo mais sereno, sentiu Celeste veemente desejo de justificar-se junto a Rodrigo das injustas acusações que Artur lhe faria. Conseguira o cunhado inspirar-lhe uma dessas estimas profundas que sobrevivem a todas as eventualidades.

Calculava a moça que ele tomasse o partido do irmão, que a acusasse também ou a menosprezasse. Porém sabia-o justiceiro, generoso, conhecia-lhe os dotes morais e pressentia que não lhe retiraria a estima, desde que ela, tão altiva, lhe abrisse a alma inteira.

E o fez, com a espontaneidade do seu caráter, contando-lhe quanto sofrera e a que marasmo chegara a sua alma amargurada, quando

lhe apareceu Mário, espantando as trevas da sua vida e iluminando-a com o facho do amor.

Contou-lhe as lutas da razão e o afeto, a confiança que tinha na pureza do próprio sentimento e a resolução que tomara de afastar o mancebo, logo, que terminassem os exames, daí a dois meses, impondo-lhe o dever de não voltar à Corte e de terminar o curso na Bahia, aí se conservando junto à família.

Recebeu Rodrigo essa carta antes de lá chegar o irmão e pouco depois respondeu a Celeste, agradecendo-lhe a prova de subida estima que lhe dera e protestando que nada poderia alterar a fraterna amizade que a ela votava, oferecendo-lhe seus fracos préstimos em qualquer emergência futura.

Na primeira ocasião em que se encontrou com Mário, referiu-lhe Celeste tudo quanto deliberara e dele esperava, confiada o afeto de que era durante um tempo indeterminado, que talvez abrangesse alguns anos.

— Esperarei, sem morrer de saudade, porque tenho o pressentimento de que ficará de todo livre e poderá então pertencer-me para sempre! — disse, com o seu meigo sorriso.

— É bem possível! — replicou Celeste, irradiando ante aquela perspectiva de ventura.

— Demais, somos ainda tão jovens, não devemos desanimar!

E largo tempo arquitetavam projetos futuros, criando uma vida de defeitos, em que sempre teriam os mesmos pensamentos, os mesmos anelos, em perene bem-aventurança. Sonhavam acordados, palpitantes de emoção, sem mesmo atender que seria um túmulo a base desse ninho alcatifado de flores.

Em alternativas de esperança e de desânimo passaram os dois meses que faltavam para a partida de Mário, sentindo antecipadamente o pungir da saudade que os devia flagelar nessa forçada ausência. Com o coração cheio daquela mulher e daquele infeliz afeto, apreensivo, desgostoso, foi preciso ao moço um grande esforço de vontade, a fim de não descurar os estudos e fazer tão brilhantes exames.

Em dezembro realizou-se o casamento de Olívia, a primogênita de Benta, sendo essa cerimônia o último pretexto que alegou Mário para demorar-se mais alguns dias. No bulício dessa festa, acotovelando indiferentes, sentindo a lágrima umedecer-lhe a pálpebra e o soluço sufocá-lo, fez ele os seus últimos juramentos de amor, pois partia no dia seguinte.

Sedutora e irresistível com o traje de baile, prendendo os olhares que a fitavam ouvia Celeste a voz adorada do moço, curtindo já lancinante saudade e tendo uma sensação de abandono e tristeza, parecendo-lhe que tudo em torno se

apagava como essa aurora de amor tão curta e tão radiosa!

— O nosso amor tão lindo e que só durou um dia! — murmurou, com lábios trêmulos.

— Oh! Celeste… Se quisesses, nenhum empecilho existiria!...

— Ah! Não! Cale-se, por piedade! Se tivermos de ser felizes, sê-lo-emos, mas não tentemos a Deus!... A coragem que me leva a afastá-lo enche-me de orgulho, eleva-me para o martírio aos meus próprios olhos e reconcilia-me comigo mesma! — exclamou.

— Seja feita a sua vontade, porém, se resolver o contrário, bastará uma só palavra para ter-me ao seu lado!

— Obrigada! Obrigada! Minha adorada criança! — disse a sua voz de ouro.

Com o coração despedaçado devia a moça sorrir, dançar e até cantar, fazendo-o com inexcedível expressão de sentimento, soltando seus queixumes em notas plangentes, dilacerantes, emocionando o auditório e sobretudo a Mário, para quem somente ela cantava.

À saída no vestíbulo, despediu-se o moço de Cândida e de Venâncio, estendendo por fim a mão fria e trêmula a Celeste que mal podia se ter de pé. Tão pálida quanto ele, com os olhos fixos, devorava o amado semblante, querendo guardá-lo para sempre na memória, com a súbita previsão de uma eterna separação.

E tinha de conter-se, de conservar-se imóvel, quando quisera estreitá-lo loucamente nos braços, e cobrir-lhe o rosto de beijos e de lágrimas, gritar a sua dor a todo universo, exalar em rugidos a angústia que a paralisava.

— Adeus!... Seja feliz! — disse, com os queixos presos e a voz sumida.

Atirou-se nas almofadas do carro, cerrou os olhos, simulando fadiga e sem falar chegou a casa. Encerrou-se em seus aposentos e aí como leoa ferida, soberba de desespero, chorou, soluçou, monologando, atirando-se sobre os móveis, caindo de bruços sobre o leito, erguendo-se de novo, balbuciando frases entrecortadas e arrancando a roupa em um assomo de raiva, como se quisesse com ela arrancar também a pele e o pobre coração despedaçado.

Chorou horas e horas, amolecendo-se-lhe afinal a alma e enchendo-se dessa resignação suave, feita de esperanças, ajoelhou-se contrita e orou, oferecendo o seu sacrifício a esse Deus do amor e misericórdia com quem se reconciliara, depois que amara Mário, voltando ao criador pelo influxo da criatura.

No dia seguinte, desfeita, melancólica, apresentou a fronte aos beijos da mãe que muito bem avaliava o quanto padecia ela. Cercou-a Cândida de maiores desvelos, muito orgulhosa com o triunfo que a moça conquistara sobre si

mesma, e tranquila quanto às apreensões e à vigilância que aquela solução lhe poupava.

Inventariou Celeste os objetos que Mário lhe havia dado, guardou-os como relíquias, passando os dias a rememorar os seus protestos, a sua voz, os seus gestos, avivando ainda mais a saudade do ausente. À noite, tocava e cantava as músicas de que ele gostava, parecendo-lhe que a ouvia e partilhava a mesma emoção.

Foi uma fase de lirismo e de puros devaneios, em que desapareciam o passado, o marido, as suas desilusões e blasfêmias, ressurgindo de tudo isso uma outra criatura, cheia de fé e de crenças em um futuro melhor, livre de encargos, só tendo um dever nesse amor que eletrizava.

Amava quase com a primitiva candura de donzela, sentindo a alma voar nas santas aspirações do noivado, idealizando uma vida de doces alegrias e castos arroubos, o que por vezes a espantava.

Lembrava-se do despertar dos seus sentidos depois do casamento, dos ardentes transportes que a convulsionava nos braços de Artur, fazendo-a gritar e soluçar, delirante de volúpia, em um espasmos violento e doloroso que lhe repuxava a nuca, paralisando-lhe o cérebro e sacando-lhe a garganta.

Sempre tivera essas sensações, mesmo quando já se arrefecia o afeto que votara ao marido, o que a revoltara em extremo, até que um

tédio gradual emudecera-lhe a carne, tornando-a estátua. Estava sob essa influência fisiológica, quando se sentiu dominada por um novo amor, rompendo então violentamente com Artur, cujo contato tornara-se-lhe odioso.

E, desde que a imagem de Mário povoara-lhe a imaginação, nenhum desejo roçara-lhe a epiderme, nenhuma solicitação carnal a despertara do êxtase de amar e de sentir-se amada de modo tão cavalheiresco. Essa predisposição, porém, não poderia durar sempre em uma mulher daquele temperamento.

Todo esse platonismo não era mais do que uma incubação, donde surgiria infrene sensualidade.

VI

Aos 24 anos, separada do marido e formosa, viu-se Celeste cercada de seduções. Sorria tranquila às blandícias que lhe dirigiam, resguardada pelo afeto que lhe enchia o coração.

À medida, porém, que os meses decorriam, transformava-se aquele sentimento na doce recordação de um raio de sol que lhe tivesse iluminado a vida. Jamais esqueceria a pálida criatura que tanto a havia amado e que a fizera ressurgir do marasmo para padecer e sentir os eflúvios de cativante afeto, mas compreendia que a sua lembrança não poderia mais protegê-la.

Um ano depois, experimentando imperiosa e invencível necessidade de agitação e de bulício, resolveu dar saraus em casa. Dançava com ardor,

fatigava propositalmente esse corpo que reclamava os deleites de que há muito estava privado.

Às vezes, alta noite, só, no seu grande leito, chorava de raiva, sentindo-se avassalada por loucos desejos e perseguida pela imagem de algum homem; resistia, lutava, com medo da queda e das fatais consequências.

Por que não viveria só pela imaginação como até ali? Para que correr após efêmeros gozos que custariam tão caro!

Maldita carne! Maldito temperamento!

E em meio dessas considerações, desses receios e da firme resolução de não ceder à tentação, surgiam sempre as mesmas cenas voluptuosas, a mesma figura de homem, a mesma ânsia, enervando-a, pondo-lhe chumbo no cérebro e espreguiçamentos nos membros lassos.

Havia entre os seus convidados um ministro plenipotenciário peruano, cavalheiro distintíssimo e ainda verde, apesar dos cinquenta e tantos janeiros. Alto, elegante, cabelos grisalhos, bigode preto, olhos negros e brilhantes, boca fresca, dentes admiráveis, fino trato.

Impresionou-se Celeste, atraída pela ardente admiração que a ele inspirava, lisonjeando-a esse apreço de um homem conhecedor do belo e que a tantas outras vira e amara na acidentada carreira diplomática.

A princípio, sorriu-se, calculando-lhe a idade, mas que importava isso, se tinha certeza de

que ainda era moço. Aquele olhar, aqueles gestos nervosos e lestos não denotavam um velho e sim um homem bem conservado.

Ele não dançava e ela privava-se de algumas quadrilhas, a fim de conversá-lo, de sentir o eflúvio do seu olhar luzidio que a devorara com ardor, inoculando-lhe o mesmo anseio e injetando-lhe fogo nas veias. Adivinharam-se, e por isso mesmo, ainda mais se desejavam.

Ele não ousava com receio de escândalo e de prejudicar a sua carreira. Ela, muito altiva, temia dar um passo inútil tendo de retroceder talvez, depois de adiantar-se tanto. Demais, sendo mulher, não deveria tomar a iniciativa e repugnava-lhe a humilhação de ir oferecer-se.

Quantas das vezes teve ímpetos de envolver-se em denso véu e de procurá-lo ao hotel, atirando-se-lhe nos braços, sem uma palavra, impelida por uma força fatídica. Ele não teria coragem de afastá-la, é certo, mas a orgulhosa arrecear-se da reação que indubitavelmente se daria no amante.

Amá-la, desejá-la, e adorá-la, sim, ela o admitia, porém colocar qualquer outra consideração acima dessa ventura, não!

E ficava em casa, ralada de desejos, preferindo sofrer esse tantálico[66] suplício a ter de esmagar com o seu desprezo o feliz mortal que tanto a fascinava.

Também padecia o diplomata e lutava, pois era Celeste uma dessas mulheres junto das quais não se passa impunemente, capitoso perfume que se respira sem guardar eterna lembrança.

Quanto daria ele para ter mais liberdade de ação, a fim de raptá-la e levá-la para bem longe. Sua, seria sempre sua, essa divina mulher de uma carnação de flor rociosa, de narinas titilantes, felina, ondulante como as serpentes!

Amedrontado, pediu ao seu governo transferência para outro país e pouco depois foi despedir-se. Ouvindo-lhe o rodar do carro, pressentiu-o a moça, mandou o criado dizer-lhe que as senhoras não estavam, espreitando-o por trás das cortinas da janela.

A tremer de emoção e de pena, leu o cartão de despedida.

Era uma volúpia que lhe escapava, que passara ao alcance de seus lábios e que não quisera fruir. Sacudiu a fronte, com o olhar cintilante de paixão, a boca torcida em um ríctus de despeito e batendo o pé, exclamou:

— Por Deus! Que não serei mais tão tola! A vida é curta e talvez já estejam contados os meus dias! Escrúpulos! Acaso os sentem as outras? E que o sintam, a mim que importa!... Este é uma ave de arribação; tanto melhor, ao menos, não se gabaria!... Ave de arribação, sem pouso certo, sem constância, mas esplêndida!...

Tempos depois prestou-se a moça às ligeiras justas de espírito do conselheiro Marques, seu adorador de todos os tempos, homem de real merecimento e de gostos artísticos: 45 anos, alto, desempenado, barba curta, olhos vivos, riso alegre e comunicativo.

Na véspera, tinham estado ambos em casa da Tereza veloso, a antiga rival de Celeste, aos 14 anos, tornando-se o conselheiro nessa noite ainda mais assíduo junto à moça, falando sobre mil coisas e fitando-lhe o olhar profundo e imperioso que lhe causava a impressão de um estilete a entrar-lhe pelas carnes.

No dia seguinte, às duas horas da tarde, indo Celeste cerrar as janelas da sala, avistou o seu cavalheiro servente da véspera que a cumprimentou. Instintivamente compreendeu que ele queria entrar e abriu-lhe a porta.

Masques largou o chapéu, correu para ela, apertou-a nos braços, esmagando-lhe os lábios, mordendo-os, sugando-os com o ardor de canibal e balbuciando:

— Como eu te amo!... Como eu te amo!... E há tanto tempo!... Faze-me venturoso, sim! — suplicou ofegante, com o olhar umedecido e os lábios vermelhos.

Com o rosto todo iluminado, o olhar cintilante, as narinas a moverem-se, as pernas trêmulas, soberba de sensualidade, ela o arrastou

até a próxima alcova, dando-lhe a ventura que ele tanto lhe pedira.

Quando a deixou, cambaleava, ainda na embriaguez do gozo, aspirando o perfume da linda criatura que se lhe impregnara nas roupas; sentia a alma amolecida, disposta ao bem e, de fronte erguida, orgulhoso como um vencedor, tinha ímpetos de dizer aos que lhe fitavam: "eu sou o amante de Celeste!"

Foi essa fase o período mais risonho de sua vida, aquele que ele não trocaria pelas maiores grandezas e cuja lembrança nunca mais se apagaria. Quanto mais gozava essa amante, mais a desejava e mais a sentia presa a sua carne como nova túnica de Nessus.[67]

Amou com delírio a essa mulher em que havia vinte mulheres e, que, se transformando, era simultaneamente criança, amiga, artista, rainha, leoa, sereia, esfinge, bacante,[68] fascinando sempre esse Proteu[69] feminino, e desprendendo-se à medida que escravizava.

Completados seis meses, já enfeitiçada por outro, escreveu Celeste ao amante, dizendo-lhe com toda a sinceridade que amava outro. Era ainda uma inexperiente e ignorava que a mulher deve dissimular um pouco e não ser tão franca, sobretudo quando abandona.

Não teve de que se arrepender então, porque naquela ocasião lidava com um cavalheiro, incapaz de qualquer desforço e que a

amava com extremado afeto. Lendo a carta, só compreendeu Marques que a perdia e como louco correu a casa dela, chegando a bater na porta da sala, atrás da qual estava Celeste.

Não obtendo resposta, lançou por baixo da porta uma carta escrita para o caso de a não encontrar e saiu, soltando fundo suspiro. Eram súplicas humildes de um homem altivo, lamentos manchados pelas lágrimas que ele não pudera conter, dirigindo-se à ingrata.

Com indefinível sorriso, e um gracioso amuo, respondeu Celeste a carta, mas de modo terminante, feriado talvez a suscetibilidade do conselheiro que muito padeceu, sem poder amaldiçoá-la nem consolar-se nunca.

VII

Pertencia o segundo amante de Celeste ao gênero dos Narcisos e aliava ao grande amor pela própria individualidade o mais feroz egoísmo a par de inúmeros defeitos e vícios que sabia encobrir sob a máscara de homem de fino trato.

A esse que nada merecia amou a moça com veras, até que aos poucos foi descobrindo o que havia de tristemente real naquele conjunto que lhe parecera tão sedutor e digno de apreço.

Ano e meio sofreu ela o pernicioso contato desse homem que lhe amargurou a vida, desiludindo-a, levando mais um travo de fel a sua alma já ferida e revoltada. Em um momento de fadiga moral arrancou-o afinal do coração, experimentando uma sensação de alívio ao entrar na posse de si mesma.

Enquanto não passava de adorações platônicas os galanteios dirigidos a Celeste, nada objetou Cândida, embora no íntimo sentisse, não os melindrosos receios de uma mãe virtuosa, porém alguma coisa semelhante a inveja pelos triunfos de uma rival mais bela e mais jovem.

Aquela mulher altiva, tão orgulhosa da sua formosura, não queria curvar-se à lei fatal da sucessão, doendo-lhe reconhecer que a filha era linda como ela nunca fora. Feriam-na como uma usurpação os elogios dirigidos à moça e apenas lhe provocavam um riso amarelo.

Tendo dado a Celeste os mais deploráveis exemplos, deixando-a crescer no meio corrompido em que ela e as velhas amigas ostentavam as suas conquistas amorosas, teve Cândida o descoco[70] de querer moralizar a filha, esquecida de que a melhor lição de uma mãe são os exemplos e que, no caso contrário, de nada valem os mais belos discursos.

Com a fisionomia adrede preparada, procurou tocar o coração da filha:

— Celeste, por que delinquiste, tu, tão altiva, expondo-te a seres menosprezada por esses mesmos a quem favoreces, pois tão infames são os homens?

Vivo rubor tingiu as faces da moça, que balbuciou confusa:

— Como? Pois a senhora sabe?

— Sei, porque desconfiei, vendo-te tanto tempo fechada em teus aposentos! Por acaso vi algumas vezes o conselheiro Marques entrar aqui, mas como esse é um homem sério, não me importei…

— E rico! — pensou Celeste.

— Depois veio o outro, o peralvilho, o enfatuado, e então alarmei-me deveras. Se vais neste andar, não sei em que dará tudo isto!... Tu, o meu orgulho! Oh! Celeste, corrige-te, ainda é tempo, não dês ganho de causa a teu marido!

Pálida, humilhada, sentindo a revolta e o pesar lutarem-lhe na alma, lastimava a moça que a mãe tivesse encetado tão penoso assunto e falasse assim tão autoritariamente, ela, que a mandava, aos 15 anos, abrir a porta ao seu amante Gabriel Dias.

Tão grande, porém, era ainda o amor que votava à mãe que teve forças para calar-se e não exprobrar-lhe esse passado que lhe acudia mais vivamente à imaginação, desde que Cândida fingia esquecê-lo com tamanha hipocrisia.

Vendo-lhe o enleio, abraçou-a a mãe e insistiu:

— Vais mudar de vida, não é exato? Prometes-me?

Desprendendo-se dos pérfidos braços que a cingiam, respondeu a moça com dignidade:

— Há coisas que não se devem pedir e que não se podem prometer!... Se pequei a isso

fui levada pelo meu temperamento e depois de muito lutar; como quer a senhora, pois, que eu prometa viver castamente, se não posso mudar o meu organismo?... Demais, nunca deveriam as mães tocar em tão triste assunto…

— Por que não? Se têm mais experiência da vida e se prezam a reputação das filhas mais do que a sua própria…

Estacou, ante o olhar cintilante de Celeste a lembrar-lhe as faltas de outrora, a exprobrar-lhe a fingida virtude de mulher imprestável que se vinga nas outras do mal que já não pode praticar. Ambas baixaram os olhos: a filha, por generosidade, a mãe, enfiada, enfurecida, desejando apagar com o próprio sangue esse implacável passado que a desmoralizava e não lhe deixava o prazer de elevar-se ante Celeste.

— Como me saíste inflamável! É o maldito temperamento do pai!

— Mas que me transmitiram e que me servirá de atenuante!

Amuaram-se durante alguns dias, voltando depois às boas, conservando, porém, Celeste desagradável impressão daquele incidente. Possuía um espírito reto, uma natureza franca que revoltava diante dos argumentos capciosos de que usa a humana hipocrisia.

Uma feita, diante de algumas pessoas, afirmava Venâncio um fato e para reforçar o que avançava, disse com a veemência habitual:

— Juro-o pela honra de minha filha!

Perpassou então pelos lábios de Cândida a sombra de irônico sorriso, transformando a íntima turbação de Celeste em verdadeira indignação e dor. Alguma coisa de lancinante feriu a alma da moça ante o desamor daquela mãe, que zombava da credulidade do pai e da confusão da filha.

Com a espontaneidade e o arrebatamento de seu caráter teve a moça ímpetos de dizer ali, em presença de todos:

— Papai, você está enganado a meu respeito; confesso que não mereço a sua confiança na minha honra, e o declaro por ser ainda muito primitiva, e não ter chegado a essa perfeição hipócrita que atenua e oculta as próprias faltas!

Pouco depois, aceitou ela a corte de um bacharel em direito, emérito valsista, com uns olhos lânguidos que a fitavam muito quebrados. A fim de evitar a espionagem de Cândida não se viam em casa de Celeste, porém em um ninho muito catita, que ele enchia de flores nos dias de seus encontros com a deusa.

Foi uma fase agradável para ambos, uma ligação sem arrufos, nem nuvens, uma fusão de dois seres que se compreendiam e apreciavam. Em uma dessas entrevistas encontrou o amante tristonho e, inquirindo da causa de sua preocupação, disse-lhe ele:

— Trata-se do meu futuro político; devo partir em breve para presidência do Pará ou ficar a teus pés. Decide, porque eu não tenho a coragem de o fazer!

Demoradamente o contemplou a moça, guardando os seus traços na memória e pousando-lhe a mão sobre a cabeça pendida, disse:

— Vai, não cortes a tua carreira!

— Tu o queres? — inquiriu ele, entre pesaroso e satisfeito.

— Quero!

— Oh! Quanto vou eu sofrer longe de ti!... Quem haverá que te substitua!

— A primeira mulher a quem amares! — redarguiu ela, sorrindo com melancolia.

— Qual amar! Pois será possível!... Tu admites semelhante ideia!

— É inevitável. Na tua idade ninguém pode eximir-se de amar.

— E, tu, também amarás!... Darás a outro os teus incomparáveis carinhos e o teu coração! — acrescentou, pesaroso.

— O meu coração ou os meus desejos, é certo, mas tratemos do presente e deixemos o futuro em paz. Sofres realmente com esta partida?

— Oh! Podes duvidar disso! — exclamou ele tomando-a nos braços e cobrindo-a de lágrimas e de beijos.

À despedida, dez vezes voltou Celeste do limiar da porta, dominada pela pungente saudade

desse homem jovem e atraente que nunca a molestara, nem lhe dissera senão blandícias, de quem se separava talvez para sempre.

Chorou, e saiu com o seio opresso e o coração intumescido, ansiando chegar a casa para desafogar-se em copioso pranto. Como lhe pareciam tristes os reversos de gozo e da alegria, e como rápido entrava no domínio do passado esse período de sua vida, tão curto e tão luminoso!

VIII

Completou Celeste 28 anos e, à medida que se aproximava dos trinta, sentia-se cada vez mais sedenta de volúpias e sem o menor cansaço físico. Ostentava verdadeira louçania, como se a sensualidade fosse a fonte encantada onde hauria o brilho e a frescura.

Só o seu sistema nervoso se ressentia daquele viver delirante, mostrando-se ela muito excitada, passando facilmente de ruidosa alegria a uma tristeza medonha que lhe enchia o corpo de manchas negras. Depois de um dia de amorosos transportes, experimentava mais a miúdo a constrição do bolo histérico, intermitentes tremuras nas pálpebras e nos lábios e súbitos estremeções que a agitavam, repuxando-lhe a nuca.

Nessa época tinha por amante um jurisconsulto distintíssimo, o Cícero Braga, um desses homens sedutores e irresistíveis, dos quais guardam as mulheres eterna lembrança e viva saudade: 40 anos, alto, bem proporcionado, de leve moreno, cabelos castanhos ondeados, olhos pardos, pequenos e penetrantes, nariz largo, de asas movediças, boca breve, graciosa e irônica uma cova no queixo sempre escanhoado, bigode fino, mãos e pés pequenos.

Ilustração, ascendência talentosa, da qual ele não destoava, antes pelo contrário, alma ardente, impressionável, espírito romanesco, coração de ouro. Quanto ao lado prático da vida era de uma imprevidência que lhe valia a sensata reprimenda dos amigos.

Foi em um jantar que ele conheceu Celeste, quedando-se extático a contemplá-la, ouvindo maravilhado as cintilações do seu espírito. Naquele momento desejou possuir todas as grandezas para depô-las aos pés da adorável criatura.

— É bela, a ponto de fazer cometer crimes! — murmurou ele.

Desde então, começou a assediá-la com a pertinácia que sempre empregava na conquista das mulheres e triunfou. Eram dignos de se apreciarem e amarem-se com ardor.

Orgulhava-se Celeste de haver inspirado tamanha paixão a esse homem tão conhecedor de mulheres, que já deveria estar um tanto far-

to da espécie, e que, no entanto, nunca se aproximava dela sem tremer. Com que extremos o compensava então, alucinando-o com os seus transportes de leoa.

— Divina Celeste — murmurava ele, pálido de emoção, engolfando o olhar cativo naqueles olhos esplendorosos que tudo prometiam no magnético irradiar.

Sabia Celeste que todos os acusados que recorriam aos serviços profissionais de Cícero eram absolvidos, graças ao influxo da suas palavra eloquente, comovedora e por vezes incisiva, cheia de ironias e sarcasmos. Curiosa e com vaidade em jogo, quis assistir a uma das sessões do júri, em que era o amante o advogado da defesa.

Vendo-a no auditório, excedeu-se Cícero arrebatando aos ouvintes com a pujança do seu talento. A sua voz melodiosa alterou-se progressivamente até chegar a trovejar anátemas contra a sociedade que corrompe, em um gesto largo, onipotente, com o olhar coruscante e a fronte contraída.

Em sábia gradação passou da violência à piedade, analisando as lutas íntimas, os titânicos combates morais, em que o acusado se apegara, a todos os elos que ainda o prendiam a um passado honesto e laborioso e aos ditames do dever que tanto amara. Coloriu finalmente a queda fatal, em que o desgraçado deixara em cada

anfractuosidade do abismo um pedaço de suas carnes de envolta com as esperanças perdidas, tendo o porvir empanado pela perspectiva da força ou do presídio.

Ante o triunfo do amante, sentiu-se Celeste eletrizada e ergueu a fronte com a altivez, parecendo-lhe que a parte daquela glória lhe cabia, como inspiradora de tamanha eloquência. Olhava-o orgulhosa, tendo ímpetos de dizer àquela multidão que palpitava ao influxo da palavra de Cícero:

— Eu sou a amante deste homem! Ante mim, este leão esconde as garras e torna-se manso e submisso como um cordeiro!

A fim de compensá-lo das deliciosas emoções que lhe causara, jantou Celeste com ele em gabinete reservado, inebriando-o com os seus carinhos e entusiasmos. Como Cícero bendisse a sorte que o fizera talentoso e eloquente a ponto de fascinar essa mulher de um espírito superior, a quem tanto adorava!

Nenhum dos seus triunfos valia aquela alegria!

Sempre que a moça voltava de suas entrevistas, encontrava a mãe carrancuda ou amuada. Cândida adivinhava ou pressentia as escapadas da filha e ficava de mau humor, comuns ares severos que lhe iam muito mal e que só tinham a desvantagem de irritar Celeste e de recordar-lhe o passado materno.

Quando a mãe a via sair, elegante como sempre, porém, como que iluminada pelos desejos, sabia de antemão que ela ia ao encontro de alguém que a esperava ansioso e trêmulo. Uma ruga profunda cavava-se na fronte da matrona, enquanto uma onda de fel lhe subia do coração aos lábios, ao acompanhar a filha com o olhar odiento e murmurava:

— Lá vai a perdida para alguma orgia!... Não há mais emenda possível, pois se é a cópia fiel do pai!

"E da mãe!", dizia-lhe baixinho a consciência, irritando-a ainda mais.

Se a moça pudesse pressentir a tormenta que rugia no seio de Cândida, aterrar-se-ia e talvez se premunisse contra qualquer eventualidade futura. Mas como poderia a alma franca e luminosa de Celeste abrigar a suspeita de que sua mãe inveja o seu triste fadário[71] de mulher-prazer!

No entanto, essa mãe também estivera sujeita a esse mesmo fadário, porém, unicamente por vaidade e ambição. Nem ao menos tinha as atenuantes que falavam em favor da filha — nos ressentimentos do coração, nos desvios de uma imaginação exaltada e nas exigências de um temperamento ígneo.[72]

Junto de Cícero esquecida Celeste as alfinetadas domésticas, as indiretas que ouviria ao chegar a casa e a tristeza desse eterno contraste entre o riso e a mágoa. Ao ver-lhe o olhar idola-

tra, as narinas trêmulas, a violenta emoção que o empalidecia, esfriando-lhe as mãos, ela se julgava indenizada de tudo.

Como ele gostava de acalentá-la nos braços, enlanguescida, seminua, com os cabelos revoltos, as olheiras fundas a avivarem-lhe o brilho do olhar, os lábios febris, semelhando uma bacante em repouso!

— Como é bela assim! E como eu desejaria ser escultor para gravar eternamente no mármore as tuas formas divinas! Ah! Se eu pudesse roubar-te a todos os afetos e prender-te a mim para sempre!

— Ainda me querer mais cativa? — inquiria, com o sorriso quente e zombeteiro que lhe iluminava o semblante.

— Queria-te enlaçada a mim por todo o sempre, como a hera ao tronco. Olha, tenho até ideias singulares: desejaria que um terremoto nos surpreendesse em um destes divinos momentos!

— E, quando no fim de séculos, fizessem escavações como em Pompéia, nos encontrariam ainda na mesma posição e ficariam bem edificados, hein? — disse ela a rir.

— Não querias morrer assim? Unida a mim que tanto te amo, ligados os nossos corpos no fundo da terra, como adejam eternamente pela amplidão as alas de Francesca e de Paulo.[73]

— Sempre o romanesco, sempre o ideal, meu querido visionário! O ideal, pobre vítima, em

cuja procura nos chafurdamos nas maiores sensualidades! — redarguiu ela com o seu riso gorjeando.

— Mas, filha, na própria volúpia ainda pode haver alguma coisa do teu ideal! Tu compreendes que as sensações que uma meretriz me causasse nunca se poderiam comparar ao enlevo de tua posse!

— Questão de imaginação!

— Muito embora! É que há em ti a mulher superior, a mulher educada, a mulher que eu conquistei somente pelo amor, a mulher que se dá, mas não se vende, formando todas essas considerações o famoso ideal que eu tanto adoro! Compreendes?

— Perfeitamente. Apenas te contrariei para obrigar-te a falar; dizer tudo tão bem! Quando ao ideal, é imprescindível, pois sem ele a vida ainda se tornaria mais chata e estúpida! Eu creio mesmo que até para os maiores materialistas ainda há um ideal, que é o requinte do gozo.

— E dizes muito bem, minha querida.

IX

Por esse tempo, soube Celeste que Mário de Mendonça morrera. Depois de formado fora à Europa aperfeiçoar-se em cirurgia e entregara-se ao estudo com ardor e aproveitamento. De volta à Bahia granjeara numerosa clientela, fadigando-se em extremo.

A tuberculose de que padecia e que se conservava estacionária durante a estada na Europa, tomou então incremento, depauperando-lhe o organismo em meses e vitimando-o. Grande perda para a ciência, para a família e para essa mulher que tanto o amara.

Imensa amargura encheu a alma de Celeste, avivando-lhe a lembrança desse passado que Mário havia povoado de alegria e de dores.

Uma torrente de ardentes lágrimas jorrou dos olhos da moça que exclamou a soluçar:

— Morto!... Pobre Mário, ainda tão jovem, quando te sorria um brilhante futuro!... Morto!... Coitado!... Quantos projetos fizemos nós outrora, contando com a morte do outro e com a minha viuvez!... Parece até castigo! Ele vive e tu morreste, minha pobre criança! Como me arrependo agora de te haver privado da minha posse, já que devia mais tarde entregar-me a outros que mereciam menos do que tu!... Mas que digo? Talvez fosse melhor assim, ao menos guardaste de mim uma lembrança pura e digna!... Quanto eu te amei, sinto-o agora no pungir dessa saudade e desta mágoa, quando de há muito nada mais havia entre nós!...

Durante duas semanas, conservou-se a moça em casa, indiferente a tudo, vivendo das recordações daquele afeto perdido. Só as cartas suplicantes de Cícero acordaram-na daquela atonia pungente, fazendo-a voltar à realidade e guardar no coração a eterna saudade do morto.

Mais uma apreensão veio dali a pouco juntar-se aos pesares que atormentavam Celeste. Seu pai já há alguns meses aposentado, estava alquebrado, caquético, quase surdo, aproximando-se lentamente do túmulo ao peso dos 75 janeiros, apagando-se como uma velha lâmpada.

No tocante egoísmo dessa segunda infância, conheceu Venâncio doçuras verdadeiramente

maternais que lhe proporcionava a filha, lendo-lhe os livros preferidos, acalentando-o com os seus incomparáveis carinhos, amenizando-lhe a tristeza dessa passagem da vida à morte, em que tanto conforta ao que vai morrer o calor desse afeto que ainda o prantear depois da hora extrema.

Tudo quanto o seu amor filial soube engendrar, tudo quanto o seu grande espírito podia abranger, tudo isso ela pôs em ação para distrair e consolar o pobre velho que ainda queria viver e talvez gozar. Tão habituado estava a sua longa existência que a considerava eterna.

Quanto custava a essa filha extremosa seguir a visível destruição que se operava naquele organismo que ela quisera revigorar com o sangue das suas artérias e com os anelos do seu coração amargurado. Por que não permite a sábia natureza que a idolatria dos filhos salve a vida dos que dão o ser?

Com a voz enfraquecida lembrava-lhe Venâncio diversos episódios da sua infância, repetia-lhe as primeiras frases que ela conseguira proferir, as suas exigências infantis, as suas manhas, cantarolava *O Macaco está no mato*, com que adormecia outrora, rindo enternecido e limpando os olhos úmidos com a mão trêmula e descarnada. Então abraçava-se Celeste a ele, soluçando, não podendo mais conter as lágrimas que a sufocavam e que só derramava quando o pai não as podia ver.

Da mulher ele não queria saber: haviam vivido sempre em desarmonia, fundido-se em aversão e quase receio a submissão a que se sujeitara, a fim de não a irritar. Pedia à filha para afastar a mãe, o que não contrariava a Cândida, visto poupar-lhe as canseiras e a vista daquela lenta agonia.

A fim de não o deixar um só momento, deitava-se Celeste em um sofá junto ao leito do pai, levantando-se de momento a momento, receosa de que ele não mais despertasse, dando-lhe colheres de geleia logo que acordava, disputando-o à morte, contente desde que o tinha mais um dia a seu lado, contando com pungente amargura as últimas horas daquela querida existência.

Uma madrugada, chamou-a Venâncio:

— Dá-me água.

Ela soergueu-lhe a cabeça, chegou-lhe o copo aos lábios e, não sentindo mais beber, inquiriu:

— Não queres mais?

Não obtendo resposta, pousou o copo e delicadamente descansou-lhe a cabeça no travesseiro; nenhum gesto, nenhuma palavra, o nariz afilado, o olhar vítreo, os lábios brancos.

— Papai! O que sentes?... Ah! Meu Deus! Está morto! — gritou ela, caindo de joelhos, e banhando de lágrimas o rosto de Venâncio.

Acudiram Cândida e os fâmulos, indo um deles chamar o médico que atestou o óbito: caquexia senil, retirando-se consternado pela dor de Celeste. Depois do enterro, atirou-se a moça no leito, com uma febre nervosa que a prostrou durante uma semana, e, quando deixou o leito, estava magra, abatida, triste, com um tédio mortal e pesarosa por não haver sucumbido. Quantas dores lhe reservaria ainda o futuro? E teria sempre a força de resistir?

— Ora! Quando não houver nenhuma solução para mim, terei sempre o grande recurso de acabar com a vida! — murmurou resoluta.

Revoltada contra a sorte que a ferira em tão curto espaço com a morte de Mário e com a de Venâncio, muito nervosa, irascível, hipocondríaca, procurava Celeste a solidão e engolfava-se em seus tristes pensamentos, sentindo uma volúpia acre-doce em revolver o fel que tinha na alma.

Até a companhia de Cícero a enfastiava, apesar dele a tratar nos primeiros tempos como um irmão, sem nada solicitar, usando de rara delicadeza, respeitando a dor que a prostrava, tornando-a má, suspeitosa, irritável. Quanto foi ela injusta e cruel para esse homem que a amava até a idolatria.

— Desabafa, Celeste, sê injusta muito embora, desde que essa expansão te alivia a alma!

— dizia ele, apertando-lhe a mão e cravando-lhe o olhar compassivo e terno.

Fazia-se a reação; distendem-se os nervos da moça, pungia-a o remorso da sua iniquidade, dos seus sarcasmos e ela prorrompia em soluços. Chorava por muito tempo e aquelas lágrimas faziam-lhe bem, amolentavam-lhe a alma e prendiam-na pela gratidão a esse homem que a acariciava com os olhos úmidos e a piedade no coração.

Daí a meses, apesar de reconhecer todo o merecimento de Cícero, toda a grandeza da sua alma, dia a dia crescia o aborrecimento que dela a afastava, chegando por vezes a irritá-la essa anomalia do seu espírito. Quase amedrontada, inquiria a si mesma:

— O que será exigente em mim? O ideal ou o sensualismo? Por que me aborreço de Cícero, se é um homem atraente, sedutor, com todos os requisitos que me agradam? Será alguma nevrose? Quem sabe? Padeço talvez de sensualidade vária e creio que é um mal muito comum! — acrescentava com triste sorriso.

E voltava para junto de Cícero, procurava prender-se a ele, com o pressentimento de que não encontraria mais nenhum que a valesse, mas tudo era inútil: quando uma mulher, nos braços do amante, pensa em um outro homem, esse amante já não está só condenado, porém completamente morto.

Assim o compreendeu ela afinal e escreveu a Cicero uma carta tocante, em que amaldiçoava a própria sorte e confessava não merecer o afeto de um homem como ele.

Alucinado, envidou o abandonado todos os meios de reconquistá-la, mas nada pôde obter dessa mulher que se enclausurava em casa, recusando recebê-lo e não respondendo aos apelos do seu despeito.

Sofreu como nunca pensou padecer, tal era a acuidade das suas dores. Estava sob o império de uma dessas paixões poderosas do outono da vida, dessa quadra melancólica em que se lamenta o perdido passado e já se descrê no futuro.

Paixão intensa e profunda, em que o coração do homem amadurecido sente de novo a seiva e os arroubos da juventude, arrecadando-se da aproximação do frio da velhice. É o beijo do último raio de um sol de estio, antes de entrar na sombra, deixando na face a sensação de tépida carícia.

Muito padeceu Cícero, mas julga-se-ia plenamente vingado, se pudesse adivinhar as decepções que assoberbavam a Celeste pela malfadada escolha que fizera, distinguindo ao pulha que tinha por amante. Convencida afinal de que esse vilão não a merecia, correu-o da sua intimidade e da sua fantasia, tendo de suportar as represálias do seu despeito.

Disfarçando a letra, escreveu o miserável à moça, cobrindo-a de impropérios, dirigindo-lhe

os maiores insultos, em uma linguagem torpe que lhe retratava a covarde vilania. Pálida, fremente, com o seio ofegante e as mãos frias, leu ela a carta até ao fim, rasgando-a em seguida, como se quisesse despedaçar o infame que a escrevera.

— Ah! Se eu pudesse prever semelhante coisa! Se pudesse adivinhar a visagem repulsiva e hipócrita que se abrigava sob a máscara de amante apaixonado!... Miserável!... — exclamou passeando agitada, com o olhar cintilante de ódio. — Como é certo o prolóquio de que o castigo do vício é o próprio vício! Como eu o compreendo neste momento e como maldigo a minha insânia erótica! Diabo, como é que eu, aos 23 anos, pude vencer-me e sufocar os brados da carne a ponto de nem senti-la, amando apaixonadamente a Mário, para cair mais tarde, subjugada pelos sentidos, vencida, reduzida a monstro libidinoso! Miseráveis! No entanto, são os homens que me fazem aborrecer a sensualidade, pois eu não me arrependo de haver pecado, mas de o ter feito com alguns deles! E, embora queira parar e não continuar, tolhida pelo tédio e pelas revoltas do meu espírito, hei de prosseguir sempre como um novo Ashaverus,[74] arrastando a eterna grilheta do sensualismo!...

X

Completou Celeste 29 anos, em meio de um tédio crescente que a levava a achar a sua vida já mui longa; é que em curto período tinham-na ferido profundos desgostos e cruéis dissabores.

A fim de furtar-se aos seus tristes pensamentos, tratou de atordoar-se, renovando emoções, mudando de amantes como se muda de roupa. Corria em busca de uma alegria ou de uma dor que lhe transformasse a alma, dando-lhe vontade de viver e de amar a existência.

Bela, sedutora como sempre, cativava aos que se lhe aproximavam, atraídos pelo fulgor de sua formosura, mas nenhum conseguia prendê-la. Sem dó, com sorriso satânico, ela os despedia, como as crianças arremessam para longe o brinquedo que não mais as entretêm.

E esses homens, ainda não saciados, ao sentirem-se feridos no seu orgulho pelo desdém com que a moça os abandonava, vingavam-se conforme as suas respectivas índoles, porém, sempre com vilania, sem usarem ao menos da fraqueza com que ela os enxotava.

Procedia com os homens como eles o fazem em geral com as mulheres, considerando-os meros passatempos ou instrumentos de prazer. Mais delicada, porém, na suas exigências, não se contentava só com o gozo que eles lhe proporcionavam, queria ainda a idolatria dos seus corações, as lágrimas dos seus desesperos e as imprecações dos seus ressentimentos.

E tudo isso ainda era bem pouco em troca de opulência que desfrutavam.

Na ausência de Celeste, com a compostura de mãe dolorosa, queixava-se Cândida às suas conhecidas do mau proceder da filha. Julgava talvez apagar o seu deplorável passado, fazendo-se severa e desacreditando aquela a quem deveria acobertar e defender caso tivesse fibras maternas.

Com verdadeira insânia desvendava à curiosidade alheia as fraquezas de Celeste, citava os nomes dos amantes que lhe conhecia, e até de alguns com que a mimoseava e de cujo contato estava ela virgem. Derramavam então os seus olhos hipócritas as lágrimas que o fel do seu negro coração destilava.

Essa mulher perversa, não podendo mais brilhar pela beleza, queria ainda uma satisfação para a sua vaidade na consideração social. É sempre o último anelo das que deram a carne ao diabo e acabam oferecendo os ossos a Deus.

As grandes amigas a quem ela relatava os desvarios de Celeste e que faziam coro às suas lamúrias, também tinham na consciência algumas fases escabrosas, já catalogadas nos fastos da história antiga. Com facilidade, porém, esqueciam as próprias faltas, para recordar somente as de Cândida, sorrindo com ironia pela sua tardia intolerância e rigidez de princípios.

Era então amante de Celeste um rapaz há pouco formado em medicina, por consequência sem clínica e que vivia de expedientes. Muito orgulhoso pela sua conquista, gostava ele de mostrar-se em público, acompanhando a radiosa criatura, rejubilando-se com os olhares curiosos e quiçá invejosos que o seguiam.

Um dia, estavam no Castelões[75] a tomar *ponche,* quando entrou Cândida, que estacou ao vê-los e saiu, sem poder disfarçar o descontentamento. Contrariada, prevendo uma cena, só à tarde voltou Celeste para casa, com um aperto no coração.

A mãe a esperava à janela, com o olhar incendido, as faces apopléticas, impando de raiva. Abriu-lhe a porta da sala e, fitando-a bem de frente, bradou:

— Cínica! A que ponto chegaste! Já nem posso entrar em uma confeitaria que não te encontre com algum peralvilho!

— Mas foi hoje a primeira vez…

— Muito embora! Pensas então que ignora o teu proceder? Olha, escolhe: ou mudas de conduta, ou sais desta casa! Não te servirei mais de capa!

— E eu lhe mostrarei que de tal não careço! — replicou Celeste, fremente de indignação.

— Atrevida! Em vez de se humilhar, ainda recalcitra!

— É que eu não sou hipócrita e não tento ocultar, nem mesmo desculpar os meus atos! Fique sabendo que nenhum juiz será jamais tão severo para comigo como eu mesma o sou! Já uma vez tratou a senhora deste triste assunto e eu lhe dei as únicas razões que posso alegar, confessando haver lutado, sendo porém, vencida pelo meu temperamento. Demais, estou separada de meu marido e não tenho filhos em quem possam recair as minhas faltas: só a mim prejudicam! E, quer que lhe diga, talvez me tivessem salvo da voragem os frágeis braços de uma criança!

— Qual criança, nem pera criança, havias de ser sempre a mesma!

— É bem possível também, porquanto assim procedem muitas mães, às barbas das próprias filhas! — redarguiu Celeste com ironia.

— O que queres dizer com isso? — inquiriu Cândida, rubra de raiva.

— O que estou a dizer, pois falo a uma senhora que assim procedeu. Pensa talvez que esqueci o famoso Gabriel Dias, o amante doador de ricas dádivas?

— Insolente! — vociferou a mãe.

— O que me admira é a sua coragem e a isenção de ânimo com que me acusa de praticar o mesmo que vi a senhora fazer, mas com a agravante de viver ainda em companhia do seu marido e sobretudo de me dar tão pernicioso exemplo! — disse a moça com o olhar cheio desse ódio feroz que aniquila em um momento todo respeito humano, convertendo uma grande afeição em eterno rancor.

— Sai! Sai já desta casa! — bradou Cândida, medonha de cólera, avançando para a filha que não recuou, esperando-a com os braços cruzados, lívida de desespero, tendo os olhos febris e maus.

— Pode bater-me, que eu não reagirei, apesar de sentir em mim a força de a matar, mas nada farei, creia, porque fui gerada nas suas entranhas!... O que seria uma ofensa física, comparada a sua inconcebível desumanidade? Bem pouco!... Enxota como a um cão tinhoso a filha única que o seu mau exemplo contaminou, porque essa filha não exalta o seu orgulho e não encobre com a sua virtude o maculado passado

materno! Despe-me e expõe-me nua e miserável em uma praça pública, ao riso abjeto da turba dos leprosos que também não sabem guiar os filhos e que se regozijarão com a minha desdita! Pois bem, abandonada, aviltada, na miséria dos filhos repudiados, eu ainda valho mais do que uma mãe degenerada e terei a força de amaldiçoá-la para sempre! — bradou ela alucinada com as lágrimas e saltar-lhe férvidas e precípites como se o coração inteiro se lhe desfizesse na amarga torrente que lhe escaldava o rosto.

— Sairei! — acrescentou, limpando os olhos — Mas nunca mais voltarei, em circunstância alguma!

— Tanto melhor! — acentuou a mãe-fera, satisfeita ante a dor cruciante que decompunha o formoso semblante de Celeste.

Foi esta aos seus aposentos e fez um embrulho de alguns objetos indispensáveis. Ao retirar-se, com as pernas trêmulas, passou por junto dessa mulher que a tivera em seu seio e que não sentia nenhuma fibra interceder em favor da filha.

— Depois mandarei buscar o que me pertence — disse a moça, já da porta.

Trôpega, aparvalhada, com pungente sensação de abandono, vagou pelas ruas, sem destino, surda e alheia aos galanteios que lhe dirigiam alguns malcriados. O seu instinto, mais

do que a sua razão levou-a ao cômodo da *Bá* que a julgou doente, vendo-a tão pálida e triste.

— Que milagre vires a esta hora minha rica filha! Sofres? — inquiriu, abraçando-a com afetuoso interesse.

Chamou-a à realidade o calor daquele carinho, distendendo-se-lhe os nervos ao som dessa voz amiga que lhe evocava a cara infância, a fase dourada, em que só tivera mimos e que acabavam de empanar para sempre. A soluçar, abraçou-se à preta que a mimava, alisando-lhe os cabelos, aflita por conhecer a causa de tamanho desespero.

— Ah! Minha *Bá*, se tu soubesses!

— Mas o quê, minha filha? Fala…

— Minha mãe… essa criatura que me teve nas entranhas… acabas de expulsar-me…

— Como!... Pois a Sinhá fez isso! — exclamou a *Bá*, horrorizada, erguendo as mãos juntas acima da cabeça. — Mas pelo quê, filha?

— Não queria que eu tivesse certas… amizades… Queria-me santa e pura, tendo-me dado os belos exemplos que tu sabes!

— Oh! Meu Deus! Abandonar-te, depois de te criar com tantos cuidados! Cruzes! Até parece coisa feita!

— Qual *coisa* feita! É que o diabo, depois de velho, fez-se ermitão! Como para nada presta, doe-lhe ver que as outras se divertem! Bela di-

versão, na verdade! Pois olha, eu dar-lhe-ia de boa vontade as alegrias que ela me inveja!

— Mas talvez se arrependa e te chama de novo — ponderou a preta.

— Nem ela me chamará, nem eu iria mais viver a seu lado: está morta para mim e da mais deplorável das mortes, dessa que não deixa nem pena, nem saudade! Ah! Deus soube o que fez, quando levou o papai; se fosse vivo, seria conivente nesta iniquidade, com medo da mulher e eu não poderia chorá-lo com tamanho carinho, nem ajoelhar-me junto do seu túmulo!

— Lá isso é verdade! Meu senhor tinha tanto medo da Sinhá!... Mas para onde vais, minha filha?

— Para um hotel, até achar casa que me sirva e tu irás morar comigo, ouviste?

— Pois sim, minha filha; eu sempre desejei acabar junto de ti.

— Amanhã mesmo escreverei a Artur, pedindo-lhe que não me retire a mesada, pois aquela criatura é bem capaz de ainda o irritar mais contra mim. O que eu, sobretudo desejo, é nunca depender dos miseráveis que me desfrutarem. É um orgulho tolo, talvez, mas entranhado: custar-me-ia tanto quanto uma humilhação, dever algum favor a entes que se têm mostrado em geral tão vis e desprezíveis!

Evocando a lembrança de cenas passadas, em que se patenteara a perversidade de Cândida,

passaram algumas duas horas, até que a moça saiu em demanda de um cômodo, aonde pudesse entregar-se aos seus amargos pensamentos. Sentindo-se fraca, pediu que lhe servissem qualquer coisa no próprio quarto, tomando apenas a sopa e o café.

Despiu-se, porque tinha o corpo moído por tantas emoções e deitou-se no escuro, a fim de descansar, com os olhos abertos, queimados pelo pranto, ouvindo os rumores do hotel, ciente de que não dormiria nesse leito estranho que a enojava. No dia seguinte, providenciaria;[76] e, no entanto, desejava que nunca mais despontasse a aurora e que a morte a surpreendesse ali, naquelas trevas, livrando-a do cansaço de viver.

Acudiu-lhe então a lembrança da *Bá*, enternecendo-a, mostrando-lhe quanto era necessária à infeliz que a mais ninguém tinha por si. Resignou-se à existência que suportaria de ora avante, na medonha predisposição do seu espírito abatido por um infortúnio em que jamais cogitara.

Sua mãe, essa entidade tão única e tão sagrada, a quem amara a ponto de relevar-lhe as fraquezas e de esquecer a crueldade com que a perseguira durante o seu malfadado noivado, sua mãe a repudiara com uma insânia unicamente explicável como monstruoso caso psicológico.

— Ou antes patológico! — acrescentou ela, elucidada pelo luminoso cérebro. — O que eu

lamento é que coubesse a minha mãe a missão de mostrar-me tão triste espécime da miséria humana!

Sem conciliar o sono, ora irritada, ora sucumbida, contou Celeste todas as horas dessa noite nefanda, chorando todas as lágrimas do seu corpo. Parecia-lhe que nunca havia padecido tanto e que nenhum desgosto mais poderia dali em diante torturá-la daquele modo.

XI

Daí a dias, achava-se Celeste instalada com a *Bá* em uma bonita casinha à rua do Resende, libertando-a um pouco dos seus tristes pensamentos as arrumações a que se entregava com o seu gênio ordeiro. Pouco depois respondeu-lhe o marido de modo lacônico, prometendo continuar-lhe a mesada.

Ainda naquela determinação e na sobriedade com que a ela se dirigiu Artur, viu a moça a benéfica influência de Rodrigo. Quanto custaria ao cunhado convencer o rancoroso marido que não devia deixar exposta à tristes contingências a mulher que usava o seu nome!

Depois que viu tudo em seus lugares, entregou-se inteiramente à obsessão da iniquidade materna, queixando-se ao amante,

à *Bá*, relatando fatos em que havia outrora demonstrado a essa mãe-madrasta a maior dedicação e ternura. Lamentava ter malbaratado tão grande afeto, desperdiçando-o em proveito de uma desnaturada.

Compenetrado de quanto padecia Celeste, disse-lhe o amante:

— Não calculas como lastimo ser a causa dessa crueldade de tua mãe!

— Não te amofines por isso, Raul; de há muito existia essa desavença entre nós. Se não me visse contigo e sim com outro que também não fosse rico ou muito considerado, ela faria o mesmo.

— Então o que a irrita não é o fato de teres um amante, mas de o quereres pobre?

— Unicamente! Tenho motivos de sobra para supor que assim pensa, do contrário eu tal não avançaria! É que essas senhoras *virtuosas* usam de uma moral muito complicada! — acrescentou com azedume.

Indo buscar a mesada à casa de negócio do comendador Chaves, correspondente e amigo de Rodrigo, encontrou-se com a Tereza Veloso, acompanhada pela filha, uma solteirona comprida e magra. Torceram ambas o nariz e viraram o rosto, a fim de a evitar, como se a altiva Celeste fosse capaz de solicitar um cumprimento qualquer.

Fugaz e irônico sorriso perpassou pelos lábios da moça, ao recordar-se do acidentado passado dessa puritana que não queria conta-

minar-se ao seu contato: sem falar em mais nenhum dos seus desvarios, basta-lhe lembrar-se dos tristes papéis que Tereza representara outrora junto a Ciro da Silva, seu grosseiro amante.

Mas, então, era ela moça e bonita, e lançava-se alucinada na voragem das paixões, esquecida de que tinha filhos. Só agora, depois de acabada e morta para o amor, é que cuidava da maternidade e da hipocrisia de impor-se ao respeito filial, solicitando também a consideração dessa mesma sociedade que tanto havia desprezado em outro tempo.

— Desgraçada! Poderás acaso apagar a lama do teu passado? Não! Nem o próprio Deus o poderia fazer! Então, para que tamanha dissimulação? — exclamou Celeste, indignada.

Prudentemente evitou todas as relações de Cândida, não só porque lhe eram indiferentes essas pessoas, com o fim de evitar tudo quanto pudesse ligar-se à vida que a mãe acabava de despedaçar. Criou uma nova existência, isolada, é certo, porém livre de falsas amizades e de fingidos protestos.

Censurava Benta o procedimento de Cândida e no íntimo compadecia-se das mágoas de Celeste, mas nada dizia, porque prorrompiam logo as filhas em acusações contra a "perdida", louvando a iniquidade de que fora ela vítima. É que lhes fazia sombra a peregrina beleza da moça

e a detestavam pela sua superioridade, copiando-lhe, no entanto, os ademanes e o vestuário.

Tudo isso pressentia Celeste com a finura do seu espírito, sorrindo melancólica a tamanhas misérias. Que lhe importam a humanidade inteira e os seus desprezos? O que mais poderia feri-la, depois do seu inconcebível infortúnio?

Tinha dias negros, em que não falava, nem queria ver Raul e só respondia ao olhar inquieto da ama com um rápido aperto de mão. Pálida, com os esplêndidos olhos secos e duros e as mãos atrás das costas, passeava, passeava pela casa toda e assim andava léguas, sem sentir fadiga, a pensar naquela catástrofe que a aniquilava, alterando-lhe todas as noções psicológicas.

— E eu, que julgava a maternidade grande e misericordiosa como a bondade divina! — exclamava, em um assomo de desespero e de pena, prosseguindo no incessante caminhar.

Afinal, exausta, com as pernas bambas, atirava-se sobre o leito, continuando a elaboração mental a flagelá-la, estabelecendo pungente paralelo entre a lembrança de passados carinhos e a crueza desse repúdio feroz, em que uma mãe renegava o fruto das próprias entranhas!

Seria mais humana, se a tivesse abandonado logo ao nascer, como tantas outras o fazem, porém, mais refinadamente perversa, criou-a, cercou-a de amor e conforto, formou-lhe a alma e o espírito, viu-a crescer em gra-

ças, acompanhando-lhe os pesares e em lutas de mulher já feita, e no fim de 29 anos de convivência, teve então a inaudita barbaridade de a repudiar!

Monstruoso!

Quando se distendiam os seus pobres nervos e fazia-se a reação, chorava desatinada, evocando com a implacável memória todas as ternuras e todo o consolo que aquela afeição lhe proporcionara. Quanto tinha amado a essa mãe cruel e quanto lhe havia admirado a arrogante beleza.

Daí em diante, não mais a veria formosa, e sim medonha de furor, lívida, com os olhos chamejantes, verdadeira visão diabólica!

Seu caráter enérgico abatera-se, seu coração sempre aberto à caridade, à benevolência e à piedade, fechara-se em um retraimento doloroso e amargo, sufocando os bons impulsos. Alguma coisa de feroz e selvagem rugia-lhe na alma, e quando lia a notícia de algum parricídio, dizia, referindo-se ao assassino:

— Pressentisse talvez que te fariam o mesmo e por isso te adiantaste!

O que mais a torturava, no entanto, era o predomínio de um tédio mortal que a pregava dias inteiros em um divã, sem ideias, sem desejos, sem mesmo revolta, nem ressentimentos, em uma atonia profunda. Amedrontava-se a *Bá* ante

a fixidez dos seus grandes olhos, pregados horas e horas em um mesmo ponto e dizia-lhe:

— Minha filha, sai, passeia um pouco, não fiques sempre em casa a ruminar o teu desgosto!

— Mas se eu não tenho vontade de sair!

— Vai, para me fazeres a vontade, sim? — Pedia a preta com os olhos úmidos.

— Pois bem, irei, só para te agradar!... Olha, *Bá*, às vezes eu sinto a garra da loucura arranhar-me o crânio! — dizia ela tristemente, passando a mão pela cabeça.

— E então! São os teus nervos; distrai-te, doida! Deus te livre de semelhante desgraça!

— Quem sabe? Talvez sejam felizes os loucos, principalmente se perdem de todo a lembrança do passado!

— Cala-te, minha filha, não digas isso! Antes uma boa morte! Credo! O que tu precisas é de distração; passeia, vai aos teatros, não te enterres viva!

Para satisfazer a ama e ao amante, saía Celeste mais a miúdo, procurava mesmo atordoar-se, mas o pesar a acompanhava por toda a parte, preso a ela e sempre a torturá-la, como um cilício. Só com o tempo foi declinando a acuidade das suas mágoas, transformando-se em um ressentimento inextinguível.

As primeiras vezes que se encontrou com a mãe, sentiu o sangue gelar-se-lhe nas artérias e o coração parar em violenta emoção. Avivava-lhe

os pesares e a irritava aquela presença maldita, passando ela o resto do dia nervosa e de mau humor, mas, aos poucos habituou-se a vê-la sem nenhuma exacerbação, como se fosse um indiferente antipático.

Então, vingava-se do seu desamor, indo com mais frequência ajoelhar-se junto do túmulo do pai e cobri-lo de coroas e de flores em carinhosa saudade. Sentia grande consolo nas doces lágrimas que lhe dava e na lembrança que dele guardava, sempre pura de ofensa.

— Sê abençoado, meu querido pai, porque me deixas chorar sobre a tua campa! — murmurava, contrita.

De volta a casa, sentia a alma mais leve e sorria a Raul com o sedutor sorriso dos bons tempos, compensando-o assim dos seus prolongados enfados e súbitas irritações. A própria volúpia, porém, já não lhe infundia aquele contentamento físico de outrora, em que sentia a carne satisfeita, retemperada e o espírito bem disposto.

Agora, apenas lhe refrescava o sangue a sensualidade, deixando-lhe o tédio do homem, dessa entidade vil e egoísta que não mais prezava. Quão longe estava esse tempo, em que julgava que o contato de duas epidermes, a troca de sensações, a fusão dos transportes e até dos suores, ligavam um homem a uma mulher pelo corpo e pelo espírito, na vida e na morte!

Ilusão! Desde que os braços se desatam e que cessa a febre erótica, cada um retoma a sua individualidade própria, as suas respectivas tendências, o seu *eu* enfim, sem mais se preocupar com essa outra criatura com a qual ainda, há pouco, o desejo o identificara.

Sentia-se farta desses entes que a haviam amado e desfrutado, satisfazendo mais a si mesmos do que a ela; cansara-se em lisonjear a todos, afagando a mania de cada um deles. Adorara este os pés mimosos, aquele as mãos brancas, de longos dedos afilados, outro os olhos cintilantes, fulano a boca zombadora, cicrano as posições artísticas etc.

A todos contentara, metamorfoseara-se mil vezes, apresentando-se sob diversas formas, enquanto cada um deles conservava a sua máscara habitual. Gastara-se, vivendo em pouco tempo o que deveria viver em anos, fatigando a alma ao embate de violentas paixões e de reações aniquiladoras.

O que lucrara com tudo isso?

Tinha sido acaso mais amada do que a mais vulgar das mulheres? Talvez não. Desses homens que a haviam gozado, seria algum capaz de fazer por ela qualquer sacrifício? Quem sabe! E, no entanto, haviam todos concorrido para o seu descrédito!

Ora! De que vale a reputação de uma mulher que o homem quer possuir? E sobretudo,

que importa a sua desconsideração, depois de a ter gozado? É até de bom tom que o cúmplice dos desvarios, logo depois de saciado, lhe atire também uma pedra.

Como ela os detestava por fim!

Quantas vezes se julgou punida e ferida nos seus melindres de mulher delicada e repetiu entre dentes "que o castigo do vício está no próprio vício", quando algum desses amantes com pergaminho, porém sem educação, praticava qualquer inconveniência, pois chegaram até a lhe regurgitar ao nariz!

Então, as suas faces se ruborizavam de indignação, as narinas tremiam e nada diziam os lábios, embora sentissem violento prurido[77] de verberar tamanha grosseria. Calava-se, mas condenado estava o delinquente.

XII

Às vezes, irônico sorriso soabria-lhe os lábios e ela dizia:

— Que singularidade! Como é que eu, uma sensual, só guardo carinhosamente a lembrança de Mário, desse homem que nunca beijou nem a ponto de meus dedos? Só o amor platônico, só o amor da alma será grande e imorredouro? Creio que sim! No entanto, foi pelo amor físico que eu me perdi! Foi pelo ansiar de ardentes sensações que eu abdiquei da minha dignidade de mulher e do meu lirismo de romântica! Verdadeira anomalia!

E, na exuberância dos 30 anos, já se sentia farta, enfastiada do seu delirante viver, incapaz desses lamentáveis arrastamentos a que se entregara até então. Agora, prosseguia, porque lhe seria impossível retroceder. Quando mesmo o con-

seguisse e se purificasse por uma existência de abnegação e de castidade, quem acreditaria na sua regeneração? Quem lhe merecia também tão inútil e tremendo sacrifício?

Por momentos, infundia-lhe um tédio mortal esse Raul, que nada valia, nem merecia, mas conservava-o, a fim de não ter o trabalho de procurar-lhe um substituto. Para quê? Não mais experimentava nenhuma curiosidade de estudá-los, porquanto, salvo algumas originalidades e ridículos, eram todos iguais.

Não acabara com a vida, ainda sob a influência do infortúnio que acabrunhara, por saber-se necessária à *Bá*, pois, além disso nada mais a prendia ao mundo a não ser o desejo de conhecer o fim que teria Cândida e a ideia de que, vivendo, contrariava a ansiedade com que a mãe queria a sua morte. Viveria, a morrer, muito embora, mas far-lhe-ia essa pirraça.

Em meio do seu desconforto moral, havia um grande consolo para o seu orgulho de revoltada na independência material em que se mantinha e na lembrança de que nunca carecera de nenhum dos seus amantes: doer-lhe-ia em extremo viver à custa de vilões que a considerariam simples mercadoria, mais ou menos custosa.

Em vista dessa regalia, até perdoava os passados ultrajes e os arrebatamentos ferozes do marido.

Como sempre há quem dê notícias desagradáveis e mesmo existem criaturas que parecem não ter outro ofício, soube Celeste que a mãe continuava a despejar contra ela toda a sua bílis. Alucinava-a o ódio, a ponto de torná-la estúpida, pois só assim se explica o que dissera em referência à filha:

— O que essa perdida devia fazer de melhor, era entrar para um convento, escondendo assim a vergonha e o descrédito!

Esquecia-se de que então, já não havia essa permissão no Brasil, caso tivesse a moça semelhante intenção, o que não era provável. Sorrindo, irônica, disse a filha:

— Ah! Devia eu entrar para um convento aos 29 anos, em expiação da desumanidade por ela praticada e seria então duas vezes vítima, enquanto ficava o algoz cá fora a pregar moral! É boa! Mas por que não se refugia essa virtuosa matrona em algum recolhimento pio, evitando assim o triste espetáculo das humanas torpezas? Seria muito mais justo! Farcista! O que ela deseja é a minha morte e nisso ainda é mais exigente do que a sabedoria do preceito divino, o qual não quer a morte do pecador, mas que se converta unicamente!

Sempre se considerara Cândida muito religiosa porque tinha em todos os cantos da casa uma imagem de S. Francisco de Paula para cuja ordem entrara de há muito. Tudo quanto ambicionava pedia ao santo com fervoroso interesse, em genuflexões

majestosas, não faltando às festas, pois gostava de ostentar-se naquele meio fidalgo, acotovelando titulares e ricaços.

Quando agora passava Celeste pela igreja, em dia de trezena e via tudo iluminado, ouvindo as vozes dos cantores, soltava fundo suspiro. Lembrava-se do tempo em que, contrita, se ajoelhava naquele recinto, pedindo ao bom Deus da sua mocidade uma ventura sem nuvens a par do eleito do coração.

Como já ia longe essa época, perdendo-se em densa bruma, e quantas desilusões e tormentos lhe haviam apagado aos poucos o ardor da crença em uma bondade infinita!

Para dissipar o pungir dessa recordação acudia-lhe à mente a agrura do seu viver presente. Com triste sorriso, dizia:

— Lá está *ela*, prosternada, a pedir ao santo da sua devoção, a morte da ovelha desgarrada! Lembra-me a ingênua credulidade com que os salteadores da Calábria pedem à Virgem que lhes envie os viajantes, a quem devem massacrar! Se não causasse horror, até provocaria o riso tamanha inconsciência na perversidade!

Mais um pesar ia em breve ferir a moça na sua última afeição. Definhava a *Bá* a olhos vistos, apresentando os mesmos sintomas de depauperamento que se haviam manifestado em Venâncio. Sucumbia, enfraquecida pela idade, pelas fadigas do seu duro cativeiro, pois já

muito tarde desfrutara os lazeres, que Celeste lhe proporcionara com a liberdade.

Morria feliz, no gozo desse bem-estar que sempre fora o seu ideal de animal de carga, quando labutava dia e noite, durante alguns anos, em proveito de seus tiranos. Ia em demanda do túmulo, como ganha o leito em que deve repousar tranquilo, com a consciência de um dever cumprido, o viajante fatigado de longa e penosa travessia.

Morria sentindo o tépido conchego da filial ternura dessa criança, hoje mulher, de quem aturara outrora as rabugices e velara o sono com o humilde carinho de um cão fiel. Como abençoava a gratidão desse novo Cireneu,[78] que tantas vezes lhe ajudara a carregar o peso da sua cruz, fazendo por ela o serviço que a crueldade de Cândida impunha à escrava adoentada!

— Deus te abençoe e minore os teus desgostos, minha filha, em atenção ao que por mim tens feito! dizia-lhe, apertando entre as suas a mão da moça e levando-a ao coração.

Enternecida e penalizada, dava-lhe Celeste colheradas de geleia, vinho do Porto, tudo quanto empresta um pouco de forças aos moribundos, a ver se a conservava por mais alguns dias a seu lado, custando-lhe imenso deixá-la partir para sempre. Como a casa lhe pareceria vazia, depois que a levassem, e que falta sentiria daquele olhar idolatra que lhe acompanhava todos os gestos!

A aproximação da morte aumentava as apreensões de *Bá*, oriundas do seu devotamente verdadeiramente materno para com Celeste. Às vezes, olhava-a com tão pungente expressão que a moça se inquietava e inquiria, solícita:

— O que tens, minha *Bá*? Pesa-te alguma coisa, ou tens algum desejo? Fala!

— Dói-me deixar-te só, com as tuas mágoas e sem apoio de nenhuma afeição! O que será de ti, pobre filha! — exclamava com as lágrimas a correr em fio.

— O que Deus quiser! Mas tu não estás assim mal… apenas fraca — acrescentava com piedoso embuste.

— Não tentes iludir-me; eu bem sinto que não tenho mais azeite para a lamparina e a morte não me assusta. Deus me fez a vontade de acabar a teu lado e eu o bendigo, mas o que me dói é deixar-te tão desgraçada, sem fé e sem esperança, nem no céu, nem na terra! — ponderou tristemente.

— Eu creio que tu me amas até a adoração e isto me bastará! — exclamou Celeste, abraçando-a e cobrindo-a de lágrimas.

Passava a preta os dias a recordar-se da meninice da moça, repetindo com minúcias fatos e cenas, em que ambas haviam figurado e frisando com chiste alguns episódios grotescos, presenciados outrora. Tão viva estava ainda a reminiscência daqueles tempos e, no entanto, quantos anos já se tinham passado com lúgubre

cortejo de dores e desalento, apesar de lhes parecer que tudo aquilo sucedera na véspera!

Uma manhã, alegre entrava o sol pelas janelas da sala de jantar, cantavam os canários nas gaiolas douradas e brilhavam as flores nas jarras, perfumando o ambiente. Junto da mesa, Celeste, pálida e solícita, fazia o mingau da Bá. Estava esta recostada na cadeira de balanço, muito fula e magra, a sorrir docemente, mostrando os dentes descarnados.

Depois de arrefecido o mingau, começou a moça a dá-lo à ama com a sua própria mão, fazendo o que ela tantas vezes lhe fizera outrora. Descobrira o seu engenhoso afeto que assim o obrigava a comer até o fim, e contando-lhe histórias, a entretinha como se fosse uma criança.

Depois de ingerir algumas colheres, sentiu a preta ligeira ânsia de vomitar e pediu vinho. Ao voltar com o cálice, encontrou-a Celeste na mesma posição, mas com o olhar fixo e o seu doce sorriso imobilizado pela morte.

— Oh! Minha Bá, morreste! — exclamou ela angustiada, mandando chamar o médico assistente e correndo a buscar vinagre, com que lhe esfregou as fontes e os pulsos.

Inútil! Estava morta a sua última amiga e o seu último afeto! O mais humilde de todos fora também o mais puro, o mais acrisolado e o mais fiel!

Piedosamente beijou-lhe Celeste a fronte e cerrou-lhe as pálpebras, dizendo:

— Repousa em paz, minha pobre *Bá*!

Depois caiu de joelhos, com a cabeça nesse regaço, em que tantas vezes se aninhara para ouvir histórias e para dormir; chorou, em uma explosão de dor e de saudade, com os soluços a despedaçar-lhe o peito.

Vestiu a ama, velou-a toda a noite, acompanhada pelo amante que não a quis deixar só ante tão triste espetáculo. De vez em quando acercava-se a moça do caixão e contemplava aquele rosto tão bom e simpático que sempre lhe aparecera com a mesma expressão carinhosa.

Em rigoroso luto, acompanhou-lhe o enterro, levando-a a sua última morada, que pouco distava da de Venâncio. Enquanto enterravam a ama, sentiu Celeste, de envolta com a imorredoura saudade, uma espécie de satisfação em haver cumprido até o fim aquela filial missão que a si mesma impusera.

Quantas vezes receara morrer primeiro do que ela e deixá-la ao desamparo. Agora, porém, podia morrer tranquila e até acabar com a vida, abreviando o expediente, se a isso a levassem o tédio e o desencanto que surdamente a impeliam ao suicídio.

Colocou as grinaldas que levava sobre a sepultura da Bá, ajoelhou-se junto do túmulo do pai, espalhando flores e saiu consternada pela ideia de que não tinha mais ninguém que a amasse com veras.

XIII

No isolamento em que se comprazia depois da morte da *Bá* releu Celeste todos os livros que tinha e comprou ainda diversos para entreter-se; abstraía-se assim das suas tristes recordações, interessando-se pelos padecimentos dos heróis dos romances que lia. Tinha dias de uma inércia voluptuosa, em que presa à leitura, nem se ataviava, conservando o roupão da manhã e o cabelo em uma trança farta e longa que chegava às curvas.

Era um bem-estar todo físico, muito semelhante ao quebramento em que se engolfava de ordinário, depois de uma noite de ardentes transportes, com os membros lassos, em um delicioso torpor. Às vezes, para não interromper aquele *far niente*[79], mandava a criada fechar a

porta e livrava-se da presença de Raul que a chamaria à realidade, avivando-lhe ainda mais o desejo de se achar a sós.

O entretenimento, porém, que mais a deleitava era a música; levava ao piano horas a fio tocando tudo quanto escreveram os mestres, com a alma amolentada, em verdadeiro êxtase. Em outras ocasiões, cantava com a sua bela voz, vibrando entusiasmo e dor, combalida, enquanto cantava, pela evocação dos pensamentos doces ou amargos que a haviam outrora afagado ou pungido ao som dessas mesmas melodias, pois nada aviva tanto uma lembrança como a música.

Havia seis meses que a *Bá* morrera, quando, um dia, leu ela em uma folha diária o telegrama de Pernambuco que noticiava a morte do Dr. Artur Medeiros; causou-lhe viva impressão o inesperado sucesso. Morria ainda bem moço, aos 39 anos, esse homem a quem se unira na aurora da vida, entre esperanças e crenças que aos poucos se haviam convertido em tormentos e rancores recíprocos, que trouxeram afinal a fatal separação.

Quanto amara a esse marido que não soubera cultivar o imenso afeto que lhe ia na alma e que tanta paciência lhe incutira para suportar durante algum tempo as injustiças e grosserias inspiradas por louco ciúme! Coitado! Muito devera também ter padecido, vendo-se privado dela, quando ainda a amava com tamanho ardor!

Que pena lhe infundia esse infeliz, que se finara sem o supremo consolo de vê-la solícita a sua cabeceira dispensar-lhe cuidados, e que nessa hora extrema assim mais pungente sentira a saudade e o agror da sua desdita!

Uma grande tristeza encheu-lhe a alma, fazendo a lastimar conjuntamente os seus próprios infortúnios e a desventura que Artur encontrara nesse casamento tão desejado. Antes ele nunca a tivesse conhecido; quem sabe? Talvez então se unisse a uma outra que melhor o compreendesse e amasse!

Depois de muito lamentar a sua morte, foi que se lembrou a moça das dificuldades materiais que teria de suportar dali em diante, angustiando-a a apreensão de carecer do apoio de alguém. Como desejaria ter sucumbido primeiro que o marido, pois desse modo evitaria o que ia suceder!

Com a energia que a caracterizava, reagiu de pronto contra o desânimo que a invadia e tornou o seu partido. Antes de qualquer deliberação, escreveu a Rodrigo uma carta de pêsames; depois veria. Tinha coragem e instrução, poderia lecionar vários idiomas ou música, não na Corte onde eram conhecidos os seus desvarios, porém em qualquer província.

E, se nada conseguisse, ainda lhe restava o suicídio, esse grande recurso dos vencidos da vida. Ela sempre acariciava o supremo consolo

de acabar, quando bem aprouvesse; apenas lhe adiava a execução, não querendo dar esse gosto à mãe, a sua maior inimiga.

Quando, nesse dia, veio vê-la Raul, já ciente do telegrama que também lera e que o tornara apreensivo e contrariado, encontrou a moça melancólica, porém calma, o que o surpreendeu. Lendo-lhe no pensamento, disse ela:

— Viste a notícia da morte do seu marido?

— Vi e aborreceu-me bastante!

— Pelo quê? Julgavas encontrar-me consternada e em crises nervosas? Bem sabes quanto sou sincera, portanto não fingira exageros de uma dor que não posso sentir, senão de certa maneira. Lastimo do fundo da alma que ele tivesse morrido tão moço ainda, mas não me arrepelarei toda pela perda de um marido de quem me separei, cansada de sofrer.

— Mas far-te-á bastante falta, pelo lado pecuniário!

— Se é isso que tanto te amofina, podes sossegar. Eu nunca tencionei viver à tua custa, como nunca vivi à custa de nenhum outro amante, disse ela com esmagador desprezo.

— Não era isso que eu queria dizer! — gaguejou ele.

— Mas era o que pensava!

— Também não! Nada te faltaria! — protestou com veemência, depois de saber que ela não se utilizaria dos seus recursos.

— Agradecida, porém de nada carecerei! — acentuou com indefinível sorriso.

Em caminho cruzou a sua carta de pêsames com a do cunhado, em que lhe participava o infausto passamento do irmão. Sucumbira Artur em poucos dias a uma febre álgida, recomendando a mulher à fraterna solicitude, entregou a Rodrigo o fruto de suas economias, para com elas continuar a mantê-la sem nunca desampará-la.

Lágrimas de dó e gratidão caíram dos olhos de Celeste, pois ela conhecia muito bem esses dois homens e compreendia que Rodrigo mentia piedosamente, a fim de ocultar a sua generosidade e o ressentimento do irmão, que aliás apenas dispunha do fruto da sua clínica.

Com a espontaneidade que lhe era peculiar, escreveu ao cunhado, mostrando-lhe que adivinhar a sua delicada oferta e que a aceitava, não só porque sempre o considerara como irmão afetuoso, como também por muito custar-lhe a humilhação de viver à custa de alguém menos nobre.

Respondeu-lhe o cunhado, continuando a negar a sua intervenção nas últimas disposições de Artur em referência a ela, louvando o escrúpulo que Celeste manifestara de viver à expensas alheias e terminava, pedindo-lhe com instâncias que a ele se dirigisse em qualquer ocorrência, visto considerá-la também uma irmã.

Quando soube Cândida da morte do genro, regozijou-se pela dependência, em que ficaria a filha, essa orgulhosa que só queria dar, sem nada ter em troca, uma imprevidente que, de queda em queda; fatigada, velha e enferma, acabaria mais dia menos dia em algum hospital, como qualquer hetaira, sem o conchego de um lar, nem os encômios que a praxe dispensa às senhoras honestas.

Não teria como ela a consideração dos amigos e o consolo de esmagar do alto do seu desprezo as perdidas que ostentam luxo, amantes e escândalos. No entanto, também traficara com os seus encantos e fizera-os pagar bem caro, mas soubera mais tarde escudar-se com refinada hipocrisia dos desmandos da mocidade.

Essa perícia nunca teria a filha, apesar de ser muito mais inteligente, porque era franca, altiva e a primeira a reconhecer os próprios erros, o que antes a prejudicava do que enobrece. E, por ser melhor, acabaria por aí miseravelmente, sem uma consolação, sem um lenitivo, tendo padecido imenso, sendo merecedora de compaixão senão de desculpa.

Coisa da vida! Aberrações do entendimento humano!

Julgando ainda mais ferir a desventurada, cuja maior desgraça era tê-la por mãe, vendeu Cândida a casa de sua propriedade e todas as suas joias, afagando um plano de inaudita crueldade

que a morte se encarregaria em breve de levar a efeito. De combinação com Lauro, o seu afilhado, filho de Benta, por quem se tornara de grande afeto e que honrava tão digna madrinha, sendo um patife da pior espécie, cometeu ela a última iniquidade materna e também a única que não mais molestaria a filha.

Pôs grande parte do dinheiro que apurou em letras do Banco do Brasil sob o nome de Lauro, encarregando-se este de fornecer-lhe recibos de despesas imaginárias que tornassem plausível todo o dispêndio dessa quantia recebida, até a data do falecimento de Cândida. Sem o vislumbre de um remorso, contente com a peça que pregaria de além-túmulo, concebeu essa mãe semelhante ideia e pô-la em execução.

Como se a sorte só por isso esperasse, seis meses depois da morte do genro, foi Cândida acometida da febre amarela que vitima a população da Corte, voltando periodicamente todos os anos com sinistra persistência. Ao sentir-se mal, teve ela pena de morrer antes da filha, consolando-se, porém pelo logro que lhe pregaria, quanto à herança. Depois arreceou-se das labaredas do inferno e da eterna punição, remordida talvez pela consciência, nessa hora suprema, em que são inúteis todos os subterfúgios humanos.

Temia o inferno essa desumana, quanto era esse o seu natural elemento, e não trepidara em nele lançar a filha ainda em vida, só pelo crime

de ser mais bela e de fazer o que ela lamentava não poder mais praticar, apesar de desonesto e repreensível. Louca de terror, segurava as mãos do afilhado, com os olhos esbugalhados, a bater os dentes, toda trêmula, lavada em frio suor.

— Lauro, tenho medo de morrer! Eu quero viver!

— O que é isso, madrinha? A senhora há de sarar, afiançou-me o médico.

— Não me iludes? — inquiria, aflita.

— Juro-lhe! — protestava o velhaco que já a sabia condenada.

— Mas, se, por qualquer eventualidade, falhar o prognóstico médico, tu já sabes onde estão as letras: aqui, debaixo do travesseiro — explicava com o olhar incendido pela febre e pelo rancor.

Para experimentá-la, disse-lhe Lauro:

— Não quer que mande chamar sua filha?

— Nunca! Queres que ela se regozije com este espetáculo? Bem basta o prazer que lhe dará minha morte! Não quero vê-la! Julgaria talvez que me arrependo do castigo que lhe infligi, quando eu só lamento não o ter feito há mais tempo! — bradou exaltada pela raiva e já esquecida do medo de morrer.

Assim que a viu no período comatoso, apoderou-se Lauro das letras, deixando nas gavetas a pequena quantia que a madrinha lhe ordenara abandonar, a fim de atestar os poucos recursos de que dispunha. Logo que Cândida

expirou, deixou-a aos cuidados de Benta, que ignorava a indigna cumplicidade do filho e foi ele próprio, com a fisionomia adrede preparada, participar a Celeste o que acabava de suceder.

Friamente veio-lhe a moça ao encontro, depois de ler-lhe o nome no cartão.

— Prevejo que se trata de alguma coisa grave, visto vir-me procurar — disse ela cortejando-o.

— Na verdade, cumpro bem triste e penoso dever… Não calcula o que possa ser?

— Não!

— Sua mãe… minha madrinha…

— Acabe!

— Faleceu ainda há pouco… e eu julguei que devia preveni-la concordando minha mãe com esse alvitre.

Muito pálida, abalada por violenta emoção que a sufocava e apertava o coração como em um torno, passou ela a mão pela fronte coberta de frio suor, bradando:

— E o que querem agora?... Talvez as minhas lágrimas e os espetáculo da minha presença!... Não o terão, Lauro!... Falou em minha mãe… Mas se eu nunca tive mãe!... Acaso no seu entender, apenas consiste a maternidade na faculdade procriar!... Talvez, eu, pelo menos, tive disso bem triste prova!

— Acalme-se! — pediu o rapaz.

— Estou calma, e até me arrependo de haver revolvido essas cinzas!... Para quê? Acham que eu devo lá ir, mas ninguém a induziu a ver-me!

— Induzi-a eu, porém ela não o quis.

— E então? Por que tanto exigir a vítima!... Diga aos que o enviaram, que aqui apenas encontrou uma mulher orfã de pai e mãe e de há muito habituada a essa perda! — redarguiu Celeste, já de pé e lívida!

— E o que delibera quanto ao espólio? — inquiriu Lauro, enfiado e como que amedrontado ante aquela pálida cabeça que se destacava das roupas negras da viúva.

— Depois providenciarei.

Retirou-se o moço, cumprimentando-a gravemente. E deixou-se ela cair no divã, sucumbida, derramando uma torrente de ardentes lágrimas e chorando convulsa. Sentia subir-lhe das entranhas ao coração uma angústia que a sufocava e intumescia o peito, levando-lhe à boca um travo de amargura que lhe adstringia a mucosa.

— Oh! Bárbara! Por que me sonegaste o triste consolo de chorar a tua morte e de me ajoelhar contrita junto do teu ataúde? Que culpa tive eu, de ser gerada em tuas entranhas? Este pranto que me escalda não é de dor, mas de fel! Choro, por não poder chorar-te como quisera!

Largas horas conservou-se Celeste na mesma posição, revivendo intimamente todas as ce-

nas penosas, em que se patenteara a crueldade de Cândida. Quando em meio desse doloroso retrospecto, acudia-lhe também a lembrança dos carinhos que ela lhe prodigalizara em melhores tempos, saía-lhe da garganta medonha soluço e limpava com impaciência as lágrimas que então lhe banhavam o rosto.

Amolentada pelo pranto, veio-lhe muito naturalmente à memória a imagem da *Bá*, dessa pobre criatura que lhe fora mãe no cego devotamento e na exclusiva adoração. Perpassou pelo seu macerado semblante a sombra de um sorriso, ao lembrar-se de que cumprira para com ela todos os deveres filiais, continuando-os ainda depois da morte no doce carinho com que ornava de flores o seu jazigo.

— Sim, minha boa Bá, tu foste mãe, porque possuías verdadeiras fibras maternas! Dorme em paz! Talvez muito breve, vá ao teu encontro.

XIV

Ao comendador Chaves encarregou Celeste de tratar do espólio de Cândida, com ordem de vender todos os móveis e de dar aos pobres a roupa da morta. Nada queria dessa criatura que tanto mal lhe fizera e cuja lembrança desejava também poder apagar para sempre. Só reclamou os retratos e os livros de Venâncio.

Depois de minucioso exame e de prévias averiguações, concluiu o comendador que a Cândida não despendera tão grandes somas em prazo tão diminuto e sobre isso falou à moça, que alçou os ombros e apenas disse:

— Creio que esse extravio foi premeditado, com o fim de lesar-me e julgo até adivinhar quem foi o beneficiado, mas nada farei para deslindar a última vilania com que pretenderam molestar-

-me! Que lhes faça muito bom proveito! O senhor procederá à conclusão de tudo disso o mais brevemente possível, peço-lhe!

Sem o consolo de um afeto, face a face com as suas desventuras, cansada e enfastiada de tudo, sentiu-se Celeste por vezes sucumbida, nessa fase que se constituiu a mais penosa da sua malfadada existência. Teria realmente forças para prosseguir, prolongando um viver vazio no presente e sem nenhum objetivo no futuro que a galvanizasse até conseguir a realização de um desejo qualquer?

Havia momentos em que ansiava por alguma coisa de imprevisto que a revolucionasse, que lhe desse vontade de viver, fazendo-lhe amar a existência como os demais seres. Talvez que uma viagem longa e sem destino certo, a vista de desconhecidos horizontes e de novas caras atuassem de modo benéfico sobre o seu espírito, mudando-lhe o curso das ideias e até dos sentimentos pela influência de um outro meio.

Iria para bem longe, como um enfermo em demanda de saúde, desprendida de tudo, levando no seio a saudade daqueles a quem amara e que já dormiam o eterno sono. Iria ao fim do mundo, em busca de uma pouca de alegria que lhe iluminasse os últimos dias, de alguma coisa de consolativo que cicatrizasse as chagas íntimas e a confortasse com intenso contentamento!

Como seria bom querer viver e viver satisfeita, ao influxo de um belo céu e na plena posse de uma afeição sincera e grande que a embalasse carinhosamente! Que doce seria então a vida e como tudo se transformaria ante seus olhos fatigados de chorar.

A sua alma revoltada e retraída carecia de dilatar-se em expansões suaves e ternas que a abrandassem.

Há tanto tempo que os seus pobres olhos só vertiam o pranto amargo dos pesares e dos rancores! Umas lágrimas de réprobo,[80] que saltavam a escaldar, como as lavas de uma cratera maldita e não corriam brandas e suaves aliviando o coração, como as puras lágrimas do enternecimento!

Ela não ambicionava uma longa existência, não; porém alguns dias apenas de sol e de riso, do seu riso gorjeado e feliz, tão poucas vezes desprendido dos seus lábios. Depois que viesse a morte, essa boa amiga que acolhe em seus braços, com o mesmo carinho e mesmo olvido, tanto o rico como o pobre, os ditosos e os párias, todos os que ama, gozam e padecem.

— Até sonho acordada! — murmurava com pungente sorriso.

Em um dos seus momentos nefastos, contaram-lhe com perversa intenção que Raul gabava-se de a ter por fim dominado, prendendo-a para sempre a sua pessoa, vanglória de que muito

se ufanava, visto importar em verdadeiro triunfo. Nenhuma explosão de revolta, nenhuma palavra disse a moça, sorrindo com indefinível desdém.

Não lhe mandaria uma carta de despedida, como a tantos outros fizera. Queria dizer-lhe em face o que por ele experimentava, antegozando já todo o ridículo da visagem daquele néscio que não adivinhara o tédio que lhe causava. Presa a semelhante pulha, quando nenhum dos homens superiores que a haviam idolatrado conseguira essa glória!

Provocava-lhe mais o riso do que a cólera tão parva presunção!

E esse riso prorrompeu histérico e inextinguível, assim que o viu nesse mesmo dia, com a sua cara de fuinha sobre uns colarinhos altos que não conseguiam ocultar-lhe o pescoço da girafa. De súbito sufocou o riso, tomou-lhe a mãe e levou-o ao grande espelho, dizendo:

— Mira-te neste límpido cristal e dize-me se realmente dispõe de uma plástica que possa prender uma mulher artista?

— Não compreendo…

— O possuidor de tão belo conjunto, continuou ela, dirigindo-se sempre à imagem refletida no espelho, ousou gabar-se de me haver enfeitiçado para sempre.

— Não há tal! Caluniaram-me…

— Qual calúnia! Tu és tão tolo que o afirmaste, mas eu vou desenganar-te e já, dizendo-te

o que me inspirar — acrescentou ela, sentando-se e sorrindo da confusão do amante.

— Então julgam-me capaz de ter dito semelhante coisa? — inquiriu muito pálido.

— Creio que o disse e, embora tal não fizesse, já agora eu aproveito o ensejo de liquidar esta questão e as nossas respectivas relações. Ah! Meu caro, é que só faltava essa gotazinha para fazer transbordar o meu tédio! Sente-se, ouça-me e que lhe aproveite a lição.

— Que de antemão agradeço — motejou o moço.

— E tens de quê, verás! Olha, Raul, antes de tudo, eu sou uma mulher prática, muito conhecedora do animal-homem, podendo definir qualquer, pouco depois de ouvi-lo falar. Pois bem, desde que te conheci, vi perfeitamente que nada valias, nem pelo físico, nem pelo moral e ainda menos pela inteligência, verdadeira mediocridade!

— Admira que me conserve tanto tempo, reconhecendo-me tão nulo! — redarguiu irônico.

— O que queres? Quando te conheci, já estava tão enfastiada da espécie e de tudo, que não te despedi logo para evitar o trabalho de procurar um substituto.

— Muito amável!

— Não será amável, eu o creio, porém é a verdade e bem saber quanto eu sou franca. Imagina que, de há muito, eu desejava romper

contigo, mas adiava essa resolução, subjugada pela apatia em que me desvivo, até que um providencial acaso me faz hoje sabedoria da tua tola gabolice, levando-me agora a pôr em prática o que até aqui adiei.

— Então, está tudo acabado? — perguntou ferido no amor-próprio.

— Tudo! Doravante passará a ser meu detrator naturalmente e, na maledicência ao menos procure mostrar mais espírito do que na tola ilusão de julgar-me escravizada aos seus encantos! — disse, de pé, como quem termina a audiência.

— Oh! Celeste! Pois assim me despedes depois de três anos de ligação! — exclamou ele, tentando tomar-lhe a mão, pálido de emoção e de despeito, querendo reconquistá-la, a fim de continuar a blasonar.

— Nada de cenas inúteis! — disse a moça, recuando com um gesto de repulsão que o paralisou.

— Adeus!... Não poderei procurá-la como amigo unicamente, balbuciou, querendo apegar-se a esse subterfúgio.

— Não! Quando rompo com um amante, considero-o morto; não mais existe para mim!

— É cruel!... Adeus!

— Adeus! — respondeu ela, com íntimo alívio e nenhuma saudade desse ente nulo, que tanto a enfastiara e não a compreendera.

Havia três meses que Celeste rompera com Raul e que a mais nenhum outro conhecera, sentindo uma certa satisfação em ter readquirido a posse de si mesma, quando uma manhã despertou com a alma leve e o sorriso nos lábios. O dia estava lindo e o sol brando, o que a induziu a dar um passeio depois do almoço. Iria contemplar o mar, namorar aquela imensidade líquida que lhe provocava tanta vontade de navegar em demanda do desconhecido, à procura de tudo quanto lhe faltava.

Ao terminar o almoço, começou a ler o jornal, e logo estremeceu ao ruído da campainha. Indo ver quem era, porque a criada saíra às compras, soltou um grito de alegria e lançou-se nos braços de Rodrigo que a contemplava risonho, com o olhar nadando em um fluído, belo como sempre, tendo o condão de não envelhecer.

Radiante, com carinhos na voz e nos gestos, levou-o Celeste até o sofá, onde sentou junto dele, mirando-o enternecida, revendo a fase da sua juventude em que o conhecera. Nenhuma diferença apresentava ele, apesar de dez anos decorridos, apenas um ou outro fio de prata entre os negros cabelos, sempre o mesmo porte altivo e nobre, a mesma pele fresca, o mesmo fulgor nos grandes olhos penetrantes.

— Oh, mano! Estás como outrora! O tempo não parece ter passado para o senhor!

— Mudei um pouco, depois da morte do meu pobre Artur! — disse subitamente entristecido.

— Coitado! Pois se tanto o prezava o mano! — redarguiu a moça com gravidade. — Não calcula quanto me abalou essa morte. Deu-se há um ano, e, no entanto, ainda me punge o prematuro fim desse homem a quem tanto amei!... Olhe, Rodrigo, até lhe perdoei o passado!... — acrescentou com a sua doce voz.

— Oh! Mil vezes obrigado, Celeste! Não imagina quanto bem me fazem estas suas palavras! Sim, perdoe-lhe de todo o coração, porque ele nunca cessou de amá-la!

— Eu bem o pressentia!... Infeliz! Antes ele nunca me tivesse conhecido! Talvez uma outra, mais paciente do que eu, o felicitasse!

— Nesse ponto discordo do seu modo de pensar: Artur nunca seria verdadeiramente feliz com mulher alguma, pelo excessivo e estranhado zelo que até lhe obliterava o entendimento! Ele não a fez ditosa, mas creia que também muito sofreu! Com vagar eu lhe relatarei todos os seus tormentos, porém hoje eu não quero toldar a alegria de vê-la com tão penosa recordação.

— Tem razão! Demais, desde que despertei esta manhã, sinto desusado contentamento que desejo conservar ao menos por algumas horas. Era talvez o pressentimento da sua chegada, do

calor do seu afeto, e espero que ficará comigo, enquanto aqui estiver!

— Não, não quero incomodá-la… — disse ele, de modo constrangido.

Lendo-lhe no pensamento, acrescentou a moça, toda corada:

— Creio adivinhar o motivo da sua recusa, por isso afirmo-lhe que pode permanecer aqui, sem receio de espécie alguma, pois há três meses que eu vivo completamente livre.

— Sim? — fez Rodrigo, muito pálido, tornando-lhe vivamente a mão e cravando o olhar ansioso nos grandes olhos leais e surpresos, em que se espelhava a alma inteira de Celeste.

— Sim! — acentuou ela. — E talvez me conserve assim por todo o sempre. Agora ainda recusa ficar sob este teto que eu devo a sua generosidade?

— Não diga isso! Eu já lhe afirmei que Artur…

— Cale-se, Rodrigo, não tente iludir-me, mentindo piedosamente, porquanto eu já lhe confessei tudo haver perdoado a seu irmão. Olhe bem para mim, assim, e diga-me se estou em erro? — pediu ela, tomando-lhe as mãos e olhando-o bem em face. — Vê? Vira o rosto, não sustenta o meu olhar! Você é muito leal e não sabe mentir! Fica comigo, não é exato! — inquiriu risonha.

— Não! Logo ou amanhã, saberá porque não fico sob o seu teto e louvará o meu escrúpulo;

saiba, porém que só vim ao Rio por sua causa! — protestou fitando-a com indefinível ternura.

— Oh! Obrigada! Obrigada! — exclamou ela, entre reconhecida e surpresa, sem atinar com o verdadeiro motivo da vida de Rodrigo.

— Ficarei em casa do comendador Chaves, mas virei pedir-lhe almoço ou jantar, ou ambas as coisas, todos os dias; temos muito que conversar. Agora vou ver o meu bom hospedeiro que ainda ignora a minha chegada pois acabo de desembarcar e vim vê-la antes de tudo.

— Então não se demore, vá já correndo, a fim de voltar mais depressa! — disse Celeste com o carinhoso sorriso dos bons tempos, acompanhando-o até a porta.

XV

Depois da saída do cunhado, quedou-se a moça cismarenta, tentando adivinhar o que pretendia ele fazer a seu respeito, pois lhe confessara ter vindo à Corte só por sua causa. Não conseguindo decifrar o enigma, contentou-se com a alegria de vê-lo surgir em sua vida, quando justamente se encontrava tão erma de afeições e de conforto.

Como o achava belo e sempre moço, apesar de ser tão sensível e de muito haver padecido com a perda do irmão a quem tanto prezava! Ela sempre preferira o seu porte desempenado e o fulgor dos grandes olhos de ônix, o encanto da boca rosada e fresca, a cor moreno-clara de Rodrigo ao todo de Artur, mais míudo, apenas simpático, sem o esplendor daquela virilidade

sadia e forte e daquele sorriso que vinha da alma e que no soabrir-lhe os lábios, também lhe iluminava todo o rosto.

Inconsciente suspiro saiu-lhe do seio, comparando os dois irmãos, quer no físico, quer no moral e compreendendo que a sorte deveria ter-lhe concedido Rodrigo em vez de Artur. Junto dele, sob a guarda do seu coração delicado e altivo, ela teria sido outra mulher e desconheceria as decepções e amarguras que recolhera na senda do desvario e do ressentimento.

— É que eu tinha de cumprir a minha sina! — disse, alçando os ombros e indo preparar-se para o jantar.

Enfiou um vestido leve, cor de violeta, guarnecido de rendas brancas, prendeu uma rosa pálida nos negros cabelos e sorriu satisfeita à irradiação do seu adorável semblante. Nesse momento ruborizava-lhe as faces o íntimo contentamento, avivava-lhe o brilho dos olhos esplendorosos, dando-lhe uma vivacidade juvenil a todos os gestos e a aparência de vinte anos.

Mirou-se desvanecida: gostava de ser bonita, já por ser artista, como também porque muito devia a sua formosura que lhe concedera esse prestígio onipotente de imperar sobre todos que a viam, inspirando os grandes amores que a tantos molestara. Conquistava e despedaçava corações com um sorriso apenas, ou num desdenhoso aceno.

É tão agradável à mulher divisar a adoração, o desejo ou o êxtase no olhar que a fita enlevado ou incendido! Tão lisonjeiro ouvir frases apaixonadas, protestos ardentes. Sentir, por assim dizer, o palpitar de um coração nos lábios que proferem palavras de amor!

Bem tristes reversos têm essas satisfações da vaidade feminil, é certo, mas o que haverá no mundo que não ofereça esse mesmo contraste?

Depois do jantar, levou Celeste o cunhado para a sala e relatou-lhe como a um bom irmão, tudo quanto padecera desde que se separara do marido, todas as suas lutas de mulher honesta, sucumbindo afinal, vencida pela exuberância do seu temperamento. Depois, a triste história do seu infortúnio filial, desse repúdio cruel, em que a mãe a lançara à desconsideração pública, quando não só lhe transmitira os germes do desregramento, como até lhe dera os mais perniciosos exemplos.

Contou-lhe tudo, apesar dos seus protestos, sem nada omitir, nem mesmo os nomes dos seus amantes, sem procurar também atenuar as suas faltas, incriminando-se até e lastimando não se haver sempre sabido conter. De que lhe servira seguir os fatais impulsos da natureza, se devia mais tarde ficar arrependida, fatigada e enojada desses miseráveis deleites?

Pálido, angustiado, ouviu-a Rodrigo, combatido por encontrados sentimentos, dese-

jos a um tempo de tudo saber e padecendo à evocação dessas fases cheias de febre e de delírio, em que outros homens haviam profanado com os seus carinhos essa mulher que ele quisera digna de um trono ou de um altar. Imóvel, escutava aquela voz de ouro, embebida de lágrimas, que lhe revolvia as fibras mais íntimas, oprimindo-lhe o peito, secando-lhe a garganta, fazendo-o suar frio, como sob a ação do horrível pesadelo.

— Oh! Basta! Basta! Pobre criatura! — exclamou ele, com o rosto orvalhado de lágrimas, quando ela lhe descreveu o estado apático em que a vinha encontrar e as miragens de alguns dias felizes em longínquas plagas, miragens consoladoras que lhe vinham ofuscar a imaginação, já quase à beira do túmulo, visto ter sempre fixa a ideia do suicídio.

— Ainda cheguei a tempo felizmente e essas miragens se tornarão realidades, porque eu vinha propor-lhe um passeio à Europa! — acrescentou ele.

— Sim? Oh! Que felicidade, meu Deus! — disse ela a sorrir por entre lágrimas. Iremos como dois irmãos extremosos!

— Ou unidos por um laço mais doce e mais forte! — redarguiu, pálido e fremente.

— Que diz!... Eu, não ouso compreendê-lo! — replicou Celeste, subitamente esclarecida sobre a ternura com que o cunhado a fitava, desde que chegara.

— Celeste! — disse Rodrigo, transfigurado por violenta emoção, chegando-se para junto dela e tomando-lhe as mãos. — Nunca lhe passou pela ideia que há dez anos, longe daqui, vivia um homem com a sua imagem no coração, servindo-se da sua lembrança como de um incentivo para o bem? E, no entanto, assim era, pois, desde que a vi, senti-me outro, compreendi que não tinha até ali vivido e que jamais poderia viver, porque a sua posse me era vedada! Enquanto esteve em minha casa, eu ainda pude ter a ilusão de que me enganava, mas, quando a vi partir, quando senti as dilacerações de pungente saudade e o vazio da vivenda que a sua presença iluminava, ah! Foi então que eu compreendi o quanto a amava!

— Rodrigo! — exclamou a moça surpresa, condoída e carinhosa.

— Ah! Celeste! Amar uma criatura como a senhora e ter de sufocar esse afeto, grande como o universo, radioso como o sol!

— E nunca acedeu aos nossos convites, nunca veio ver-nos! — ponderou a moça.

— Ah! Não! A tentação era muito forte, mas eu tinha uma vontade valente e o imperioso dever de considerá-la minha irmã. Conservei-me longe. Despertei do meu suave letargo, fustigado por uma dor lancinante, quando recebi as primeiras queixas de Artur, pois previ qual seria o tal desenlace das violências a que ele se entregava.

Aconselhei, pedi, supliquei que a levasse por meios suasórios, mas não fui atendido!

— Eu li algumas dessas cartas e tive vontade de escrever-lhe, mas desisti, vencida pelo marasmo que me paralisava então.

— Depois, com a morte na alma, tive de consolar e de minorar a agrura do desespero de Artur que parecia louco, acusando-a e querendo-a ao mesmo tempo!

— Infeliz! — murmurou a moça.

— Miserando! Nada o consolava da perda da sua ventura e da sua posse, Celeste!... Tinha dias de uma tristeza medonha, exulcerante, que me arrancava lágrimas. Mesmo dormindo, ainda padecia, porque só pronunciavam os seus lábios o doce nome de Celeste, ora súplice, ora enraivecido, torturado pelos sonhos que lhe reproduziam cenas passadas.

— Deviam ambos amaldiçoar-me! — exclamou a moça, comovida.

— Amaldiçoá-la, eu! Oh! Santo Deus, isso ser-me-ia impossível! Quanto a ele, coitado, mesmo vociferando, ainda era movido pelo amor! Que suplício o meu, Celeste, vendo-o padecer tanto e ultrajá-la, atribuindo-lhe as maiores indignidades, até passar gradualmente da exasperação à saudade, chamando-a desatinado, atenuando as faltas de que a acusada ainda há pouco e chorando por fim, subjugado pela reação nervosa! E eram duas saudades que se fundiam:

a minha, doce e resignada, a dele, acerba e pungente, coitado!

— Ah! Se ele pudesse adivinhar quanto eu sofria em meio dos desvarios, talvez se julgasse vingado! — disse Celeste com tristeza.

— Em outras ocasiões, ele queria vir devorá-la de beijos, a fim de mitigar cruciantes saudades e depois cravar-lhe um punhal e, para vergonha minha, não sei o que mais me aterrorizava: se vê-lo criminoso, ou vê-la morta!... Ah! Celeste! Se soubesse quanto lutei, quando padeci, julgando-me até incestuoso em amar a mulher de meu irmão, quase um filho, pois eu lhe votava paterno afeto!

— Oh! Tanto amor desperdiçado pela insensata, que corria após vãos fantasmas! Amar e ser amada era o meu ideal de criança e foi o meu fadário de mulher, mas, desgraçadamente, para mim, sempre recolhi o joio em vez da divina semente do verdadeiro amor!

— Talvez seja injusta, Celeste; pois será possível que esses homens não lhe dessem o que de melhor tinham na alma? Eu compreendo que eles a tenham adorado, que não pudesse vê-la sem amá-la, e só os criminarei, caso não a tenham avaliado como deveriam!

— Não os julgue por si, Rodrigo; você é uma exceção que honra a espécie, mas, mesmo por ser exceção, tem o espírito tão elevado que não pode baixar a certas análises. Quero crer também,

ao menos para ser-lhe agradável, que entre tantos ouropéis houvesse alguma pérola de fino lavor, mas que me passou despercebida, perdendo-se em meio das bagatelas que me ofertaram.

— Se acha que o meu afeto é digno de apreço, aceite-o que este a compense de todos os outros! — disse Rodrigo, suplicante.

— Agora a dádiva é preciosa em demasia!

— Rejeita-a? — acudiu, aflito.

— Não, mas tenho escrúpulo de aceitar a oferta de um coração como não há segundo! Que infelicidade a sua, amar uma mulher decaída, gasta, incapaz talvez de compreender todo o valor do seu afeto! — disse ela melancólica.

— Tão digna eu a considero, que desejo, não só dar-lhe o meu amor, como o meu nome!

— Ah! Isso não, Rodrigo!... Reflita, meu amigo, não se deixe arrastar pelos seus sentimentos generosos. Lembre-se de tudo quanto lhe referi, de todas as minhas faltas e concorde comigo, não se entregue a um impulso apaixonado de que mais tarde se arrependeria!

— Não tenho que refletir, pois de há muito afago essa ideia e só esperava pelo prazo de um ano, em atenção à memória de meu irmão. Há doze meses que só vivo dessa esperança, contando os dias e as horas pela ansiedade do meu coração; acha que foi curto o martírio?

— Um homem criterioso cometer tamanha loucura! Incorrer na censura de todos! E

não se arreceia da insensatez de que hei dado tantas provas? Não duvidará algum dia do meu proceder? — lembrou com tristeza.

— Celeste! se é uma loucura o que pratico, será uma loucura raciocinada, como convém ao meu caráter e a minha idade. Será uma loucura abençoada que me trará a única felicidade de toda a minha vida, uma loucura que o meu passado honrado fará tolerar, senão respeitar, juro-lhe! Quanto à opinião do mundo, que me importa! Iremos de muda para a Europa, viveremos em um meio aonde ninguém indagará dos nossos precedentes. Duvidar da nobreza dos seus sentimentos, nunca o farei e dir-lhe-ei por quê. Quando uma mulher, aos 23 anos, com o coração magoado e ressentido, afasta o homem para cujos braços se sente voar e sufoca todos os impulsos do amor e da juventude, a fim de não faltar aos seus deveres, quando uma mulher tem esse heroísmo, conserva sempre no fundo da alma a centelha dessa primitiva honestidade, sejam quais forem os desvarios a que a fatalidade a levar mais tarde! Depreciaram-na tanto, minha boa amiga, encarando-a unicamente como instrumento de gozo, que a senhora perdeu a noção da sua própria valia e amesquinhou-se ante si mesma! Erga a fronte, calque aos pés o seu passado e apoie-se confiante no braço de um homem de bem, que, não só a adora, como preza e venera sobre todas as coisas! — disse ele,

apertando de encontro ao peito a pálida cabeça da redimida, que soluçava.

Celeste resvalou dos braços de Rodrigo e de joelhos, bela e soberba ainda nessa humilde postura, apertou-lhe as mãos entre as suas, beijou-as com fervor, orvalhando-as de lágrimas ardentes e exclamando:

— Sê abençoado, tu, que me relevas as culpas e que mas redimes com a misericórdia de um amor incomensurável! Sê abençoado, por toda essa revoada de bons impulsos que eu sinto volitar no meu coração endurecido e há tanto tempo fechado à luz e à esperança! Ah! Como a vida me parecerá curta, se eu a passar de joelhos a teus pés, adorando-te como um Deus redentor!

— Adorada criatura! — balbuciou ele, beijando-lhe os cabelos e umedecendo-os de lágrimas.

— Chora, chora sobre a minha cabeça maldita e purifica-me com a água lustral da tua piedade e do teu carinho! Sim, Rodrigo, eu serei boa, eu serei digna, seu serei forte, por amor de ti! Até marcharei contente para o suplício, se da minha tortura te advier um benefício qualquer! Amar-te-ei, como a ninguém amei no mundo, porque te amarei com uma outra alma, engrandecida pela tua imagem e pelo teu influxo! Dize-me ainda e sempre que me amas, conta-me todos os teus pensamentos, todas as dores, todas as ilusões, com que a minha lembrança

encheu esses dez anos da tua existência! Dez anos que perdemos, que deixamos de ser felizes, que nunca mais reaveremos! Ah! Rodrigo! É preciso que nos amemos centuplicadamente, por todo esse tempo que não volta, sim? Ama-me! Ama-me! Pois se foi esse o meu ideal de criança, uma aspiração que nasceu comigo, que me enchia o peito e alucinava o cérebro e que nunca realizei! Ama-me! Eu preciso tanto de ser amada! acrescentou, desvairada pela violência das emoções que a abalavam.

— Amo-te e amar-te-ei com todo o amor que pode conter um peito humano! E como não amar-te, se és digna de toda a adoração e se o meu amor tão tarde será satisfeito, pois já conto 52 anos e tu és uma moça, redarguiu Rodrigo com melancolia.

— Que importa! Se és belo, se te conservaste moço por uma vida tranquila e se me inspiras apaixonado afeto? És o homem cuja beleza mais me tem impressionado. E, quando fenecerem esses atrativos, restar-te-ão os incomparáveis sentimentos e a cintilação de um espírito peregrino!

— Adorável lisonjeira! Agora retiro-me; careces de repouso, estás muito nervosa, toda trêmula e eu me sinto também fatigado por tamanhos abalos. Já amanhã começarei a tratar do meu casamento, que se efetuará sem aparato, na véspera do nosso embarque. Apronta as ma-

las, porque tenho pressa de ser ditoso! — disse fitando-a com indizível ternura e beijando-lhe a mão que conservava presa.

— Assim não! Somos noivos, temos o direito de nos beijarmos! — exclamou ela, lançando-se-lhe nos braços e colando os lábios fervidos aos dele, em um beijo longo, mordente, soluços, de que a custo se desprendeu Rodrigo, pálido e a cambalear como um ébrio.

Saiu precipitado, a fim de fugir à vertigem que lhe entontecia o cérebro, enfraquecendo-lhe as pernas, fazendo-lhe ver riscos de fogo ante o olhar obscurecido. Tirou o chapéu, expôs a fronte à viração da noite, respirou a largos haustos, dilatando os pulmões comprimidos pela intumescência do seu coração a transbordar de gozo, saboreando aquele primeiro beijo de amor, cheio de febre e de acre volúpia.

A vibrar toda, com pesar, viu-o Celeste afastar-se. Tinha ímpetos de pedir-lhe que ficasse, que não se fosse, que fruísse a ventura ali mesmo, naquele instante, porque a felicidade não se adia: a desgraça está sempre à espreita e vem, quando menos se espera, matar a alegria e a esperança!

Um calafrio percorreu-lhe a epiderme, sacudindo-a da cabeça aos pés. Tinha medo, um medo horrível, de ver perdida para sempre aquela perspectiva de luz e perfumes, em que contava viver dali em diante. Tão habituada esta-

va a desgraçada ao infortúnio, que a vista da ventura a amedrontava.

— Meu Deus! Meu Deus! Faze com que se realize este belo sonho! Não me desampares, agora, que me sinto remida e que um homem foi para mim tão misericordioso como tu o deves ser; tu que tens a onipotência e a eternidade, enquanto ele só dispõe de um amor incomensurável! — exclamou, juntando as mãos e chorando.

XVI

Enquanto corriam os proclamas e o seu casamento servia de comentário à maledicência de uns e à inveja de outros, fruía Celeste os melhores dias de sua vida, acariciada pela idolatria de Rodrigo que pouco a deixava, sempre sedento da sua presença. Às vezes, passavam horas e horas sem dizer uma palavra, fitando-se embevecidos, alheios a tudo, compreendendo que contemplar já é gozar, gozo espiritual que enleva a alma e que nada tem com a carne.

Ele podia tomá-la nos braços desde já e satisfazer a sua ardente paixão, acalmando a febre dos desejos, mas o seu amor delicado e profundo sobrepunha-se às solicitações da matéria, querendo possuí-la só depois de lhe demonstrar pelo casamento a alta estima em que a tinha;

imposição sublime, que muito os torturava em um suplício tantálico de todos os momentos.

Em outras ocasiões, sentava-se ela ao piano e cantava como nunca, desprendendo na voz sirênica todos os arroubos que lhe iam na alma, todo o íntimo esplendor que lhe enchia o seio. Trêmulo, enlevado, preso das mesmas emoções e dos mesmos transportes, escutava-a Rodrigo, com os olhos úmidos e o semblante a irradiar.

Quando soltava a moça a última nota, ele a apertava nos braços, beijando-lhe a nuca perfumada, o que a levava a derrear a cabeça para trás, a fim de receber nos lábios esses beijos em que as suas bocas se colavam durante minutos, em um gozo intenso que os compensava da voluntária abstinência. Beijos em que, além da transmissão de divino deleite físico, havia também a fusão de duas almas afinadas pela mesma grandeza.

Quando se achava a sós, entregava-se Celeste à íntima ebriedade em que vivia, desde a chegada de Rodrigo, contente com a sorte, esquecida de tudo quanto padecera, pois aquela perspectiva venturosa excedia a todas as miragens que a tinham por vezes afagado, em meio de seu desconforto: amar com a alma e com o corpo, sentir-se rejuvenescida, crente, capaz de todos os devotamentos, elevada a seus próprios olhos! Até lhe parecia um sonho!

Ser amada por um homem superior, belo como uma estátua, ilustrado, espirituoso, bom, com uma alma de eleito, enfim a personificação do seu ideal de mulher distinta! Como o adoraria, com que transportes o amaria! Sentia-se capaz de inventar novas volúpias para o enlouquecer e abrasar com a mesma intensidade de ardor, na delirante paixão que ele lhe havia inspirado!

Como lhe custava conter-se, não se lançar nos seus braços, a fim de aliviar a febre que torturava, causando-lhe insônias e amolentando-a em uma obsessão de todos os instantes! Só o receio de decair do pedestal em que ele a colocara e de causar-lhe uma má impressão a impedia de suplicar-lhe que a felicitasse, inebriando-se também.

Tinha um medo indefinível e inexplicável de tudo, um terror de morrer subitamente, sem ter saciado os seus tormentosos desejos, sem acalmar a ânsia que a impedia para esse homem a quem quisera devorar de carinhos, vendo-o palpitar e empalidecer ao seu contato febricitante e aos seus transportes de leoa!

Ela daria todas as volúpias passadas, todos os seus delírios sensuais, por uma hora apenas do amor de Rodrigo! Era uma alucinação, feita de tudo quanto se lhe agitava na alma — enlevo, reconhecimento, gratidão, estima e da exuberância de toda a seiva acumulada durante esses três meses de abstenção e de isolamento.

Estava muito nervosa, constantemente sufocada pelo bolo histérico que lhe constrangia a garganta, tendo violentas câimbras e súbitos estremeções que a sacudiram toda, deixando-lhe um esmorecimento ao longo da espinha. Com mais frequência reproduziam-se as visões que costumava ter, quando fechava os olhos para dormir: rostos ideais que aos poucos se transformavam em visagens hediondas, fundindo-se por fim em máscaras grotescas.

Quinze dias depois, prontas estavam as malas, pagas as passagens, devendo realizar-se na manhã seguinte o casamento que, unindo-os, os felicitaria por todo o sempre. Toda a noite sonhara Celeste com a viagem, seguindo o navio que a levava por sobre um mar de flores desfolhadas, sem oscilações, deslizando de manso e trazendo-lhe às narinas o perfume do original elemento que percorria.

Longe de alegrá-la, causou-lhe esse sonho profundo abalo, pois sempre que sonhava com flores, tinha que chorar; pura coincidência talvez, mas que pela reprodução, se constituíra um mau prenúncio. Apreensiva, saltou do leito, sentindo indizível angústia, como a aproximação de alguma coisa de irreparável que se tramava na sombra.

Tentou reagir e orou com fervor, ansiando pela chegada de Rodrigo que não tardaria a vir. Ao almoço relatou-lhe o sonho e o seu super-

sticioso temor, sorrindo um tanto tristonha às ponderações do noivo que lhe asseverava nada ter que recear, pedindo-lhe que tomasse um calmante para serenas a excitação do seu sistema nervoso.

Apertou-se-lhe o coração, ao vê-lo tomar o chapéu, e pediu-lhe que não se demorasse, que viesse depressa.

— Daqui a pouco estarei de volta; bem saber quanto me custa não ter-te sempre diante dos olhos! — disse ele, beijando-lhe a fronte.

Ainda não decorrera uma hora, depois da sua saída, quando parou um carro à porta. Correndo a moça, instintivamente sobressaltada e deparando com um soldado e algumas pessoas do povo que escoltavam uma caleça,[81] empalideceu, e a cambalear segurou-se à parede, inquirindo, mais com os olhos do que com os lábios:

— O que há?

— Na rua Sete, caiu um senhor do bonde e, sendo socorrido, pediu que o trouxesse para aqui!

— Rodrigo! — exclamou ela, voando para o carro, debruçando-se à portinhola e recuando horrorizada, com os cabelos em pé, ante a face cadavérica do bem-amado.

— Morto! Meu Deus! — gritou, juntando as mãos e torcendo-as em um assomo de desespero que lhe avolumava os olhos e encovava as faces lívidas.

— Não está morto, minha senhora!

— Um médico, depressa! Depressa! E tirem-no do carro! — suplicou.

Com as maiores precauções carregaram-no até o leito, onde o depuseram, sempre inanimado, acompanhando-os Celeste, a soluçar convulsa, seguindo aquele rastro de sangue, aquela *via dolorosa* que a levaria ao Calvário.

Ah! Como se realizavam os seus pressentimentos! Como sempre assumia a prepotência a sua estrela funesta! Pensava ela, em meio do lúgubre silêncio que só os seus soluços quebravam.

Em pouco vieram o médico e o comendador Chaves que a criada mandara chamar. Voltando Rodrigo a si, enquanto o despiam, procurou com os olhos a mulher amada e desatou em soluços, ao deparar com o semblante amargurado de Celeste que, desvairada, a morder as mãos estreitamente unidas, fitava-lhe as míseras pernas rotas, esmigalhadas até as coxas.

— Meu Deus! Meu Deus! — balbuciou ela, caindo de joelhos e beijando a mão do infeliz. É esta a nossa aurora de amor, ó Rodrigo!... Meu Deus! Mas eu sou então maldita! — exclamou, desatinada.

— Queria vir depressa… tinha ânsia de ver-te e saltei antes que o bonde… parasse…

— Doutor — disse Celeste, segurando com ímpeto nas mãos do médico — salve-o por quem é, por caridade! É possível, não é verdade?

— Sim, minha senhora, eu tudo farei; mas é necessário proceder à amputação, quanto antes!

— Oh! Meu Deus! Que horror!... Rodrigo — pediu ajoelhando-se de novo e beijando a fronte do mártir, Rodrigo, é necessário amputar as tuas pernas… Tu consentes… não é exato? Salva-te, por amor de mim! Ah! Não me desampares!

— Sim, Rodrigo, resigna-te! — pediu o comendador Chaves, comovido.

— Não! Não me submeterei a uma operação inútil talvez, e, embora o não fosse, de que me serviria viver assim mutilado? — disse, tristemente.

— Meu Rodrigo! Vive, seja como for! Eu te adorarei sempre, do mesmo modo! — bradou a moça.

— Não! Minha pobre amiga!... Será a única vontade que eu não te farei… Resigna-te… como eu me resigno ao irreparável!... Não tinha de ser!... Eu devia chegar somente ao pórtico da ventura… e não frui-la… paciência! Pesa-me vir amargurar o teu coração com o espetáculo desta pungente miséria… deveria ir para a Misericórdia… porém, morrer sem te ver… seria morrer duas vezes… ser-me-ia, então, ainda mais dolorosa a morte! — disse, com as lágrimas a caírem.

— Morrer! Oh! Não fales em morrer!... Meu Deus! Eu me sinto enlouquecer!... Não, Rodrigo, Deus fará um milagre! Eu não quero

que tu morras!... Pois será possível?... Oh! Doutor, salve-o, eu lhe suplico! Olhe, o senhor não sabe! Nós nos amamos, como ninguém ainda amou no mundo… Casávamos amanhã e íamos para a Europa!... Íamos a ser felizes, depois de muito haver padecido!... Ele não deve morrer! Não deve!

— Acalme-se, minha senhora! Resigne-se!

— Resignar-me? Nunca! Pois isso é lá possível!

— Celeste… em nome do nosso amor… e do meu desgraçado fim… peço-te que aparentes um pouco de calma… Imagina… que todas dilacerações físicas que me atormentam… nada são em comparação ao meu martírio moral!... Tem paciência… Deus minorar o teu infortúnio… És moça e formosa… tens ainda muito a esperar da vida!... Eu quero… suplico-te que vivas… que não atentes contra os teus dias… ouviste?... Prometes? — indagou angustiado.

— Creio que não terei necessidade de matar-me, porque, se eu tiver a desgraça de perder-te, sinto que morrerei!... Oh! Não me será possível sobreviviver-te! Mas como?... Eu já não posso mais padecer também e a dor de perder-te será a maior de todas, a que me matará! — disse, soluçando.

— Chaves, meu amigo, traze-me depressa um tabelião; eu quero fazer o meu testamento. Quanto ao senhor, doutor, só lhe peço que não

me faça sofrer muito e que abrevie com um narcótico qualquer esta lúgubre epopeia!

— Farei tudo quanto manda a ciência nestes casos, Sr. Medeiros — respondeu gravemente o médico, continuando a pensá-lo.

— Rodrigo — disse Celeste a limpar as lágrimas, sufocando os soluços e impondo calma ao seu desespero — naturalmente legas-me a tua fortuna não é exato?

— Deixo-te como minha universal herdeira.

— Mas declara então, que por minha morte, servirá essa fortuna de dote às enjeitadas, sim? Eu quero compensar com a riqueza que não gozarei, as infelizes privadas do amor e do apoio maternos! — acrescentou com tristeza.

— Pobre alma amargurada! — acentuou Rodrigo, com os olhos marejados de lágrimas, apertando a mão fria trêmula da moça. — Será feita a tua vontade… mas não esqueças que quero que tu vivas!

— Procurarei obedecer-te! — disse, sempre de joelhos e segurando-lhe a mão.

Entrementes, veio o comendador, em companhia do tabelião, a quem ditou Rodrigo às suas últimas vontades, deixando a Chaves, seu testamenteiro, as joias do seu uso como lembrança da amizade que de há muito os unia. Em pouco declarou-se-lhe a febre, despedindo-se ele de Celeste, falando-lhe, consolando-a e lamentando-se antes que o delírio lhe obscurecesse o espírito.

— Minha querida, fica certa de que foste a maior alegria da minha vida vazia e isolada, e a mais ridente esperança, embora já bem tarde me tivesses aparecido como uma probabilidade de ventura!... Como me habituei a amar-te e a ter-te sempre presente, durante esses dez anos em que me aperfeiçoei, procurando tornar-me melhor só pelo influxo da tua lembrança!... Como eu tenho saudades dos sonhos de amor que me afagaram nesses doze meses de tua viuvez, em que de longe eu idealizava o momento do nosso encontro e a surpresa que a confissão do meu amor te causaria!... Foi mesmo um belo sonho com um despertar horrível! — disse a chorar.

— Meu pobre Rodrigo! — exclamou a moça, limpando-lhe as lágrimas que escaldavam.

— Morrer agora! Quando ia ser venturoso, quando me sentia amado e compensado de todas as tristezas da minha vida tão erma de afetos e de carinhos, Celeste, porque eu nunca amei a nenhuma outra mulher!... Oh! Senhor Deus! Quase me revolto contra a tua infinita bondade!... O que te custava conceder-me uns dias ainda de calor e de sol, de riso e de alegria, junto desta amada criatura?... Seja feita a tua vontade!... Ainda te agradeço esta réstia de luz, este supremo consolo de morrer amado e chorando por ela, de sentir-me vivo no coração do ente a quem mais tenho amado! — exclamou aflito.

— Oh! Rodrigo! Rodrigo! Como me sinto desgraçada! Como daria contente a minha vida para salvar-te! Tudo quanto hei padecido nada é comparado ao tormento que agora me dilacera, meu pobre amigo! — acrescentou ela, com desesperação.

— Infeliz! Em vez de ventura, ainda te trouxe eu mais um travo de fel na amargura que uma perspectiva falaz ainda torna mais acerba… Perdoa-me, já que a sorte me negou a dita de adoçar para sempre as agruras do teu viver!... Salve-me, ao menos, a intenção! — pediu o mártir.

— Perdoar-te! O quê, meu querido? Eu só tenho que te amar e bendizer! Tu, que foste para mim bom e misericordioso! Sê abençoado! — soluçou ela.

— Meu bom Chaves, meu velho amigo, dirige, conforta e ampara esta criatura que eu amei sobre todos neste mundo e com a maior ternura!... Não a abandones nunca, peço-te e confio em ti! — disse Rodrigo.

— E eu juro-te velar por ela, enquan -to vivo for! — protestou o comendador, apertando-lhe carinhoso a mão, com o rosto orvalhando de lágrimas.

Muito enfraquecido e abrasado pela febre, calou-se Rodrigo, abrindo de vez em quando os olhos e fitando-os em Celeste com pungente saudade e sorrindo-lhe melancólico ao sentir-lhe os beijos. À noitinha, ainda lhe suplicou que

tomasse qualquer alimento, ouvindo Chaves insistir para que ela comesse um pouco.

— Não, não posso! Apenas quero água! — disse a moça, sempre de joelhos.

Pela volta das oito horas, começou o enfermo a delirar, murmurando o nome de Celeste e referindo-se ao seu casamento, ao seu amor, à sua viagem, com a incoerência do desvario, é certo, mas em verdadeira rotação em torno da mulher para quem vivera e que unicamente lhe ocupava o cérebro, ainda nesse paroxismo em que a sua razão se dementava, antes do obumbrar-se neste mundo o seu espírito, penetrando na eternidade.

À meia noite, manifestou-se a gangrena e o médico o deu a entender a Chaves, retirando-se e prometendo voltar às instâncias da moça, que lhe suplicava que não abandonasse o enfermo.

— Já volto, minha senhora, vou a casa prevenir que não me esperem e pedir a um colega que me substitua junto aos meus outros doentes — disse, mentindo, a fim de aquietá-la.

— Talvez nem chegue a madrugada! — segredou ao comendador que o acompanhara à escada.

— Minha senhora, descanse um pouco, aqui perto, em um sofá enquanto eu velarei. Incomoda-me vê-la há tanto tempo nessa posição! — ponderou Chaves.

Ergueu a moça a cabeça que descansava nos lençóis e olhou para ele atônita, como quem mal compreende, ou tem espírito muito longe e, depois de um ligeiro esforço da memória, a fim de apanhar-lhe o sentido das palavras, sacudiu a cabeça e respondeu:

— Não! Estou bem assim! E esse médico que não vem! — acrescentou, voltando-se solícita para o enfermo que mexia com as mãos, em um movimento automático, como se puxasse as cobertas.

— Não tardará! — disse Chaves.

Passavam os minutos e as horas, quando, em meio daquele fúnebre silêncio, soltou Rodrigo um ronco, começando o estertor. Sobressaltada, fitou Celeste o moribundo e desatou a chorar, balbuciando palavras entrecortadas, enquanto dela se acercava o comendador, exortando-a à resignação e chorando também.

— Ah! Que o senhor não sabe o que foi para mim este homem! É que ignora quanto eu tenho sofrido nesta vida e como merecia a felicidade que só ele me poderia dar!

Desvairada, pálida e convulsa, relatou toda a grandeza daquele afeto que a redimir, que a reerguera ante si mesma e que a levara a amar de novo a sua existência que já havia condenado ao suicídio. Tudo disse, desvendando todas as chagas por onde gotejara sangue, todas as feridas que recebera na sua dura peregrinação pela vida,

de modo patético, parecendo no seu desespero uma visão apocalíptica a trovejar anátemas.

E, à medida que a sua voz cava prosseguia naquele interminável queixume que durou quase duas horas, decrescia o estertor do moribundo, até que por fim cessou de todo, caindo-lhe da baça pupila a derradeira lágrima, a consubstanciação de toda a dor humana. Soltou Celeste um desses gritos pavorosos de animal ferido e caiu sobre o cadáver, cobrindo-o de lágrimas e beijos, em uma convulsão que a ensandecia.

— Morto! E de que morte horrível! Tu, um justo, que nunca fizeste mal a ninguém!... Morto! E eu ainda estou viva, e viva em todas as fibras com que te amei, com que te adorei, e com que sofro de um modo espantoso!... Meu Deus! Meu Deus! Eu quero rezar! Eu quero pedir por ele! — exclamou, erguendo-se, lívida, e parecendo muito alta, com os olhos chamejantes e os cabelos revoltos, como uma pitonisa possuída do furor sagrado. — Deus!... Deus!... mas tu sempre me apareceste como um castigo!... Acaso existe? Não, não existe! É impossível! Se existisses, devias ser bom e não consentirias que este justo morresse deste modo e nesta ocasião!... E, se existes, então, és mau, és perverso e não compreendes a onipotência!... Deus! O que tens sido tu para mim? Acaso me preservaste do mal, quando eu te suplicava? Acaso me mataste, quando eu te pedia? Não, deixaste-me pecar, deixaste-me viver, mostraste-me a bem-

-aventurança no amor de Rodrigo, mas para me sonegares depois com requintada maldade!... Deus! Onde está tu? Dize, que eu quero arrancar-te o coração com os dentes! Não! Tu não existes!... Deus! Mas o meu Deus é este homem, que foi para mim bom e misericordioso, que redimiu as minhas culpas com o seu amor incomensurável e que não tem, nem a tua onipotência, nem a eternidade! Não! Ele apenas dispunha de uma vida transitória que desaparecerá na evolução pútrida da matéria!

— Minha senhora! Acalme-se! — pediu Chaves, consternado.

Ela voltou para junto do morto, ajoelhou-se de novo e desatou em soluços, chorando desatinada, desafogando no pranto a angústia que a sufocava. Mais tarde, bebeu de um trago um copo de leite que apresentaram, e, enquanto vestiam o cadáver, começou a passear pela sala próxima, a esbarrar nos móveis, lívida, com umas olheiras negras que lhe avolumavam ainda mais os grandes olhos com os lábios gretados pela febre.

Caminhava, caminhava sempre, com as mãos atrás das costas, sem dizer uma palavra; trópega, sem ideias, entorpecida pelo sofrimento, tendo no cérebro a sensação de um vazio enorme, a nuca dolorida e os olhos a arder, sempre que cerrava as pesadas pálpebras. Parecia-lhe que tinha sobre os ombros um manto de chumbo, o lenho do infortúnio talvez, alguma coisa enfim que lhe custava muito a carregar.

De repente, chegou-se ao comendador e disse-lhe:

— Eu quero que ele vá coberto de flores!

— Sim, minha senhora.

Quando puseram Rodrigo no caixão, ela desfolhou todas as flores sobre ele, deixando-lhe a descoberto só o rosto e as mãos, já manchadas pela gangrena e aí ficou imóvel a fitá-lo, sem uma lágrima, com os olhos secos. Receoso daquele mutismo, quis Chaves retirá-la de junto do ataúde, mas a infeliz nem mesmo o ouviu e ficou, a desviver-se na dolorosa contemplação das suas esperanças e das suas alegrias mortas naquele cadáver.

Apesar dos desinfetantes e das flores, sentia-se o cheiro nauseabundo daquela decomposição progressiva, sob a alta temperatura do mês de dezembro, apresentando já o rosto de Rodrigo e as orelhas umas manchas violáceas. Às cincos horas compareceram os convidados, a quem maquinalmente estendia Celeste a mão, com um semblante petrificado, em que só luziam os olhos febris e secos.

Resolvera o comendador não acompanhar Rodrigo ao cemitério, a fim de não perder de vista a moça, cuja atitude o amedrontava encarregando os seus amigos dessa triste missão. Revestiu-se de coragem e acercou-se de Celeste, dizendo-lhe:

— Minha senhora! Peço-lhe que agora se retire e que nos deixe cumprir até ao fim o nosso penoso dever!

— Já! — exclamou ela, juntando as mãos, com as feições contraídas. — Oh! Meu Deus! — bradou, e curvando-se sobre o cadáver, beijou-o contrita, e lívida. Com os cabelos em pé e o olhar desvairado, desceu lentamente a tampa do caixão.

Sempre acompanhada pelo comendador, seguiu os que levavam o morto, sem uma palavra, sem um gesto, debruçando-se ao corrimão para ver o corpo transpor a porta da rua e voltando até junto da sacada, donde se avistava o carro mortuário. Aí agitou-a violento tremor, dilataram-se-lhe as narinas em uma aspiração ardente, parecendo-lhe que uma mão ferro lhe arrancava as entranhas, lhe despedaçava o peito e depois o cérebro, convulsionando-a doloroso espasmos que a lançava no vácuo.

— Rodrigo! Rodrigo! — gritou com uma voz que nada mais tinha de humana, levando as mãos crispadas à cabeça, caindo nos braços do comendador, soltando gargalhadas estridentes, a rasgar as roupas, completamente louca, enquanto ao longe perdia-se o ruído dos carros do enterro.

XVII

Por conselho de médicos especialistas, levou-a Chaves para o Hospício de Pedro II,[82] cercando-a do conforto que a fortuna deixada pelo noivo lhe permitia desfrutar, em meio da sua miséria moral. Pálida, emagrecida, com os cabelos cortados, ainda era bonita a pobre predestinada, tocando aos que a viam a inefável expressão da sua cabeça poética, vazia do luminoso espírito que a aureolara outrora.

Perdera de todo a lembrança do passado: ignorava quem fora, e o que era, o que sofrera e o que gozara, mostrando-se muito dócil nos períodos de calma, a ponto de retrair-se na sua animalidade sensual, quando queria lançar-se nos braços dos visitantes ou do médico, à uma

simples admoestação da irmã ou da enfermeira, pois com o tempo acentua-se a loucura erótica.

Um dia, no jardim, mirando o esplendor do céu de um azul lavado e doce, experimentou uma sensação de bem-estar e disse:

— "Mais vezes, mais vezes te adoro eu!", versos lidos outrora, a que o seu espírito enfermo não ligava nenhum sentido, mas que a encantavam pelo ritmo da frase. Dali em diante, era com essas palavras que exprimia toda e qualquer satisfação, como à vista de um belo rosto, de uma bela noite, de tudo quanto lhe agradava.

Com facilidade aprendeu a fazer flores de papel e de pano, sorrindo docemente à medida que as rosas, os cravos e as camélias desabrochavam sob os seus dedos longos e afilados. Quando via a flor pronta, a brilhar em meio das folhas verdes, contemplava-a com enlevo, murmurando:

— Mais vezes, mais vezes te adoro eu!

Já as demais loucas, inconscientes da própria insânia, arremedavam, tornando a melancólica expressão do seu belo rosto e repetindo com a mesma inflexão musical:

— Mais vezes, mais vezes te adoro eu! — assim que a avistavam, chacota que soabria em um sorriso amistoso os pálidos lábios de Celeste.

Tendo ciência do lamentável estado em que se achava a moça, quis vê-la Cícero Braga, o seu amante dos bons tempos, movido por uma piedosa lembrança, sentindo de súbito despertar

vívida e magoada a eterna saudade que a adorável criatura deixara em sua vida. Reconheceu-a logo, apesar do abatimento do semblante um tanto aparvalhado, em que os seus grandes olhos escuros se afundaram em uma vaga tristeza.

Atraída pelo magnetismo daquele olhar de homem que a fitava umedecido pelo pranto, lentamente volveu ela a cabeça. Iluminou-se-lhe o rosto, tremeram-lhe as narinas, sorriu com o peculiar encanto de outrora, e, contente, carinhosa, de um ímpeto lançou-se-lhe nos braços, a tremer toda, beijando-o no pescoço com um ardor que lhe deixou a sensação de um ferro em brasa.

— Que é isso, minha filha! — repreendeu a irmã.

— Talvez me reconhecesse! — disse Cícero, apertando-a de encontro ao peito.

— Não! É que a sua loucura tem um caráter especial: faz o mesmo ao médico, ou a qualquer outro homem! — ponderou a irmã, desprendendo-a dos braços de Cícero.

Corrida como um pobre animal batido e a tremer de volúpia, voltou a mísera para o lugar onde tinha estado, olhando de esguelha para o seu antigo amante, olhar oblíquo, negro, eloquente, a desprender um clarão fugaz em que se afogavam os seus desejos, os seus carinhos e a pena de não poder saciar a sede inextinguível de alguma coisa de lancinante e de delicioso que a sufocava.

Pálido, em extremo comovido, banhou-se Cícero na luz daquele olhar que a sensualidade tornava inteligente e retirou-se, não podendo mais conter as lágrimas. Preferia ter-se ajoelhado junto do seu túmulo a encontrá-la ali, dementada, já morta para o mundo, oferecendo o pungente espetáculo da sua erotomania.[83]

Daria tudo para vê-la de novo no gozo da razão e todos os seus encantos, bela, perigosa, irônica, desprezando todas as homenagens e despedaçando os corações dos que se prendiam à magia da sua formosura. Queria escravizar-se ainda ao seu poderio, embora ela tornasse a torturá-lo nas fibras mais sensíveis, como o fizera alguns anos antes!

— Infeliz! Quando pensei eu encontrar-te um dia, como a sombra de ti mesma, vagando entre esses corpos penados, obscurecidos, ocos, sem a luz divina do entendimento! Tu, a mulher de mais espírito que hei visto em minha vida!... Triste miséria humana!

***

Tempos depois, achava-se o comendador Chaves à cabeceira de Celeste, contemplando penalizado o rosto cadavérico dessa desgraçada a quem se habituara amar, como se fosse sua própria filha, Depois de um resfriamento, sobreviera à po-

bre louca uma tísica galopante que minara em quatro meses tão bela e rica organização.

Tudo quanto emprega um grande devotamente em minorar males irreparáveis, fê-lo Chaves, a fim de cumprir o juramento dado a Rodrigo, como também impelido pela compaixão que lhe infundia a longa série de infortúnios que se constituíra toda a existência dessa interessante criatura. Ia vê-la quase todos os dias, assistindo às medonhas hemoptises[84] que a deixavam exausta e com a lividez da morte.

Quando se acercava Chaves do seu leito, trazendo-lhe flores e doces, sorria ela e com avidez tomava-lhe o ramo com a sua mão trêmula e diáfana, aspirando-lhe o perfume e murmurando:

— Mais vezes, mais vezes te adoro eu!

Nesse dia, pela manhã, recebeu o comendador o aviso de que estava ela a decidir e foi vê-la, encontrando-a a arquejar, muito branca, de uma beleza ideal, como que a aureolada pela aproximação dessa morte que a vinha enfim libertar das sua miserável existência. Contrito, ajoelhou-se ele e segurou-lhe a mão fria e macia, mirando o lento adejar das suas longas pálpebras e a sombra do fugitivo sorriso que lhe franziu os lábios murchos.

E morreu como um passarinho, sem esgares torvos, sem terrores, sem saudades, sem dor até, na suprema inconsciência de loucura.

É que no seu fadário de predestinada, a agonia antecipara o passamento e durara toda a vida.

Aos 34 anos incompletos, baixou ao túmulo Celeste de Lima Medeiros, deixando a sua fortuna de dote às enjeitadas, indo no seio da morte descansar dos tormentos, das vilanias e dos tédios que tanto a haviam combalido na sua penosa peregrinação pela vida.

Notas

Introdução

[1] Telles, [s.d.].

[2] *Idem*.

[3] Os contos publicados no jornal *O Paiz* já estão disponíveis pela editora Asa da Palavra, com o título *Délia, contos esquecidos*, organizados pela Laila Thaís Correa e Silva.

[4] Disponível em <www.normatelles.com.br/>.

[5] Pinheiro, 2008, p. 178.

[6] Livraria Memorial, [s.d.]. Disponível em <https://www.livrariamemorial.com.br/peca.asp?ID=12760690>. Acesso em 4/6/2023.

[7] Volpini, 2019, p. 140.

[8] Rodrigues & Queiroz, 2020.

[9] *Idem, ibidem.*

Primeira Parte

[10] Tolamente.

[11] Grosseira, malcriada.

[12] Aldeã da antiga região de Lisboa.

[13] Pirão ou refresco feito de água, farinha de mandioca, mel ou açúcar, podendo conter cachaça,rapadura ou café.

[14] Amar enternecidamente.

[15] Palavra usada para qualificar ou caracterizar um nome ou pronome, normalmente com o intuito de exaltar ou engrandecer o seu sentido.

[16] Expressa baixeza; que merece desprezo.

[17] Anseio.

[18] Elegância.

[19] Ópera de Gaetano Donizetti, escrita em 1835. Baseada no romance *A noiva de Lammermoor*, de Walter Scott. Conta sobre a história de Lúcia e Edgardo, de famílias inimigas que se encontravam as escondidas. Ao descobrir isso, Enrico, seu irmão, prepara uma armadilha para acabar com o romance.

[20] Situado em um sobrado localizado na esquina da Rua Visconde do Rio Branco, que posteriormente foi utilizado como a sede da Secretaria do Interior.

[21] Personagem da peça Shakespeare, *Otelo*.

[22] Uma argola de ferro presa ao tornozelo do detento, conectada à sua cintura ou ao pé de outro detento por meio de uma corrente de ferro.

[23] Avareza.

[24] Sociedade recreativa do Rio de Janeiro, onde as melhores famílias se encontravam para rapazes e moças dançarem e namorarem.

[25] Teatro na Rua Treze de Maio, famoso por sua acústica. Construído em 1871 e demolido em 1933.

[26] Festa que acontece à noite.

[27] Disfarçada.

[28] No século XIX o jantar era servido às 16 horas.

[29] Sem impedimentos, livremente.

[30] Romance de 1848, escrito por Alexandre Dumas.

[31] Mulher dissoluta, cortesã, na antiguidade grega. Por extensão, mulher que se prostitui.

[32] Tratamento muito usado na época da escravidão, e hoje quase extinto, dado às moças, meninas e senhoras.

[33] Objeto de desejo, em latim.

[34] Ópera cômica em dois atos de Gaetano Donizetti, escrita e encenada em 1840, na França. Marie, a "Filha do Regimento", adotada pelo sargento quando ainda era uma criança órfã, se apaixona por um prisioneiro do batalhão, mas só tem autorização para casar-se com um soldado do 21º regimento.

[35] Do francês, "Cadeia de damas", passo de dança, típico da quadrilha, onde as mulheres davam-se as mãos alternadamente, trocando de lugar

e formando uma roda enquanto os cavalheiros ficavam ao centro.

[36] Ricaço.

[37] Futilidades.

[38] Câncer com predominância de tecido conjuntivo, resultando em uma textura firme.

[39] Preto trazido da Costa do Ouro na África Ocidental, mais especificamente na cidade de Elmina (Gana, golfo da Guiné) em São Jorge da Mina, uma fortaleza portuguesa na foz do rio Benya.

[40]Cantora lírica estrangeira que passou uma temporada na cidade do Rio de Janeiro, no antigo Teatro Provisório

[41] Ópera composta em 1853 por Verdi, baseada em Damas das Camélias, de Alexandre Dumas.

[42] "Ah! Talvez seja ele quem dá a vida" — tradução livre.

[43] "Loucura!.. Loucura!... Vão delírio é isso! Pobre mulher, sozinha e abandonada, neste populoso deserto que chamam de Paris, que mais espero?... O que devo fazer?... Mais!... Mais

desejo! Sem vórtice, de alegria voluptuosa! Dia!." — tradução livre.

[44] Demasiadamente.

[45] Hoje incorporada à Av. Presidente Vargas. Começava na R. Visconde de Itaboraí e terminava na Praça da República.

[46]Ausência de ação ou movimentação.

[47] Desejo, ambição.

[48] Lugar de tormento eterno pelo fogo, tortura, suplício. Refere-se ao vale de Hinom, do segundo testamento, tratando-se do símbolo da destruição eterna.

[49] Desarmonia.

[50] Em segredo, sem alarde.

[51] Carruagem fechada de tração animal, de duas portas e dois lugares, com cocheiro utilizando um banco à frente.

[52] Beijo.

[53] Que é mais comprido que largo.

[54] Ignácio Pleyel, fundador da fábrica de pianos em Paris.

[55] Casaco curto, justo ao corpo, usado por mulheres.

[56] Tecido fino e transparente, de linho ou algodão, utilizado em rendas e bordados, primitivamente fabricado em Cambraia, cidade da França.

Segunda Parte

[57] "Pensamento poético" — tradução livre. Composição de Franz Liszt (1811 – 1866).

[58] Escrito por um francês que fez inúmeras obras sobre higiene, fisiologia e magnetismo.

[59] Ato de ser irascível, irritar-se facilmente.

[60] Manchado.

[61] Abertura ou porta situada no costado de navio para entrada e saída dos passageiros e tripulação.

[62] Embarcação a remo e a vela, de proa fina e popa quadrada.

[63] Do espanhol, pequenos voos.

[64] Rua do Senador Pompeu, no Centro.

[65] Jovem grego, amante do imperador romano Adriano, teria seduzido o imperador com sua beleza divina.

[66] Tântalo, uma figura lendária, enfrentou um castigo por ter compartilhado os alimentos dos deuses com os mortais, foi condenado a estar próximo da água, que se retirava quando ele tentava bebê-la e debaixo de árvores que recuavam quando ele tentava colher seus frutos.

[67] Túnica dada a Djanira, na mitologia grega, que garantia fidelidade amorosa de quem a vestisse. Continha o sangue do próprio Nessus e pregava-se à pele de quem a usava.

[68] Sacerdotisa de Baco; mulher devassa, libertina.

[69] Deus menor do mar que tomava conta dos rebanhos de focas e outros animais marinhos. Era dotado do poder de se metamorfosear multiplamente.

[70] Atrevimento.

[71] Sorte, fado, destino, imposto por um poder sobrenatural.

[72] Da natureza do fogo. Inflamável.

[73] Personagens de *Divina Comédia*, de Dante Alighiere.

[74] Segundo a Bíblia, Judeu errante.

[75] Confeitaria na Rua do Ouvidor.

[76] Tomaria providências.

[77] Desejo veemente.

[78] Soldado que auxiliou Cristo a levar a sua cruz.

[79] "Não fazer nada" — tradução livre.

[80] Que ou aquele que foi banido da sociedade; malvado, detestado, infame. No sentido religioso, "réprobo" descreve alguém que recebeu a condenação às punições do inferno.

[81] Carruagem puxada por cavalos, geralmente com quatro rodas e aberta.

[82] O edifício, atualmente ocupado pelo Palácio da Reitoria da UFRJ, é localizado na esquina da Avenida Pasteur com a Rua Wenceslau Brás, na Praia Vermelha, e teve seu nome alterado para Hospício Nacional de Alienados após a proclamação da República.

[83] Síndrome de De Clèrambault, considerada um transtorno erótico, trata-se da convicção de que alguém secretamente o ama. Delírio erótico.

[84] Eliminação de sangue do trato respiratório pela tosse, sintoma típico da tuberculose.

Referências bibliográficas

DÉLIA. *Celeste*. 2º Milheiro. Rio de Janeiro: Magalhães & Cia., 1893. (Livraria Memorial). Disponível em <https://www.livrariamemorial.com.br/peca.asp?ID=12760690>. Acesso em 8/7/2023.

MACAMBOÁ. "Dominicaes". Niterói, *O Fluminense*, n. 2810, ano XVIII, out. 1895. Disponível em <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=100439_03&pesq=%22camara%20bormann%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=4009>. Acesso em 21/7/2023.

MENDES, L. & CAMELLO, C. G. "O homem (1887), de Aluísio Azevedo, como best-seller erótico". vol. 21/3, Rio de Janeiro, Alea: *Estudos Neolatinos*, set./dez. 2019, pp. 65-80.

MOTTA, Acrísio. "Celeste por Délia". Belém, *Gazeta Postal*, n. 90, ano XVIII, nov. 1893. Disponível em

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=820830&pesq=%22romance%20d%C3%A9lia%22&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=173>. Acesso em 28/8/2023.

OLIVEIRA, C. & SILVA, A. C. S.; "Apresentação: Moda, mulher e imprensa no Brasil" *Dobras*, vol. 14, n. 29. São Paulo, 2020.

PINHEIRO, Alexandra Santos. "Entre contratos e recibos: o trabalho de um editor francês no comércio livreiro do Rio de Janeiro oitocentista". In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, Mercado de Letras, 2008.

RODRIGUES, P. R. & QUEIROZ, J, M. "O tornar-se escritora em Lésbia (1890), de Maria Benedita Câmara Bormann (Délia)". *Raído*, vol.14, n.35. Dourado-MS, 2020, pp. 261-281.

TELLES, N. *Délia*. Disponível em <https://www.normatelles.com.br/délia>. [s.d.]. Acesso em 21/7/2023.

VOLPINI, J. W. *O literário feminino nos romances oitocentistas de Délia: tradição e ruptura.* Juiz de Fora, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019 (Tese de Doutorado).

Título	Celeste
Autoria	Délia [Maria Benedita Câmara Bormann]
Organização	Arieta Marafon Fabrício
Coordenação editorial	Márcia Abreu
Preparação do original	Alice Siqueira Ribeiro
Revisão	Enzo Enrico Gaio de Carvalho
	Leticia Da Silva Reis Santos
Diagramação	Alice Siqueira Ribeiro
Design de Capa	João Pedro Missi Pereira
Capa	Alice Siqueira Ribeiro
Imagem da Capa	Alice Siqueira Ribeiro com AI DALL- E 2
Projeto Gráfico	Presto Kowask
Formato	10,5 x 18 cm
Tipologia	Minion Pro

Em *Celeste*, Maria Benedita Bormann, sob o pseudônimo Délia, conta a história de uma mulher que decide se casar com o homem que ama. No entanto, a noite de núpcias transforma-se em um pesadelo, despedaçando seu sonho romântico. Aprisionada em uma união que se deteriorava rapidamente, Celeste enfrenta as torturas do casamento do século XIX. O livro expõe os sofrimentos e os desamores da instituição matrimonial, especialmente por meio de um evento traumático de abuso, que a leva a transformar sua vida. Em um período em que as mulheres eram vistas como submissas, Celeste destaca-se como uma mulher libertina e destemida, que escolhe seus próprios parceiros e decide, por si mesma, quem merece seu amor. O aparecimento de um romance como este representa, sem dúvida, a coragem de sua criadora.